

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

GLADYS PARISH SEIXAS

**A NOÇÃO DE CORPO EM ROUSSEAU NAS
RELAÇÕES COM OS DIVERSOS ASPECTOS DE SUA
OBRA E DE SEU PENSAMENTO**

Salvador/Ba

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

GLADYS PARISH SEIXAS

**A NOÇÃO DE CORPO EM ROUSSEAU NAS RELAÇÕES COM OS
DIVERSOS ASPECTOS DE SUA OBRA E DE SEU PENSAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Filosofia e Teoria Social.

Orientador: Prof. Dr. Genildo Ferreira da Silva.

Salvador/Ba

2014

Seixas, Gladys Parish

S462 A noção de corpo em Rousseau nas relações com os diversos aspectos de sua obra e de seu pensamento. – 2014.
XXX f.

Orientador: Profº Drº. Genildo Ferreira da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2014.

1. Filosofia francesa. 2. Antropologia Filosófica. 3. Homem.
4. Corpo humano (Filosofia). 5. Natureza. 6. Sociedade. I. Silva,
Genildo Ferreira da. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 194

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

GLADYS PARISH SEIXAS

**A Noção de Corpo em Rousseau nas relações com os diversos aspectos de
sua Obra e de seu Pensamento**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Filosofia e Teoria Social.

Orientador: Prof. Dr. Genildo Ferreira da Silva.

Data da Aprovação: 28 de julho de 2014

Banca Examinadora:

Dr. Genildo Ferreira da Silva / UFBA (orientador)

Dr. Luciano da Silva Façanha / UFMA (Examinador Externo)

Dra. Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave / UFBA (Examinadora Interna)

Aos meus amores

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente às forças que governam o universo, pela vida, saúde e disposição com que consegui realizar meu trabalho, cuja construção exigiu muita organização, compromisso, responsabilidade, cautela e entusiasmo.

Agradeço à minha família, pelo apoio, incentivo e carinho que me dedicaram constantemente, considerando que muitas vezes, devido ao acúmulo de funções, o esgotamento, o desânimo e a tristeza se manifestavam, já que as dificuldades estavam presentes ao longo do caminho.

Agradeço particularmente aos meus filhos pela atenção, confiança e amor de sempre, e pela compreensão em abdicar de algumas horas em minha companhia, no sentido de facilitar a elaboração da minha pesquisa. Agradeço também ao meu companheiro, pela constante dedicação, além do carinho e preocupação em auxiliar-me de todas as formas possíveis, entendendo inclusive as minhas carências e minhas ausências.

Agradeço ao meu Orientador, o Prof. Genildo Ferreira da Silva, pela disposição, contribuição e ajuda constantes. Agradeço também ao Prof. Mauro Castelo Branco e à Profa. Carlota Ibertis pelas contribuições dadas para o enriquecimento do meu trabalho, e que foram indispensáveis.

Agradeço aos meus amigos pela colaboração, força e paciência que me dispensaram, no sentido de encorajar-me para concretizar a minha pesquisa, além de estarem sempre abertos a constantes diálogos, nos quais estavam presentes minhas dificuldades, dúvidas e inquietações.

E agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia e aos seus professores, que direta ou indiretamente, me proporcionaram o prazer em compartilhar o conhecimento, que independente do tempo e do espaço, engrandeceu consideravelmente minha vida.

RESUMO

O corpo é um tema que apesar de ser constantemente mencionado por Rousseau em suas obras, não foi reconhecidamente explorado, e nesse sentido, acabou sendo relegado como algo insignificante, diante de outros assuntos que foram considerados muito mais impactantes no pensamento do autor, em função da crítica que empreende à sociedade do seu tempo. Mas, observando atentamente, percebe-se o esforço e persistência de Rousseau em abordar o corpo de diferentes formas ao longo do seu discurso, demonstrando, sobretudo, sua relevância e significado na vida humana, desde o início da sua investigação antropológica. No *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, Rousseau descreve o processo de desenvolvimento do corpo do homem desde sua origem até a construção da vida social, visando, sobretudo, explicar o processo de desnaturação e degeneração humana, cujo discurso revela uma preocupação considerável com questões biológicas, e que se complementam com discussões éticas, linguísticas e sociais, que evidenciam o corpo como um instrumento indispensável para o entendimento e preservação da espécie humana. No *Emílio*, Rousseau propõe ideias que possam ajudar na formação do homem, no sentido de contribuir para sua reformulação interna, e nesse sentido, enaltece a educação do corpo como uma forma de levá-lo a conhecer-se, percebendo seus próprios limites para desenvolver-se física e moralmente, a fim de tornar-se virtuoso para controlar as paixões, de modo a reencontrar suas características naturais, e através de suas ações ser capaz de organizar adequadamente a sociedade, para o bem comum.

Palavras-chave: Rousseau, homem, corpo, sensibilidade, natureza, sociedade.

RÉSUMÉ

Le corps est un thème qui bien que constamment mentionné par Rousseau dans ses oeuvres, n'a pas été exploité comme il le méritait, et dans ce sens, il a fini par être relégué comme quelque chose d'insignifiant, face à d'autres sujets qui ont été considérés bien plus importants dans la pensée de l'auteur, en fonction de la critique qu'il a faite de la société de son temps. Mais une observation attentive permet de percevoir l'effort et la persistance de Rousseau dans le traitement du corps sous différentes formes tout au long de son discours, démontrant, surtout, son importance et son sens dans la vie humaine, dès le début de sa recherche anthropologique. Dans le Discours sur l'Origine de l'Inégalité, Rousseau décrit le processus de développement du corps de l'homme depuis son origine jusqu'à la construction de la vie sociale, visant, surtout, à expliquer le processus de dénaturation et de dégénération humaine, révélant par son discours une préoccupation considérable pour les questions biologiques, qui sont complétées par des discussions éthiques, linguistiques et sociales, mettant en évidence le corps comme instrument indispensable à l'entendement et à la préservation de l'espèce humaine. Dans *Émile*, Rousseau propose des idées capables d'aider à la formation de l'homme, dans le sens de contribuer à sa reformulation interne, et dans ce sens, il exalte l'éducation du corps comme un moyen de l'amener à se connaître, par la perception de ses propres limites pour se développer physiquement et moralement, afin de devenir vertueux pour contrôler ses passions, de manière à retrouver ses caractéristiques naturelles, et à travers ses actions, être capable d'organiser adéquatement la société, pour le bien commun.

Mots-clés: Rousseau, homme, corps, sensibilité, nature, société.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAP. I - O CORPO NO ESTADO NATURAL	14
A Natureza e o Homem	16
As Experiências Humanas	25
CAP. II – O CORPO NO ESTADO SOCIAL	45
As Mudanças	47
As Doenças	57
CAP III – O CORPO NO PROCESSO EDUCATIVO	69
Autoconhecimento	79
Paixões e Impulsos	87
Formação das Virtudes	98
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

INTRODUÇÃO

A presente dissertação sobre a noção de corpo em Rousseau nas relações com os diversos aspectos de sua obra e de seu pensamento: corpo/alma, causas físicas/causas morais, teorias da degeneração, medicina e doenças, organismo natural ou artificial etc., tem como objetivo reconhecer o valor do corpo no processo de desenvolvimento da espécie humana, como se efetiva sua articulação na vida e o significado que este adquire ao longo das experiências vividas. Considerando que é um tema amplo e provocativo, pretende-se analisá-lo na intenção de revelar que este pode passar a ser pensado como constituinte das experiências e lutas conflitantes protagonizadas pelo homem.

No bojo da proposta antropológica rousseauniana, pretende-se destacar as interpretações, representações e sentidos atribuídos ao estudo do corpo. A partir do momento em que Rousseau analisa vários aspectos que se referem à existência humana, o corpo passa a ser um referencial extremamente relevante, já que é o fundamento, a base que estrutura a vida, possibilitando ao homem viver, sentir, compreender, agir, se relacionar etc..

A argumentação de Rousseau em torno do corpo revela uma ampla reflexão, que assume uma postura diferenciada, já que desestabiliza e desconstrói ideias prefixadas ao longo da história, justamente porque este não é interpretado como um elemento inferior, mas como um suporte necessário à existência humana. O que se pretende demonstrar é que o corpo não é um mero aparato físico utilizado no discurso do autor unicamente para comentar e definir aspectos da vida humana, mas é um componente insubstituível, a ponto de pôr em marcha mudanças existenciais significativas.

O corpo parece ser um tema secundário na obra de Rousseau, quando se observa que as ideias que mais se destacam são sempre representadas em seus discursos sobre democracia, desigualdade, liberdade, educação, propriedade, vontade geral etc., mas quando se analisa mais especificamente os argumentos presentes em algumas de suas obras, e que possibilitam identificar e mensurar o corpo dentro do seu pensamento, sobretudo, no Segundo Discurso e no Emílio, percebe-se que este se apresenta como uma referência constante, mas de modo subjacente, que muitas vezes pode passar despercebido.

Os pressupostos que buscam construir esse olhar diferenciado do corpo nesse estudo se referem à forma como aborda o tema no *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, deixando em evidência a questão da desigualdade física presente no estado natural e que revela características próprias de cada indivíduo, além de

exigir de cada um o desenvolvimento de um corpo forte e saudável, capaz de resistir às exigências naturais, de modo a promover a preservação da espécie.

As ideias propostas por Rousseau fundamentam uma nova visão do corpo, já que este pode ser interpretado como um elemento que contribui consideravelmente para a compreensão do significado da existência, pois permite deslocá-lo para diferentes dimensões da vida, sobretudo a biológica, a social, a ética, a cognitiva etc., e que possibilitam pensar a história humana sob um novo olhar. Assim, considerando as ideias que permitem traçar esse novo caminho, e que se referem ao aperfeiçoamento do corpo humano no estado natural e as condições de vida neste estágio, pretende-se demonstrar como o autor perfila seus argumentos sobre corpo, na tentativa de poder interpretá-lo como uma espécie de fundamento ou mesmo um apoio que sustenta várias hipóteses apresentadas ao longo de seu discurso e que interfere na própria existência, a partir do momento em que deixa entrever as ações do próprio homem para conservar a si mesmo e a toda a espécie, já que é nele que, como afirma Rousseau, se encontra a força que a natureza concedeu à espécie humana.

Considerando o estudo do corpo, a pesquisa tentará problematizar se à luz da socialização do homem, conforme interpretada por Rousseau, o corpo aparece com alguma relevância, já que a análise comparativa que o autor estabelece no *Segundo Discurso* entre os supostos estados vivenciados pela humanidade evidencia uma mudança estrutural nas suas condições materiais de vida, e que inevitavelmente acaba interferindo em seu equilíbrio físico e psíquico. Diante disso, pretende-se descrever as experiências humanas nos estados natural e social, no intuito de apontar as transformações mais significativas que servem de referencial para estabelecer uma análise mais específica entre esses diferentes momentos apresentados por Rousseau.

Com a tese do estado natural *versus* o estado social, Rousseau problematiza a existência humana, o destino do homem, o processo de corrupção da sociedade, a normatização, as crenças, a vaidade etc., entre outras questões que podem conduzir ao estudo do corpo. Além disso, tais ideias possibilitam, também, evidenciar a participação ativa do corpo dentro de toda a complexa estrutura da vida humana, o que abre precedentes para identificá-lo como uma espécie de fundamento que enriquece consideravelmente a sua antropologia, pois, descrevendo o seu desenvolvimento, pode-se perceber os ganhos e as perdas atribuídas à vida humana.

Reconhecendo a relevância dessa discussão em torno do corpo e visando demonstrar o potencial significativo do estudo feito por Rousseau, a pesquisa se estrutura em três capítulos; inicialmente especificando as experiências do homem no estado natural e toda a sua

construção individual, já que seu corpo será um instrumento que lhe permite lutar pela vida, se adaptar ao ambiente, se localizar no espaço, sentir plenamente a vida, quer seja por intermédio do prazer ou da dor.

Como afirma Rousseau no *Segundo Discurso*, para que o homem pudesse continuar existindo no estado natural, necessitou desenvolver um corpo forte e saudável o suficiente para ajudá-lo a vivenciar as experiências individuais e intransferíveis que o levaram a resistir às mudanças do ambiente, tornando-o um ser inigualável. A experiência que o homem vivencia nesse estado lhe permite viver plenamente livre, e conseqüentemente ser feliz, tranqüilo e equilibrado, já que não existem condicionantes, pois é apenas um ser de sensações, solitário, instintivo, e irracional, cujas ações são impulsionadas por suas necessidades físicas, como alimentação, sexo e repouso, e são fundamentais para que possa desenvolver um corpo saudável, a fim de resistir às exigências do mundo hostil no qual vivia.

No Segundo Capítulo a pesquisa tentará focar especificamente nas observações feitas por Rousseau sobre o corpo no estado social, as mudanças que se efetivam individual e coletivamente e todas as conseqüências que surgem, decorrentes do desenvolvimento do corpo humano, e que favorecem a ampliação das questões sociais, pois convivendo com o outro, o homem será lançado para fora de si mesmo. Para Rousseau, com a sociabilidade, ocorrem profundas mudanças que conseqüentemente afetam o corpo do homem, já que em função das normas que são estabelecidas seu comportamento passa a ser regulado, exigindo a repressão dos seus instintos e anulando a sua vontade, tornando-o menos ativo e favorecendo o surgimento de doenças.

Ao longo de sua caminhada, o homem aprimorou esse corpo em todos os sentidos e desenvolveu faculdades cognitivas que possibilitaram aprender a ampliar sua percepção e participação, já que é o corpo que lhe possibilita sentir, ou seja, ter contato com as sensações que o mundo lhe provoca e a partir delas entender e modificar o processo da existência. Com a cognição, o homem começa a se socializar, transformando seu modo de vida e criando novas possibilidades a partir da participação do outro, ou melhor, de outros corpos, daí aprende a se relacionar, se comunicar. Com a vida coletiva, foi necessário um acordo social, que introduziu uma forma de mediação para que os homens pudessem satisfazer suas necessidades naturais sem violar a ordem estabelecida, e, nesse sentido, criaram as leis, a moralidade, e a partir daí aprendem também a controlar o próprio corpo, contrariando sua natureza interna, seus desejos em função do bem comum, mas originando também necessidades artificiais, além de construírem a história.

Tentando identificar o lugar do corpo na filosofia rousseauiana, considerando especificamente a sua teoria do estado natural, seria conveniente sugerir-lo como algo que está além da aparência, que representa efetivamente a expressão de uma essência natural, plena e absoluta e que faz do homem um ser livre, equilibrado e ativo, pois é a expressão de sua vontade interna, cujos desejos individuais irão mobilizar seu corpo a agir no mundo, visando unicamente sua satisfação. É justamente a satisfação desses instintos corporais que levará o homem a ter paz, saúde, liberdade, pois ainda não existem normas, não existem interdições que o forcem a agir contra a sua vontade; o homem natural é impulsionado unicamente pela natureza, pela necessidade, e como não se percebe separado desta, estes se tornam a representação de uma única realidade; além do que, não existem ideias, valores, crenças, comparações, moralidade etc..

Quando passa a viver coletivamente, tudo se modifica, e com a norma social, o homem é obrigado a esquecer a sua natureza, suas necessidades individuais, sendo lançado para fora de si, já que ocorre um choque entre o que realmente deseja e as exigências sociais, originando com isso, sérias consequências que desestabilizam o seu corpo e sua alma, pois abdica de seus desejos individuais em nome da coletividade.

Assim, a análise de Rousseau pode favorecer a ideia de corpo como um elemento que possibilita e sustenta a história do homem, que é condição para intensificar o transitar na existência e permite a transformação em todo o contexto humano, principalmente da sua subjetividade, pois no que se refere à mediação entre o passado e o presente, é ele que se modifica, e em consequência, modifica a estrutura interna do homem e de modo geral toda a vida, pois através da evolução de sua própria estrutura, permite a mudança na história. O corpo é o ponto de partida para a efetivação e o entendimento do processo da existência humana, pois é a partir dele que a vida se efetiva, se transforma e se extingue.

Especificamente com esses dois primeiros capítulos, a intenção será realizar um estudo comparativo, identificando esses estados e as mudanças da estrutura física e subjetiva do homem a partir da invenção da vida social. Tentando evidenciar as ideias e argumentos do autor, pretende-se demonstrar que o processo de desnaturação proporciona perdas e ganhos à vida, mas que sem dúvidas fornece indicativos que ampliam a visão histórica do homem, e, sobretudo, do seu corpo.

Destacado o processo de desnaturação do homem, o Terceiro Capítulo estará centralizado nas ideias referentes ao corpo no processo educativo, que são fundamentais para trazer à luz a intenção de Rousseau em pensar uma solução para o problema da degeneração humana, propondo uma espécie de reformulação do homem que vive em sociedade, pois

através da educação o homem pode encontrar o seu lugar, definindo o seu papel na sociedade, já que é um processo de construção da alma humana que deve ser iniciado desde o nascimento. Rousseau propõe ensinar o homem a ser homem, e para isso deixa clara a necessidade da educação do corpo para desenvolver uma constituição física adequada, além de ser importante também no desenvolvimento da moralidade, no sentido de ajudar na formação de uma sociedade equilibrada, pois irá apelar para a consciência do homem, esta que é o seu verdadeiro guia.

Na sua proposta de educação, Rousseau dará atenção especial às experiências sensoriais do homem, tornando o corpo o ponto de partida de suas análises, e que deve ser observado em todos os seus aspectos, pois é ele que sente, pensa e vive as experiências. Como o homem deve aprender a sentir a vida, deve usar o seu corpo, pois, como é um ser sensível, tudo que o cerca, provoca sensações diferenciadas, sendo justamente a educação que irá orientá-lo para aprender a sentir através do corpo, no sentido de dimensionar as suas forças, para que possa conhecer a si próprio e ao mundo, mas levando em consideração primeiramente seu sentimento e, posteriormente, a razão.

O Emílio é uma obra investigativa singular, que trata de aspectos específicos da problemática da educação do século XVIII e suas consequências. Dentro desse estudo, Rousseau consegue traçar um caminho novo, que possibilita o entendimento da educação de forma ampla e significativa, buscando estabelecer uma conexão entre o corpo, o conhecimento e o mundo. Esse olhar sobre a educação rompe com teorias tradicionais que estavam preocupadas unicamente com o conhecimento intelectual, sobretudo a memorização de conteúdos, e por isso desconsideravam as particularidades do sujeito do conhecimento. A proposta de Rousseau abre espaço para uma análise mais ampla do processo educativo, trazendo uma discussão sobre vários aspectos que são essenciais para a formação do homem e que se referem especificamente às etapas de desenvolvimento, ao desempenho e iniciativa individual, às experiências concretas, à liberdade, e também à educação do corpo. Para ele, além de ser altamente benéfica para a saúde do homem, a educação do corpo exercita os sentidos, ampliando a percepção e ativando a inteligência, além de contribuir para a formação da virtude, desenvolvimento do autoconhecimento e controle das paixões.

CAP. I - O CORPO NO ESTADO NATURAL

Como um pensador inquieto e inconformado com os acontecimentos da sociedade do seu tempo, Jean-Jacques Rousseau, em sua obra *O Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, empreende um verdadeiro estudo sobre o homem e a natureza humana, buscando identificar as causas do processo de corrupção da sociedade, da degeneração do homem e a conseqüente origem da desigualdade, e acaba construindo uma obra bastante significativa, cuja riqueza de detalhes contribui para transformá-la numa espécie de tratado antropológico, que se transformou numa fonte de orientação para o desenvolvimento da própria antropologia. E mesmo que o método utilizado pelo autor se fundamente em suposições, a partir das suas observações, abstrações, sentimento e experiências, este utiliza argumentos racionais com a intenção de elaborar uma análise pormenorizada sobre a história da civilização. Isto porque, “toda a obra de Rousseau está centrada no conhecimento do homem. Rousseau leva ao estudo do homem, todas as questões que se coloca” (DERATHÉ, 1984, p. 109).

Com esse estudo, Rousseau tenta interpretar o processo histórico da humanidade e através de metáforas, reconstitui os supostos estágios vivenciados pelo homem no processo de desenvolvimento, fazendo uma análise comparativa de suas vivências no estado natural e social, com o objetivo de questionar e tentar desvendar o que provocou a alteração da sua essência, do seu eu, que para ele é sinônimo de natureza interna, de sentimento, e que acaba ignorada com a vida em sociedade. Nessa dinâmica, empreende uma investigação que aponta uma dicotomia presente em todo o processo da vida humana, que se configura entre as exigências do eu e as exigências do mundo, e que acaba desestruturando o homem em diversos níveis, pois lança-o para fora de si mesmo.

Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um animal feroz do que a um deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas, sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição física dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer, mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível (...) (ROUSSEAU, 1978a, p. 227).

Com o mito platônico da Estátua de Glauco, Rousseau origina uma discussão bastante significativa, já que tenta demonstrar todas as mudanças que ocorrem no homem pela ação do tempo e das coisas, na tentativa de separar o que realmente pertence à sua natureza e o que

foi acrescentado a partir das circunstâncias e do progresso, ou seja, o que é natural e o que é artificial. Para ele, as alterações da alma humana se dão em virtude do movimento da história, em função da aquisição de uma grande quantidade de conhecimentos e de erros e pela mudança que ocorre na constituição dos corpos, devido às paixões, estas que contribuem para transformar a aparência do homem a ponto de torná-lo quase irreconhecível. Mas, para Rousseau, o que é corrompido é apenas a exterioridade do homem, porque o mal permanece fora do homem, já que este possui uma natureza oculta que é sua identidade original e que não pode ser modificada, sendo na verdade a única instância capaz de salvar o próprio homem.

Em sua antropologia, Rousseau analisa vários aspectos da vida humana, no sentido de ampliar a sua investigação e conseguir respostas que possam orientá-lo a entender cada vez mais os detalhes que levaram o homem a sofrer modificações. E como buscar entender o homem inclui indiscutivelmente um estudo minucioso que envolve diversas informações, Rousseau analisa os diferentes setores que se referem à vida humana, refletindo sobre questões sociais, cognitivas, morais, estéticas, políticas, linguísticas, e, sobretudo, físico-biológicas.

Nesse estudo, Rousseau manifesta claramente uma atenção especial ao corpo no processo de desenvolvimento do homem, mostrando-o como um instrumento essencial para sua existência e preservação da espécie, e que está subordinado à própria natureza. Além disso, talvez seja pertinente observar que buscar entender o processo de formação da sociedade é buscar entender o próprio homem, como ele entende o mundo e a si mesmo, como ele se relaciona e, conseqüentemente, o significado que atribui ao papel do seu corpo na sua história.

Na Primeira Parte do *Segundo Discurso*, o estudo da estrutura física do homem torna-se o ponto de partida que orienta a construção argumentativa do autor, pois o corpo é o que estrutura a existência, onde tudo acontece, conferindo forma e movimento para que as experiências possam se efetivar, estas que segundo ele, são imprescindíveis para o aprimoramento do próprio homem. O corpo é que possibilita ao homem viver, sentir, se perceber e perceber o mundo, se produzir, ao mesmo tempo em que é produzido pela cultura, e através das experiências sucessivas potencializa-o a desenvolver habilidades necessárias à sua sobrevivência.

A análise de Rousseau sobre o corpo humano no *Segundo Discurso*, talvez possa ser interpretada como a “chave” para explicar a progressiva mudança das experiências, comportamento e atitudes humanas, haja vista que as condições materiais da existência impelem o homem a agir, interferindo no seu processo individual, que é particular e

provisório, e que também ocorre de acordo com as exigências e estímulos do ambiente, promovendo o desenvolvimento de múltiplas atividades funcionais que o levarão a aprimorar-se através dos movimentos que empreende na natureza para ocupar o seu lugar.

Tal investigação pode também apontar para uma nova vertente a ser investigada na filosofia rousseuniana, colocando o corpo não mais como um elemento inferior, como foi interpretado ao longo da história, mas como um suporte existencial extremamente dinâmico e atuante, que confere ao homem o poder de perceber e entender o mundo e a si mesmo. Tais ideias acabam fornecendo indicativos que ampliam ainda mais o referencial de corpo no Séc. XVIII, além de contribuir para enriquecer as discussões elaboradas pelo autor, favorecendo, inclusive, o desdobramento de novas interpretações que se estendem até a atualidade.

A NATUREZA E O HOMEM

Como adepto da filosofia naturalista, Rousseau coloca a natureza como elemento constitutivo de suas reflexões, e isto se evidencia em quase todas as suas obras, na tentativa de provocar uma discussão que tenha como princípio uma reformulação das atitudes do próprio homem, no sentido de regenerá-lo, e dessa forma, apela para essa instância potencialmente significativa, que é a natureza, e que segundo ele, seria sinônimo de espontaneidade, de ordem, de perfeição, de bondade; uma espécie de regulação harmônica que controla a totalidade dos seres e de suas partes. Nessa perspectiva, o homem poderia ser visto como parte da natureza, e o corpo, como parte do homem, este que estaria efetivamente interligado a natureza, apesar de ter rompido essa relação quando passou a viver em associações, já que a ordem estabelecida tornou-se uma forma de oposição radical à ordem natural, caracterizada pela desordem e confusão.

O quadro da natureza não me oferecia senão harmonia e proporções, o do gênero humano não me oferece senão confusão e desordem! O concerto reina entre os elementos, o os homens estão no caos! Os animais são felizes, só o seu rei é miserável! (ROUSSEAU, 2004a, p. 392).

Ao elogiar a natureza e questionar a ordem humana, Rousseau tenta contrapor-se às interpretações que viam nela uma forma de oposição à civilização, sobretudo, as afirmações feitas por Hobbes, que atestavam ser a ordem humana necessária para por fim ao estado natural de barbárie. Para Rousseau, a natureza não pode estar em oposição ao homem, pois encontra-se à disposição deste em qualquer tempo e espaço, sendo a relação entre eles eterna,

apesar do afastamento promovido pelo próprio homem, porque a natureza encontra-se nele, habita-o, sendo representada muitas vezes como símbolo de grande mãe e mesmo de companheira de caminhada, pois está sempre a protegê-lo em todas as suas necessidades, permitindo que este desfrute de tudo que precisa para seu bem-estar e felicidade.

Os argumentos utilizados por Rousseau em defesa da natureza, presente em suas diferentes obras, comprova que esta é perfeita e suas leis são soberanas, não estando condicionadas à vontade ou aos caprichos do próprio homem, mas a uma necessidade, a uma exigência maior, que visa equilibrar a existência, promovendo um amplo processo de regulação que abrange todos os níveis da vida. E como o homem é parte da natureza, suas leis estão escritas em seu coração, em seu sentimento, em sua consciência, esta que seria a voz da sua alma.

A organização natural estaria sujeita a uma instância maior, que para Rousseau seria a ideia de Deus. Este é a “divina essência”, a vontade que move o universo e ordena todas as coisas, estando associado a ele também, as ideias de inteligência, potência, justiça, bondade, cuja essência infinita o homem não pode conceber, apesar de estar inscrito no seu coração, inscrito na natureza. “O ser que quer e que pode, o ser ativo por si mesmo, o ser, enfim, qualquer que seja ele, que move o universo e ordena todas as coisas, chamo-o Deus”. (ROUSSEAU, 2004a, p. 390).

O Deus proposto por Rousseau só pode ser conhecido pelos sentimentos naturais do homem, o que torna desnecessário o seu culto. Este Deus deve ser sentido, e seu poder não pode ser contestado, apenas reconhecido. “O culto que Deus pede é o do coração, e este quando sincero, é sempre uniforme” (Rousseau, 2004a, p. 420).

Para Rousseau, a natureza estaria subordinada a Deus. Ela seria a matéria organizada, ao passo que Deus seria o seu autor, sua causa; ela seria uma substância passiva que nada pode gerar sozinha, e Deus seria um princípio ativo que a controla (Cf. Costa, 2005, p. 24). Isto porque, segundo ele, nenhum ser material é ativo por si mesmo, pois a matéria é passiva e deve possuir uma causa ativa que age sobre ela. Confirmando esta ideia Rousseau afirma:

As primeiras causas do movimento não estão na matéria; ela recebe o movimento e o comunica, mas não o produz. Quanto mais observo a ação e a reação das forças da natureza agindo umas sobre as outras, mais acho que, de efeitos em efeitos devemos sempre remontar a alguma vontade como causa primeira. Creio, portanto, que uma vontade move o universo e ainda a natureza (ROUSSEAU, 2004a, p.384).

As leis da natureza representam uma totalidade que acaba por englobar outras leis e estão adequadas a uma ordem eterna, imutável, enquanto o homem seria apenas uma unidade,

uma parte dessa totalidade, apesar deste não se perceber como parte do todo. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 383). Com essa ideia, ele tenta provocar uma discussão que leve o homem a compreender o ganho que pode ter ao se aproximar da natureza e de suas leis, já que esta nada destrói, muito menos oprime ou violenta o próprio homem, que como elemento da natureza, tem sobre esta, direitos e deveres.

Supõe-se que o apelo à natureza proposto por Rousseau visa demonstrar que tudo na natureza é certo e tem uma disposição precisa, sem erros, sem contradições, pois tudo é para todos, pautando-se, sobretudo, no amor, na justiça, na liberdade e no bem. Suas leis devem permanecer como são, pois estão dispostas de maneira perfeita, e não devem ser questionadas, já que não cabe ao homem, como parte desse todo, interferir nesse processo ou desarmonizá-lo.

Rousseau não foi o único nem o primeiro no século XVIII a cunhar o lema: “Volta à natureza”. Ao contrário, ele era ouvido por todo lado nas mais diferentes variações. Recolhiam-se com fervor todas as descrições dos costumes dos povos primitivos; cada vez mais se procurava enriquecer a própria visão das formas de vida primitivas. E de mãos dadas com esse novo saber criado essencialmente a partir de relatos de viagens surge um novo sentimento (CASSIRER, 1999, p. 50).

Partindo da relevância que atribui à natureza, Rousseau constrói um discurso que considera o estado natural como o estado original do homem, como o princípio que organiza e explica a sua história. As teorias sobre o estado natural já haviam sido mencionadas anteriormente por outros pensadores, inclusive Hobbes e Locke, e alguns relatos empreendidos por viajantes e pesquisadores que investigavam a história humana, e que enxergavam o estado de natureza como um período da história insatisfatório e conturbado, caracterizado pela selvageria, que deveria ser superada pelo estado social ou civil. Todavia, Jean-Jacques Rousseau dará um direcionamento diferenciado a essas reflexões, pois para ele, o estado natural é um momento especial, positivo, benéfico, em que o homem ainda possui qualidades superiores, tendo vivenciado experiências necessárias e inigualáveis, que servem de fundamento para estruturar a vida humana.

Rousseau afirma haver um erro metodológico nas avaliações desses filósofos, pois estes avaliaram o homem natural considerando as características presentes no homem social, o que os levou a confundir o comportamento de ambos. Para ele, é necessário ir até a essência do homem para estabelecer um julgamento sobre a sua condição atual, sendo importante reconstruir a imagem desse homem primitivo e de todo o seu processo existencial. Nesse sentido, seria preciso se despir de todas as ideias sobre o homem civilizado, já que quanto

mais se optar em utilizar a razão para conhecer o homem natural, mais longe da verdade o homem permanecerá.

Enfim, todos, falando incessantemente de necessidade, avidez, opressão, desejo e orgulho, transportaram para o estado de natureza ideias que tinham adquirido com a sociedade; falavam do homem selvagem e descreviam o homem civil (ROUSSEAU, 1978a, p. 236)

No *Segundo Discurso*, Rousseau propõe que para remontar a história é preciso se distanciar de todos os fatos, já que estes são vestígios da história do homem, e acabam retendo a análise humana na própria história. Para ele, seria preciso sair da história para tentar enxergar a sua origem, no sentido de ir além, identificando suas causas para entender os seus efeitos. E visando conseguir encontrar os fundamentos que explicam a história do homem, Rousseau se volta para si mesmo.

Segundo Starobinski (1991), ele tenta partir não do seu intelecto, mas do seu sentimento, e buscando ouvir seu coração e consultar a sua imaginação, além de apoiar-se na intuição poética, constrói aquilo que para ele seria a verdadeira história da humanidade. Nesse sentido, a origem será buscada em sua subjetividade, na fonte da sua experiência consciente, elegendo a evidência interior como o lugar ideal para acolhê-lo. Assim, afastando todos os preconceitos e paixões, descartando todo o conhecimento adquirido, adentra seu universo sensitivo para investigar a infância do homem, desnudando seu próprio espírito para criar o que Starobinski chama de “sociologia histórica”.

Para Rousseau, o problema deve ser retomado no princípio, isto é, no ponto hipotético em que os grupos se formam pelo encontro dos indivíduos isolados. À custa dessa regressão ao mais distante passado, dominamos com o olhar a “multidão de séculos” em que progressivamente se modificaram as relações do homem com a natureza e com os seus semelhantes (1991, p. 198).

Assim, deixa claro que para conhecer a essência da natureza do homem é preciso ir ao encontro de um estado inexistente, evocando uma dimensão que está além do intelecto e dos sentidos, considerando sua totalidade, como coração, como sensibilidade moral. Nesse sentido, Rousseau evidencia a necessidade do homem tentar lembrar o que ficou esquecido em si mesmo, já que a relação com sua natureza foi rompida e muito se perdeu, apesar dela ainda existir, estando encoberta sob o “véu” da civilidade. Apesar de existir uma dificuldade de acesso para essa natureza interna, para o seu sentimento, ele faz questão de evidenciar que esse caminho não foi destruído, sendo ainda possível essa religação, desde que o homem se proponha, desde que ele queira verdadeiramente.

Com essa reflexão, Rousseau não pretende indicar o retorno a esse estado natural, pois isso seria impossível, mas deixar claro que esse movimento em direção às origens do homem é possível, se encontra em sua memória interior e basta simplesmente que este se volte a si mesmo, para que o puro sentimento se manifeste. Ao confiar no sentimento, Rousseau busca desvendar a identidade profunda do homem, penetrando na intimidade do seu ser e tentando revelar os valores mais primitivos que ainda se encontram implícitos nele, e com isso, acredita ter encontrado da forma mais clara possível o homem natural, na lembrança da sua própria interioridade, e afirmando ser o homem natural o símbolo de si mesmo.

A natureza não é o tema objetivo colocado e explorado por um pensamento discursivo; ela se confunde com a mais íntima subjetividade do sujeito falante. Ela é o eu, e a tarefa que Rousseau se atribui não é mais doravante, de discutir com os filósofos, os juristas e os teólogos sobre a definição de natureza, mas de narrar-se a si mesmo (STAROBINSKI, 1991, p. 282).

Assim, Rousseau acredita que a verdade sobre a história humana se encontra registrada no interior do próprio homem, em sua essência, em seu sentimento, em sua própria natureza, sendo preciso um trabalho primoroso para conseguir realizar tal tarefa, pois adentrar essa interioridade requer disposição e persistência. Segundo Starobinski (1991, p. 282), esse movimento direcionado à origem do homem revela uma preocupação com questões que, embora relativas ao “eu”, se distanciam cada vez mais do mundo humano. Com seu discurso Rousseau tenta demonstrar a legitimidade histórica da intuição, e com essa proposta, tenta reconduzir o homem a sua unidade, ao seu “eixo central”.

Oh! Homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam suas opiniões, ouve-me; eis tua história como acreditei tê-la lido não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza que jamais mente. Tudo que estiver nela será verdadeiro; só será falso aquilo que, sem querer, tiver misturado de meu. Os tempos de que vou falar são muito distantes; como mudaste! (ROUSSEAU, 1978a, p. 237).

Suas ideias pretendem esclarecer as coisas, dando um direcionamento que explique o nascimento da história humana, apesar de não estar preocupado com as comprovações do que afirma. Todavia, as explicações biológicas que elabora, e que especificam detalhes tão próprios da evolução do homem, o modo como este usa o corpo, a evolução mental, as relações de parentesco, a construção da linguagem, o estabelecimento de um postulado moral, além da construção do conhecimento, reivindicam uma explicação antropológica, já que preocupa-se em especificar os detalhes do caminhar humano na história, além de valorizar as diferentes sociedades e culturas.

Assim, no *Segundo Discurso*, Rousseau acaba desenvolvendo ideias que descrevem e analisam a construção humana desde o surgimento do homem primitivo, que se assemelhava ao animal, até a formação de grupos humanos, estabelecendo em linhas gerais o desenvolvimento da sociedade, do processo de interação e suas consequências, até o desenvolvimento de técnicas que proporcionam uma aparente melhoria na qualidade da vida humana. E mesmo que as análises propostas tenham sido interpretadas como polêmicas e provocativas, e o caráter científico das suas observações tenha sido superado, os pressupostos utilizados em sua argumentação foram incorporados ao campo antropológico pelas contribuições que favoreceram discussões enriquecedoras. Segundo Levi-Strauss, Rousseau

havia concebido, querido e anunciado a etnologia um século inteiro antes que ela fizesse a sua aparição, colocando-a, de pronto, entre as ciências naturais e humanas já constituídas. (...) Rousseau não se limitou a prever a etnologia: ele a fundou. Inicialmente de modo prático, escrevendo este *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Nele se pode ver o primeiro tratado de etnologia geral, onde se coloca o problema das relações entre a natureza e a cultura (1973, p. 41).

Para Jean-Jacques Rousseau, o estado natural é um período magnífico da história humana, em que o homem vive mais tranquilo, pois vivencia experiências de maneira mais profunda e autêntica, e como é destituído de algumas habilidades mentais, ainda possui qualidades naturais positivas, sendo essencialmente puro, ingênuo, livre. Vive a esmo, em contato direto com a natureza, e de acordo com suas exigências, além de usufruir de tudo que esta lhe concede para viver bem e feliz; é auto-suficiente e independente, e como afirma Starobinski (1991, p. 26), por estar muito próximo ainda da animalidade, vive em um lugar talvez “encantado”, onde o homem tem uma vida errante, sã, que revela um equilíbrio sensitivo perfeito, a Idade da Transparência.

A citação de Starobinski deixa em evidência que esse homem natural é movido por sentimentos tão puros, que seu coração poderia ser representado como um cristal transparente, onde nada se esconde, tudo se mostra claramente, deixando passar a luz da sua inocência, já que todo movimento que realiza é expresso em seu corpo, em seus olhos, em suas feições, e nada pode falsear sua aparência, pois esta é a expressão de sua essência.

Essa afirmação enobrece o homem desse período, mas deixa em evidencia que apesar de puro, o homem em nada se distingue dos animais, pois é movido por forças essencialmente instintivas, selvagens, que mobilizam seu ser em todos os sentidos, e como não elabora pensamentos lógicos, reage aos estímulos do ambiente de modo a considerar apenas a sua sobrevivência e a sua reprodução; daí ser desprovido de humanidade, já que não consegue

organizar a realidade, muito menos dá significado às suas experiências. É puro e ingênuo justamente por que não há racionalidade, e por isso não tem noção do que acontece ao seu redor, sendo impulsionado unicamente pela natureza, que é uma força incontável que habita o seu interior e que clama pela realização de seus impulsos, de modo a promover um equilíbrio generalizado.

Apesar de ser animalesco, o homem natural de Rousseau possui um corpo que difere de todos os outros animais, pois o desenvolvimento da sua constituição física irá elevar a sua condição, isto porque, a bipedia acaba destacando-o como ser diferenciado. No *Segundo Discurso*, Rousseau menciona esse importante aspecto que se refere à evolução do corpo do homem, descrevendo alguns detalhes que se aplicam a essa mudança específica e que elevam à condição humana no processo evolutivo.

(...) Sem levar em consideração as mudanças que se deram na conformação, tanto interior quanto exterior do homem, à medida que aplicava seus membros a novos usos e se nutria com novos alimentos, eu o suporei em todos os tempos como o vejo hoje: andando sobre dois pés, utilizando suas mãos como o fazemos com as nossas, levando seu olhar a toda a natureza e medindo com os olhos a vasta extensão do céu (ROUSSEAU, 1978a, p. 237-238).

Suas análises permitem observar que a bipedia é um fator relevante no processo de evolução do corpo humano, já que irá modificar consideravelmente as experiências existenciais do homem nesse período, pois proporciona liberar as mãos do processo de locomoção para utilizá-las em outras atividades, como subir em árvores, pegar os alimentos, segurar objetos, se defender, cuidar dos filhotes etc..

Quanto à objeção de que tal coisa levaria a nos privarmos do uso das mãos, do qual nos advém tantas vantagens, além do exemplo dos macacos, que mostram poderem as mãos ser muito bem empregadas dos dois modos, isso só poderia provar que o homem pode dar a seus membros uma destinação mais cômoda do que a da natureza e não que a natureza destinou o homem a andar de um modo diferente do que lhe ensina (ROUSSEAU, 1978a, p. 286).

Segundo Bonito (1996, p. 4), com essa mudança, o homem consegue elevar a estatura do seu corpo a uma altura capaz de ajudá-lo a observar melhor o entorno, para mover-se e localizar-se no espaço, no sentido de proteger-se de outros animais, pois hipoteticamente, em qualquer população natural, quanto maior ou mais alto for o indivíduo de cada espécie, mais facilmente ele consegue assustar os predadores. Com uma altura razoável, somado ao benefício de possuir uma visão frontal, binocular, diferentemente da maioria dos outros animais, que é lateral, permite ao homem ampliar seu campo de visão do horizonte, pois

favorece a percepção de profundidade e o cálculo de distâncias para que possa se movimentar de forma mais segura no espaço.

O modo pelo qual a cabeça do homem se acha ligada ao corpo, pois, em lugar de dirigir seu olhar horizontalmente, como o fazem todos os outros animais e como ele próprio tem ao andar de pé, ficaria ele, andando com quatro pés, com os olhos diretamente fixados na terra, situação pouco favorável para a conservação do indivíduo (ROUSSEAU, 1978a, p. 287).

Rousseau analisa a anatomia do homem, destacando a importância singular do corpo e até mesmo a sua estruturação óssea, na intenção de entender a espécie humana, e nesse sentido, deixa claro que se o homem fosse um quadrúpede, sua constituição seria desproporcional e incômoda, dificultando seu movimento, já que a parte traseira teria uma altura excessiva e acabaria por afetar a disposição dos ossos da perna, dos pés e das mãos. Suas análises são extremamente coerentes e demonstram um conhecimento amplo e detalhado da parte físico-biológica da espécie humana e dos animais, remetendo à ideia de uma disposição permanente em busca de informações que possam ampliar ainda mais a história humana.

(...) Que sendo a parte traseira de altura excessiva proporcionalmente às pernas da frente, isso determina que, quando andamos com quatro pés, nos arrastamos sobre os joelhos, formando tudo isso um animal mal proporcionado que anda pouco comodamente; que, se o homem colocasse espalmados tanto o pé quanto a mão, teria na perna traseira uma articulação a menos que os outros animais, a saber, aquela que une o cânion à tíbia; que pousando somente a ponta do pé, como sem dúvida seria obrigado a fazê-lo, o tarso, sem falar da pluralidade dos ossos que o compõem, pareceria muito grosso para ocupar o lugar do cânion e de suas articulações (ROUSSEAU, 1978a, p.287).

Apesar das observações apresentadas no *Segundo Discurso* estarem ultrapassadas, as ideias propostas acabam servindo de referencial para o posterior desenvolvimento de estudos mais sofisticados, que solicitam discussões mais específicas e certezas comprovadas. De acordo com Bonito (1996, p. 3), o processo da bipedia irá favorecer também a outras modificações na estrutura do corpo humano, porque contribui para uma mudança radical de ordem biológica, pois como a coluna vertebral torna-se ereta, seus membros superiores encurtam, os inferiores se alongam, assim como a superfície das juntas, exigindo uma reorganização na função da pelve e modificando também o formato do pé, que passa a ser disposto como uma plataforma e que permite ao homem se locomover mais facilmente, além de facilitar a sustentação do peso do corpo.

Diante de toda essa modificação na estrutura óssea, ocorre conseqüentemente uma reestruturação em toda a musculatura, além do desenvolvimento da capacidade craniana e

aumento do tamanho do cérebro, que irá influenciar, posteriormente, no desenvolvimento da linguagem, pensamento, inteligência e sensibilidade, e proporcionando ao homem a ampliação das capacidades físicas e mentais adequadas para explorar ainda mais os recursos da natureza.

Infelizmente, Rousseau não descreve detalhadamente todas as mudanças que ocorrem na estrutura física do homem, até porque esta não era a sua intenção, considerando que o foco da discussão proposta era a origem da desigualdade. Todavia, se ele considerasse tal possibilidade, enriqueceria ainda mais o *Segundo Discurso*, porque suas análises físico-biológicas, mesmo que de maneira parcial, comprovam a riqueza do seu discurso, a partir do momento que centraliza suas discussões em aspectos que são extremamente relevantes para a história humana.

Dessa forma, acredita-se que o estado natural descrito por Rousseau no *Segundo Discurso* é bastante significativo, pois revela detalhes relevantes que se referem à vida do homem e que conseguem retratá-lo fielmente, já que são observados aspectos físicos, metafísicos e morais. De acordo com Salinas Fortes (1986, p. 29), o aspecto físico será evidenciado quando Rousseau tenta esclarecer sobre a conformidade da constituição física do homem e de suas condições materiais de vida; o aspecto metafísico quando este busca esclarecer sobre os atributos ou condições de sua alma, e o aspecto moral quando esclarece sobre a conduta do homem diante de seus semelhantes.

No que se refere ao aspecto físico do homem, Rousseau dá ênfase às análises específicas sobre o conhecimento biológico e a história natural, e utilizando exemplos que se referem à fisiologia e comportamento animal, tenta analisar aspectos da fisiologia e comportamento humanos. Além disso, menciona questões discutidas pela Genética, e que se referem às características adquiridas e os efeitos do clima sobre a constituição do corpo humano, utilizando explicações que se referem aos estudos evolucionistas, à alimentação, sexualidade, territorialidade, dominação, submissão e agressão, etc..

Rousseau consegue antecipar, ainda no Séc. XVIII, as questões relativas à seleção natural, proposta pelo evolucionismo e que se referem às modificações que são desenvolvidas nos corpos dos seres vivos, cujas características favoráveis à sua sobrevivência e reprodução são hereditárias, já que se tornam mais comuns nas gerações sucessivas, ressaltando o processo realizado pela própria natureza para realizar tal ação: “A natureza torna fortes e robustos aqueles que são bem constituídos e leva todos os outros a perecerem” (ROUSSEAU, 1978a, p. 238). A teoria da seleção natural proposta por Charles Darwin (1859) defende que

apenas os indivíduos que conseguem se adaptar às condições do ambiente podem sobreviver, garantindo a perpetuação da espécie.

No que se refere às condições de vida no estado natural, se percebe que o ambiente em que o homem vive é extremamente acolhedor e abundante, como se fosse criado exatamente para servi-lo em todas as suas necessidades, estas que são atendidas plenamente, tanto que este, como vive satisfeito, não deseja conhecer muita coisa, e dessa forma, acaba desprovido de previdência e curiosidade. A natureza por estar sempre a sua volta, lhe é tão familiar, que torna-se indiferente, já que não a percebe como algo diferente de si mesmo, e por isso, estes se confundem, tornando-se uma só coisa, o que revela um grau de complementaridade absoluta, cujo equilíbrio só será rompido quando o homem passa a civilizar-se.

De acordo com Starobinski (1991) o homem natural, identifica a exterioridade como algo semelhante a si, como se fosse uma extensão de si, em que ambos se confundem; o homem faz parte do mundo, e o mundo faz parte do homem, “num acordo harmonizado entre a necessidade, o desejo e o mundo” (1991, p. 298). Isto quer dizer que os desejos humanos são inspirados pela natureza e como são rapidamente satisfeitos, impossibilitam que surja a consciência da falta, daí o equilíbrio elementar da plenitude fechada nesse estado, daí a felicidade, pois vivendo nesse paraíso, seu poder é absoluto e sublime, já que o foco da sua existência está em si mesmo, em sua satisfação, e dessa forma, o mundo lhe pertence de maneira irrestrita, sem que nada o condicione ou mesmo, o aprisione.

Os argumentos utilizados por Rousseau para descrever o estado natural antecipam também ideias que se referem à ecologia, apesar do termo só surgir em 1869, e que se refere à relação entre o homem e a natureza, se originando do termo grego *oikos* (casa) e *logos* (estudo) e que de forma genérica, significa o lugar onde se vive. Assim, o discurso de Rousseau consegue antecipar a representação da natureza como a “casa” do homem, destinada a protegê-lo em todos os sentidos, cujos mananciais oferecem a todos os animais provisões e refúgios constantes, e que lhe proporcionam prazer, satisfação e realização em todos os sentidos.

AS EXPERIÊNCIAS HUMANAS

Rousseau deixa claro que vivendo em contato direto com a natureza, o homem que vive nesse estado é um ser apenas de sensações e que deseja somente aquilo que está ao seu redor, ao seu alcance, pois como ainda não consegue elaborar pensamentos lógicos, sendo desprovido também de imaginação, não pode desejar aquilo que ele não percebe. Nesse

sentido, seus desejos são os desejos do seu corpo, são na verdade, suas necessidades físicas, estas que são facilmente satisfeitas pela natureza.

Talvez esse argumento possa sugerir que sendo a vida do homem natural pautada na satisfação dos seus instintos, a sensação é o fundamento da sua existência, não existindo nenhuma forma de distinção entre sua existência e sua sensibilidade, pois estas são elementos complementares, já que para Rousseau, viver é sentir, sendo o corpo a ferramenta essencial destinada a potencializar o homem no processo de percepção.

O homem selvagem, abandonado pela natureza unicamente ao instinto, ou ainda, compensado do que lhe falta por faculdades capazes de a princípio supri-lo e depois de elevá-lo muito acima disso, começará, pois, pelas funções puramente animais (ROUSSEAU, 1978a, p. 244).

Rousseau evidencia também que o instinto do homem natural é suficiente, pois é o instrumento de adaptação à natureza; além disso, este é individualista, e como está sempre em pleno acordo consigo mesmo, é o senhor de tudo. Vive disperso, livre, independente, cujo comportamento é autocentrado, daí viver isolado, pois ainda não tem a capacidade de se perceber diferente do outro, e em função disso, não sente a necessidade de viver associado, já que a descoberta do outro, será a abertura para a sociabilidade.

Rousseau ainda descreve no *Segundo Discurso*, que a solidão do homem natural elimina o desejo de reconhecimento, de glória, porque como sua percepção ainda exclui a participação dos seus semelhantes, este não sabe comparar, e nesse sentido, não precisa fingir, sendo ele mesmo em todas as situações, de maneira autêntica, absoluta. Além disso, este homem não sente a necessidade de dominar ou escravizar o outro, já que sua vida depende unicamente de si, e como a natureza concede tudo a todos indistintamente, passa a ser vista como uma espécie de salvação do próprio homem, de abrigo, de fonte abundante, de lar.

Concluamos que, errando pelas florestas, sem palavra, sem domicílio, sem guerra e sem ligação, sem qualquer necessidade de seus semelhantes, bem como sem qualquer desejo de prejudicá-los, talvez sem sequer reconhecer alguns deles individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, não possuía senão os sentimentos e as luzes próprias desse estado, no qual só sentia suas verdadeiras necessidades, só olhava aquilo que acreditava ter interesse de ver, não fazendo sua inteligência maiores progressos do que sua vaidade (ROUSSEAU, 1978a, p. 256-257).

O homem desse período vive diferentes experiências nesse universo natural, e dessa forma, seu corpo não só é a “mola propulsora” da sua existência, como é praticamente o único condicionante que o liga à natureza e o força a agir, mesmo que desprovido de habilidades mentais mais elaboradas. Seu corpo é na verdade, a “raiz” que o prende a si e ao mundo e

alimenta seus propósitos, estes que são direcionados pela essência natural que habita o seu ser e que lhe garante o equilíbrio como um todo.

Como o corpo é que possibilita o processo sensorial que marca particularmente o sujeito desse período, talvez seja possível afirmar que para Rousseau, as necessidades físicas, em vez de unir os homens, acabam por separá-los, pois estes são auto-suficientes. O aperfeiçoamento do seu corpo é que lhe confere características que potencializam o isolamento próprio da sua condição pré-social, pois como ainda é capaz de sobreviver com a força e agilidade que dispõe, não necessita do outro.

O discurso de Rousseau deixa claro que por causa desse isolamento, o homem natural não percebe a existência do outro como ameaça ou como oposição a si, já que não tem necessidade de competir e muito menos de entrar em conflito com o outro, pois tudo está à disposição, tudo é de todos. Essa ideia talvez possa evidenciar que esse isolamento poderia ter possibilitado o exercício de qualidades positivas, particularmente o amor de si e a piedade, inibindo características negativas que surgirão, posteriormente, quando passa a agrupar-se.

Apesar de Rousseau mencionar algumas ideias que se referem ao processo de isolamento do homem natural, é importante observar outros fatores que podem ter contribuído para isso, e que interferem consideravelmente na vida humana, como as características ambientais. Apesar de não serem especificadas no *Segundo Discurso*, essas características condicionam a ação do homem, sendo determinadas em função da presença de barreiras naturais que acabam impedindo a formação de grupamentos sociais ou mesmo a interação dos indivíduos, como rios que cortam planícies, vales que acabam por dividir planaltos, o mar que separa ilhas ou continentes, além da distância.

Analisando ainda a questão do isolamento, talvez seja interessante destacar até que ponto este argumento acaba comprometendo a ideia de sobrevivência do próprio homem num ambiente tão hostil, considerando que isolado, sozinho, seria muito difícil escapar de outros animais e mesmo lutar pelo seu território, pois como ainda não pode contar com a ajuda do outro, sendo também desprovido de armas, acaba ameaçado e mesmo aniquilado. Além disso, se dependesse unicamente da constituição do seu corpo para sobreviver, estaria em desvantagem, já que não possui garras, pêlos, presas, e perde muitas vezes em força e agilidade, a depender do porte do outro animal.

Diante disso, seria pertinente indagar por que o homem natural viveria isolado, considerando que existem animais que naturalmente vivem em bandos e são extremamente sociáveis, como os macacos, os leões, os elefantes, os lobos, os golfinhos etc., pois

necessitam para caçar e perpetuar a espécie, da colaboração do bando, da família, se precavendo dos predadores em função da concorrência, e garantindo benefícios a todos.

Nessa perspectiva, talvez se possa perceber também, que mesmo nas formações sociais presentes no mundo animal, existe sempre a representação de uma liderança, de um controle, de um comando, que tende a proteger o bando para enfrentar as dificuldades existentes, e que se relaciona às capacidades do animal que se destaca, seja pela idade, experiências de vida, audácia para enfrentar os perigos etc., e que passa a ser respeitado por todos; daí a figura do macho dominante (macacos), o macho alfa (lobos), a matriarca (elefantes), a rainha (formigas), e que deixa em evidência a desigualdade natural mencionada por Rousseau, pois cada indivíduo desenvolverá características físico-corpóreas determinadas pela natureza, mas aprimorada por sua própria iniciativa, sua própria predisposição.

Como o homem natural de Rousseau vive isolado, não possuindo outra referência que não a si mesmo, sua atenção e ocupação estarão voltadas somente para a sua satisfação, sua autorrealização, e que lhe possibilitam sentir plenamente a existência, sendo um sentimento que se relaciona ao processo de observação apenas de si mesmo, de sua unidade, de sua individualidade, sem considerar nada que esteja fora dela, pois suas necessidades internas são exigências que mobilizam seu ser a agir no mundo. Com essas ideias, talvez seja possível perceber que o homem desse período é movido pelos impulsos corporais, já que são as necessidades físicas que comandam sua ação, e como sua vida se resume ao que é material, não há nenhuma referência ontológica, nada que exponha às características da alma, já que não existem estruturas racionais de pensamento, e por isso, seu corpo é o elemento concreto que dá sentido à existência e que traduz a sua unidade.

Em decorrência disso, o homem natural vive entregue somente ao sentimento da existência, que para Rousseau seria o sentimento da vida, que leva o homem a se deliciar com as sensações do mundo, a sentir o prazer de existir; e que se diferencia do sentimento do “eu”. O sentimento do “eu” seria a subjetividade, que diz respeito à manifestação de uma experiência que se relaciona à alma, e que só passa a existir quando o homem começa a desenvolver certa estrutura racional.

Para desenvolver o sentimento da existência, o homem natural necessita “mergulhar” nas sensações provindas do corpo, pois estas são as responsáveis direta e indiretamente por todo o processo que envolve o sentimento. É o corpo que sente, que se deleita, experimentando os estímulos sensoriais provindos do mundo e que possibilitam ao homem vivenciar o prazer ou a dor, mas que se referem sempre à sua experiência direta com a natureza, com o mundo físico, concreto.

Viver não é só respirar, mas agir; é fazer uso dos nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência (ROUSSEAU, 2004, p.16)

O sentimento da existência possibilita também ao homem sentir seu próprio corpo, seus impulsos, pois suas emoções irão sinalizar uma espécie de recompensa para continuar agindo ou uma espécie de impedimento, para desistir de agir. O corpo seria, portanto, o instrumento que determinaria o que é a favor ou contra si, o que é benefício ou o que é prejuízo, pois o homem, mesmo que inconscientemente, escolhe os caminhos que deve seguir, impulsionado por seus mecanismos internos, pautados em suas necessidades, em seus impulsos.

Assim, o homem natural vive de maneira incondicional a existência, sem nada que possa forçá-lo a ir de encontro a sua própria natureza, e por isso, vive plenamente todas as experiências, movido unicamente pelo amor de si, que teria relação direta com a sensibilidade, pois é o corpo que sente as sensações, é o corpo que leva o homem a ter contato com o mundo e conhecê-lo, porque são os sentidos, os órgãos e as faculdades do corpo que levam o homem a se sentir vivo, a lutar por si para se conservar.

A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e nunca o abandona enquanto ele vive é o amor de si, paixão primitiva, inata, anterior a todas as outras e de que todas as outras não passam, em certo sentido, de modificações (ROUSSEAU, 2004, p. 288).

Para Rousseau, o amor de si é a primeira paixão que se manifesta em seu corpo, e que por ser inata, é sempre boa e ordenada, sendo o principal instrumento para a sua sobrevivência. O amor de si é um sentimento natural e útil, pois permite ao homem procurar aquilo que lhe beneficia e evitar o que lhe prejudica, sendo na verdade um instinto de conservação. É o primeiro e mais importante dos cuidados, pois é preciso que este se perceba, se ame para que possa preservar-se, devendo nutrir por si mesmo uma atenção e um amor que esteja acima de qualquer outra coisa. (Cf. Rousseau, 2004, p. 288).

Dessa forma, o amor de si seria um impulso inato responsável pela preservação do homem e que se relaciona às necessidades básicas de sobrevivência. É uma espécie de autoafeição, autopreservação ou autocuidado, que evidencia uma relação profunda do ser consigo mesmo, em que este passa a intensificar a sua existência, pois irá sentir um desejo de viver. Isto porque, (...) “o amor de si está estritamente ligado ao sentimento da existência, e assume com relação a esse sentimento o aspecto de um impulso afirmativo da existência, um desejo de existir e sentir mais intensamente a existência” (REIS, 2005, p. 230).

Ao mesmo tempo em que o amor de si leva o homem a sentir a vida através do seu corpo para adaptar-se fisicamente às necessidades de sobrevivência, se combina a outro sentimento natural, que é a piedade, e faz com que o indivíduo se torne sensível também ao outro, pois é um sentimento que não consegue ver sofrer o seu semelhante. É também pela sensibilidade que a compaixão acontece, juntamente com o amor de si, levando o homem a obedecer à natureza para manter o equilíbrio necessário, pois ao se deparar com outro ser sensível que sofre, considerando o amor que tem à vida, acaba também sensibilizado.

A piedade seria a primeira forma de relação entre os indivíduos, sendo um sentimento que afeta o homem e desperta nele a existência do outro, levando-o a perceber que o outro sente as mesmas dores que ele. E como é um sentimento que aproxima os indivíduos, possibilita ao homem observar o seu semelhante. Para Rousseau, no estado natural, esse sentimento ocupa o lugar das leis, dos costumes e das virtudes, e como é um sentimento natural, proporciona uma ajuda recíproca que possibilita perpetuar a espécie, pois regula em cada indivíduo a ação do amor de si.

Certo, pois a piedade representa um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. Ela nos faz, sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer (...) (ROUSSEAU, 1978a, p. 254).

É interessante que Rousseau menciona o papel da piedade natural como uma forma do homem ser sensibilizado pela dor do seu semelhante, mas como um ser que vive isolado e independente, autocentrado, poderia desenvolver o sentimento de piedade, considerando que não vive a experiência de compartilhamento, de interação, de pertencimento? Na interpretação rousseauiana, não seria a experiência a “chave” que orienta o processo do desenvolvimento humano?

No *Segundo Discurso*, Rousseau aponta a importância do homem ter desenvolvido características físicas necessárias para que possa vivenciar suas experiências no ambiente em que vive, já que o seu corpo é condição de existência, uma ferramenta extremamente necessária à sua sobrevivência, daí ser considerado como fator absolutamente relevante, único, necessário. Como precisa se proteger das dificuldades, inclusive o rigor das estações e a perseguição de outros animais, acaba por desenvolver um corpo robusto e forte, pois é o único instrumento que possui e lhe fornece o potencial indispensável para sobreviver, já que é desprovido de qualquer tipo de arma e não pode ainda contar com a ajuda do outro, daí desenvolver habilidades destinadas a este fim, sobretudo a força e a agilidade, estas que passam a ser suas necessidades primordiais.

(...) A altura das árvores, que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que procuravam nutrir-se deles, a ferocidade daqueles que lhe ameaçavam a própria vida, tudo o obrigou a entregar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate (ROUSSEAU, 1978a, p. 260).

As ideias da autosuficiência do corpo do homem natural, talvez tenham contribuído para enriquecer as reflexões de Rousseau ao elaborar a sua teoria, pois enaltecendo a força e independência, coloca o homem como um ser superior, extremamente forte, e como quase nunca adoece, é saudável o suficiente para resistir a todas as exigências do ambiente. O corpo seria a mais importante representação do homem desse período, pois como apenas vivencia a existência, acaba envolvido nessa experiência através da sensibilidade. Sua sensibilidade é o fator que sustenta suas experiências, já que acaba por enraizá-lo à existência, passando a exercer domínio completo sobre sua vida.

As estratégias argumentativas de Rousseau no *Segundo Discurso* contribuem para enriquecer suas análises, pois ao mesmo tempo em que aproxima o homem aos animais, descrevendo suas semelhanças, acaba por afastá-lo, já que segundo ele, existem aspectos que são distintos e que devem ser evidenciados. Dessa forma, faz questão de ressaltar que a alimentação do homem é diferenciada, sendo mais frutívora, em vez de onívora, justamente porque todo o animal carnívoro teria uma predisposição à agressividade, à violência, porque precisa matar para sobreviver.

Além da alimentação, menciona também que existem outras características físicas que evidenciam ainda mais especificamente essa diferença, como a estruturação dos dentes do homem, cujos caninos são menores, sendo inapropriada para a mastigação de carnes, além da constituição do intestino, que é mais longo, e que também não seria adequado para digestão de carnes. Rousseau ressalta ainda que o número de filhotes concebidos no processo de reprodução humana se assemelha ao dos animais herbívoros, deixando em evidência características que elevam à condição humana, e que acabam por enaltecer mais uma vez, a imagem do homem natural.

Entre os quadrúpedes, as duas distinções mais universais das espécies vorazes baseiam-se uma na forma dos dentes e a outra na conformação dos intestinos. Os animais que só vivem de vegetais têm todos os dentes chatos, como o cavalo, o boi, o carneiro, a lebre; mas os vorazes, ao contrário, os têm pontudos, como o gato, o cão, o lobo, a raposa. Quanto aos intestinos, os frutívoros possuem-nos de certa espécie, como o cólon, que não se encontra entre os vorazes. Parece, pois, que o homem, tendo os dentes e os intestinos como os dos animais frutívoros, deveria ser incluído nessa classe (ROUSSEAU, 1978a, p. 288).

Sem querer desconsiderar os argumentos do autor, mas tentando analisá-los mais especificamente, talvez seja importante ressaltar que como o homem desse período não possui características e artefatos que possam ser usados para dominar e abater outros animais, especificamente os animais de grande porte, talvez sua alimentação frugívora seja algo necessário, em função de algumas dificuldades existentes. Considerando os estudos antropológicos, Neves (2006, p. 11) afirma que no período pré-histórico, os caçadores tinham sérios problemas, dentre eles, abater animais de grande porte, já que não dispunham de garras, presas ou instrumentos que pudessem ser usados na matança desses grandes mamíferos, além de ter que lidar com os animais que competiam pela caça, inclusive, os grandes felinos, hienas, chacais e abutres, pois estes estariam sempre à espreita, competindo pela comida. Esses problemas só serão resolvidos com o surgimento da pedra lascada, pois o homem tentará aproveitar os restos da caça dos felinos, já que as lascas permitem que eles cortem os resíduos de peles, carnes e tendões das carcaças deixadas por esses animais, possibilitando também que pudessem retornar aos locais mais seguros para se alimentar.

Rousseau deixa claro que o homem natural não compete com o seu semelhante, justamente porque existe abundância de alimentos, e nesse sentido, não existe concorrência, já que tudo está à disposição de todos. As florestas se constituíam em verdadeiros “oásis” para o homem, estando sempre repletas de alimentos, e dessa forma, sua subsistência é facilmente satisfeita, já que este, apesar de viver livremente, não destrói o ambiente natural: “a terra abandonada à fertilidade natural e coberta por florestas imensas, que o machado jamais mutilou, oferece a cada passo, provisões e abrigos aos animais de qualquer espécie” (ROUSSEAU, 1978a, p. 238).

Segundo Neves (2006, p. 12), enquanto ainda existiam abundantemente as florestas, os frutos se constituíam na fonte calórica mais importante para a alimentação do homem, mas a partir do desaparecimento dessas florestas, a competição por esse tipo de alimento se tornou cada vez mais intensa, obrigando o homem a adentrar as savanas em busca de outros recursos alimentícios, cujas pastagens se caracterizavam pela pobreza em alimentos vegetais, e que contrastavam com a riqueza da fauna, principalmente a de pastadores (zebras, antílopes, gazelas, etc.) que é uma fonte alimentícia extremamente rica em energia e proteínas.

Neves faz questão de ressaltar que os homens que caçavam nas savanas desenvolveram características que se diferenciavam da maioria, sendo mais destemidos ou porque possuíam atributos físicos mais refinados, como força, agilidade, destreza, e que os levaram a

desenvolver um comportamento frequente nessas constantes buscas, acabando por repassar essas estratégias de caça para a população e sucessivamente para as outras gerações, e caracterizando o que hoje se denomina seleção natural. Com relação às características individuais, Rousseau afirma:

Com efeito, não é concebível que essas primeiras mudanças, sejam quais forem os meios pelos quais se deram, tenham alterado a um só tempo e da mesma maneira, todos os indivíduos da espécie; porém, tendo-se uns aperfeiçoado ou deteriorado e adquirido várias qualidades, boas ou más, que de modo algum eram inerentes à sua natureza, ficaram outros por mais longo tempo em seu estado original. (ROUSSEAU, 1978a, p. 228).

Isto quer dizer que mesmo vivendo em um ambiente que oferece todos os recursos necessários à sobrevivência da espécie, existe a desigualdade física, esta que se relaciona à predisposição de cada um, ou seja, a saúde, ao período de vida, a força etc., e que evidencia as condições individuais dos corpos que transitam, que circulam, que se movimentam no espaço através das experiências que realizam, pois estas são intransferíveis e acabam por modelar os corpos. Ao correr, pular, subir em árvores, lutar com outros animais etc., o homem estará impelindo seu corpo a empreender força e energia capazes de sustentar-se, nutrir-se, manter-se.

Assim, a desigualdade física está presente no estado natural, situando cada homem em seu universo específico, cujas limitações dependem unicamente da sua vontade, da sua ação, da sua curiosidade, da sua ousadia em enfrentar cada situação que surge, isto porque, quanto mais ele vivencia as experiências, mais ele irá modificar o seu corpo para se adaptar às condições exigidas. É uma espécie de “exercício” permanente que condiciona o corpo a ultrapassar seus próprios limites e as barreiras que surgem em seu caminho para se adequar aos movimentos necessários à sua preservação, pois como não existe nenhuma obrigação externa, seu equilíbrio e bem-estar dependem única e exclusivamente do seu corpo.

Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade; uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens (ROUSSEAU, 1978a, p. 235).

Diante de todas as experiências que vivencia, mesmo que diante de algumas dificuldades, é importante ressaltar que Rousseau deixa claro que nesse período, o homem vive em constante felicidade e equilíbrio, pois como basta a si mesmo, sua existência acaba tornando-se imutável e sem história, já que este é alheio a todo o processo existencial, em

função da ausência das faculdades cognitivas, e nesse sentido, ele apenas vive plenamente a vida, sem ter consciência, e como não compara, não consegue entender as relações entre as coisas. Mas, considerando o papel da corporeidade nesse período, será que o homem natural de Rousseau tem consciência do seu próprio corpo?

Considerando que é o corpo que sente prazer e dor, e que impulsiona o homem a agir através da necessidade, sua autopercepção não pode ser confundida com o processo de autoconsciência, pois a consciência envolve a participação das faculdades mentais, as faculdades do espírito, no sentido de levar o homem a analisar e julgar a realidade. O homem natural é destituído das habilidades mentais de raciocínio, e por isso, não tem noção do que acontece ao seu redor, ou mesmo com o seu próprio corpo, ele apenas vivencia a situação; por exemplo, ele pode adoecer em função de agentes externos que agredem o seu corpo, mas não tem consciência do processo, as causas, os sintomas etc., ele simplesmente sente sua incapacidade em executar determinadas tarefas, seu desequilíbrio, sua fraqueza, sem ter noção do que é a doença ou mesmo suas consequências.

Nesse estágio, o homem conhece apenas a si mesmo; não vê seu bem-estar como estando em oposição ou em conformidade ao de mais ninguém. Ele não odeia nem ama nada; limitado unicamente ao instinto físico, ele é nulo, é estúpido – foi isso que mostrei em meu Discurso sobre a desigualdade (ROUSSEAU, 2004b, p. 22).

Apesar de todas as circunstâncias que marcam particularmente a vida humana neste período, Rousseau assegura que o homem natural não se modifica, apesar do tempo passar e as gerações se multiplicarem, permanecendo no mesmo estágio de desenvolvimento, e modificando-se apenas, quando passa a viver em sociedade. “Se o homem é bom por natureza, como creio haver demonstrado, segue-se que ele assim permanece enquanto nada de estranho a ele o altere”. (ROUSSEAU, 2004b, p. 30). Mas, analisando seu discurso, e a forma como descreve as experiências do homem natural, percebe-se que o corpo do homem natural se modifica sempre, isto porque, ele necessita se adequar a natureza, alterando-se de acordo com a necessidade. Vivenciando experiências constantes e diversificadas, o homem se define e redefine a todo momento, em diferentes situações, pois através dos sentidos, estará expandindo-se, ou seja, a partir das sensações que o mundo lhe provoca, aprende a sentir, redirecionando sua ação e ampliando sua participação no mundo.

Esse homem natural, em função das suas experiências físicas, vai paulatinamente aprendendo a superar os limites estabelecidos pela natureza e consegue adaptar-se de uma forma muito particular. Comparando-se aos outros animais, aprende a se defender, tornando-

se ao longo do tempo mais ousado e corajoso e desenvolvendo outras habilidades que o levam a organizar-se mais facilmente, pois as exigências da natureza, o forçam a buscar métodos diferenciados até perceber, inclusive, que os supera em habilidade e não em força, sendo na verdade: “(...) Uma máquina engenhosa a que a natureza conferiu sentidos para recompor-se por si mesma e para defender-se, até certo ponto, de tudo quanto tende a destruí-la e estragá-la” (ROUSSEAU, 1978a, p. 242).

Isto quer dizer que o corpo é um referencial que muda a partir de suas vivências, e por meio das experiências, acaba construindo e desconstruindo sua estrutura, que é sempre transitória, moldando-se às circunstâncias. Segundo Goellner (2007, p. 28) a estrutura do corpo se modifica no tempo sem cessar, de acordo com as exigências do meio, sem desconsiderar sua capacidade criativa em adaptar-se, pois o corpo é provisório, mutável e mutante, sendo construído histórica e culturalmente através das suas transformações. O corpo é o elemento que possibilita ao homem superar as dificuldades existentes, pois é ele que age no mundo, é ele que se movimenta, que se localiza, se constrói, produzindo e reproduzindo práticas essenciais à sua existência, já que vive constantemente buscando se adequar às necessidades.

O corpo do homem natural, portanto, se modifica constantemente, se estruturando e reestruturando no tempo e no espaço, sendo na verdade, mais que um elemento físico que contribui para alicerçar a evolução humana. Como está emaranhado no processo histórico e cultural, participa ativamente da vida de diferentes formas, tanto individualmente, como coletivamente.

Individualmente, no que se refere às condições físicas necessárias à sobrevivência do homem, levando-o a se adaptar às exigências do ambiente em que terá que aprimorar posições, posturas, força, agilidade, ações etc., para manter-se. E coletivamente, levando o homem a conviver com outros corpos através de trocas que se efetivam nas relações que estabelece.

Dessa forma, percebe-se que toda a vida humana no estado natural está condicionada ao corpo. Rousseau ressalta que até mesmo as relações humanas são condizentes com as necessidades físicas (mãe e filho, macho e fêmea), e se referem unicamente às necessidades de alimentação e sexualidade (reprodução). Para que a espécie se perpetue, a reprodução é fator essencial, cujo processo também envolve a participação ativa do corpo, já que ele é o elemento que irá propiciar a percepção do outro e a conseqüente aproximação do macho e da fêmea para a efetivação do ato sexual.

O corpo do macho e da fêmea, organizados perfeitamente pela natureza, são complementares, se unindo de maneira fortuita ao acaso, dependendo da ocasião e do desejo, que instintivamente se manifesta e proporciona a vivência dessa forma de existir. Como a razão, a memória e a imaginação ainda não estão completamente ativas, o homem não percebe os parceiros como fixos, estabelecendo dessa forma relações provisórias, já que não existem as ideias abstratas de regularidade e proporção, além do que, sentimentos de admiração e amor, consideração, estima e desprezo, não se manifestam no coração do homem natural, muito menos a ideia de posse ou de justiça. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 255).

Entregue unicamente aos impulsos naturais, o homem vive plenamente essa experiência fundamental, e quando satisfaz suas necessidades, o desejo se extingue e os dois sexos não mais se reconhecem, pois como são movidos por essas forças irracionais, qualquer parceiro pode ser aceito, sendo na verdade, um pacto puramente animal. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 260).

A imaginação, que determina tantos prejuízos entre nós, não atinge corações selvagens; cada um recebe calmamente o impulso da natureza, entrega-se a ele sem escolha, com mais prazer do que furor, e, uma vez satisfeita a necessidade, extingue-se todo o desejo. (ROUSSEAU, 1978, p. 256).

As ideias de Rousseau talvez deixem em evidência que no estado natural, o sexo e a reprodução são aspectos que mais se assemelham à afetividade, já que é uma espécie de ligação que aproxima os indivíduos e que envolve cuidado, atenção, acolhimento, troca. O homem natural, por ser quase um animal e por ser independente e autônomo em função da não percepção do outro, não está propenso a identificar e muito menos vivenciar o valor da afetividade em seu mundo essencialmente concreto, apesar de possuir em seu íntimo, um potencial emocional, já que as emoções participam sempre de suas vivências, apesar de não serem percebidas.

Especificamente no processo de reprodução, Rousseau menciona que as fêmeas protegem, cuidam e amamentam seus filhos até o momento em que estes desenvolvem um corpo forte suficiente para procurar seu próprio alimento. Quando isso ocorre, não tarda para que este abandone a própria mãe, e esta deixa de ser significativa para o filho, pois como os indivíduos mal se encontram, a tendência é que se percam de vista, já que não conseguem se reconhecer em situações que forcem um reencontro, pois a memória ainda não é uma função plenamente ativa que participa das experiências humanas. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 247).

Esse processo descrito por Rousseau, talvez demonstre que seja justamente a ausência da memória que impede o vínculo afetivo, pois como o homem não consegue reter a

informação por muito tempo, não consegue dá um sentido mais significativo à sua existência, além de não poder adentrar o terreno da consideração, da afeição. A memória seria a “chave” para uma construção interna capaz de ampliar o seu referencial de mundo, porque seria a garantia da sua identidade, reunindo em seu “eu” tudo que foi e fez e tudo que é e faz, já que é uma forma de percepção interna, em que estão em jogo, componentes objetivos e subjetivos.

Investigando ainda os detalhes do processo de vivências no estado natural, Rousseau evidencia que questões como a nudez do corpo, a falta de habitação e outras privações, não têm importância para o homem. Isto porque, este só cobre o próprio corpo para proteger-se do frio, e como não existe ainda a moralidade, nem deveres conhecidos, não vai ser nem bom nem mau, não vai possuir nem vícios e nem virtudes, muito menos valores que direcionem seu comportamento, pois estará a agir condizente com as leis da natureza, seguindo por isso apenas as suas aspirações instintivas.

Nesse sentido, não sente vergonha em expor seu corpo nu, não está preocupado com o que é adequado, certo, errado, muito menos com questões referentes à estética, como a beleza, a vaidade etc., já que não está submetido a julgamentos nem tampouco a normas que interditem suas ações. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 242) Para Rousseau, nesse estado, serão considerados vícios as qualidades que prejudicam sua conservação e virtudes as qualidades que contribuem para sua conservação, sendo os mais virtuosos os que menos resistem aos impulsos da natureza: “nenhum poder moral, nenhuma vergonha refreia a espontaneidade do desejo; mas o desejo não excede os limites compatíveis com a permanência de uma felicidade sempre renovada” (STAROBINSKI, 1991, p. 377).

Como o corpo é essencialmente ativo nesse período, o repouso para reabilitação das forças necessárias à sua conservação será imprescindível. Daí a importância do sono, pois é um momento de descanso necessário para equilibrar o organismo. Para Rousseau, o homem selvagem possui uma tendência natural para gostar de dormir, apesar de possuir um sono leve como a maioria dos animais. E como pensa muito pouco, estará a dormir toda vez que não estiver pensando, o que acontece constantemente, isto porque, como está preocupado unicamente com a sua sobrevivência, vive centrado no seu objetivo principal, que é a investida e a preservação frente a outros animais, desenvolvendo mais especificamente as faculdades destinadas a este fim.

Nesse sentido, os órgãos que não estiverem sendo exercitados, permanecerão em estado grosseiro, excluindo toda forma de desenvolvimento, e como os sentidos terão participação nesse processo, o tato e a gustação não terão o desenvolvimento tão aguçado como a visão, a audição e a olfação. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 242).

Só, despreocupado e sempre próximo do perigo, o homem selvagem deve gostar de dormir e ter o sono leve, como os animais, que pensando pouco, dormem, por assim dizer, todo o tempo em que não estão pensando. Constituindo a própria conservação quase sua única preocupação, as faculdades mais exercitadas deverão ser aquelas cujo objetivo principal seja o ataque e a defesa, quer para subjugar a presa, quer para defender-se de tornar-se a de um outro animal. (ROUSSEAU, 1978a, p. 242).

Os sentidos são essenciais para a vida do homem natural e demonstram verdadeiramente a realidade, pois como ainda não foram contaminados pela reflexão, são puros, e em função disso, não existem erros ou confusões; cada nova sensação leva o homem a ter experiências de maneira plena, límpida, sem distorções, já que não há julgamentos dos dados sensíveis que são percebidos. São os seus sentidos que lhe permitem observar e transitar pela natureza para conseguir utilizar os recursos disponíveis para a sua preservação.

Dessa forma, o homem natural vive no paraíso da pura sensibilidade, vive ingenuamente em um mundo onde não existe certo e errado, moral e imoral, deveres e direitos, bem e mau etc.. Seus desejos são reflexos de suas necessidades físicas, corporais, sendo a nutrição, o sexo e o repouso, os únicos bens que conhece; os únicos males estariam associados à dor e a fome. Por isso, o homem que vive nesse estado, tem a alma tranqüila, pois está entregue ao sentimento da existência, entregue plenamente à natureza.

O mundo natural se resume ao que é sensível, material, e por isso, não existem conflitos ou oposições do homem com o mundo ou consigo mesmo, já que tudo é permitido, sendo a natureza a única forma de regulação. Nesse período, o homem também não conhece o trabalho, que o levará a se opor à natureza e nem tampouco a reflexão, que o levará a opor-se a si mesmo e aos outros; sua única ocupação é viver, ser e agir irrestritamente.

Os argumentos utilizados por Rousseau são referenciais que possibilitam identificar e ampliar as vivências do homem no estado natural, considerando que este, estaria propenso a sentir prazer e dor, e que são aspectos que só se diferenciam a partir das experiências específicas, estando relacionadas à satisfação ou privação de seus instintos. A satisfação estaria associada ao prazer, ao passo que a privação estaria associada à dor, mas que de modo geral, estariam presentes constantemente nesse estado primitivo, alavancando a existência do homem em todos os sentidos.

Todavia, não se pode esquecer que os constantes ataques de outros animais provocam ferimentos profundos, dores intensas e constantes que dificultam a vida do homem, pois estaria enfraquecido e, portanto, exposto às adversidades do próprio ambiente, apesar da natureza cuidar de todos os animais indistintamente, mesmo diante de situações que originam concorrências, disputas, e que estimulam um comportamento competitivo no próprio homem.

“A natureza trata todos os animais abandonados a seus cuidados com uma predileção com que parece querer mostrar quanto é ciosa desse direito” (ROUSSEAU, 1978a, p. 241).

A dor física, portanto, será um sinal bastante significativo, já que afeta o corpo do homem de maneira contundente, perpassando sua existência em momentos específicos, mas dificultando sua ação, já que acaba por restringir seus movimentos. Como Rousseau acredita que o homem natural pouco adocece, já que para ele as doenças só vão se ampliar a partir do momento que o homem passa a associar-se, ele especifica que tais males só estariam associados à infância e à velhice, que são condições que expõem o homem desse período e que contribuem para restringir seus movimentos.

A infância, por ser um período longo, deixa a criança mais vulnerável porque depende da mãe em todos os sentidos, inclusive, nos primeiros anos, além do que, como o corpo ainda está em desenvolvimento, não possui as habilidades necessárias à sua autonomia, daí precisar aprender a estabelecer os seus próprios limites, principalmente, na identificação de suas forças para conseguir alcançar seus objetivos. Já a velhice é um processo inevitável, aonde o corpo vai perdendo sua vitalidade por um processo natural de desgaste, já que os movimentos vão diminuindo, pois as funções tornam-se cada vez mais lentas, até a extinção da vida, que aos poucos acontece.

Outros inimigos, mais temíveis e em face dos quais o homem não conta com os mesmos meios para defender-se, são as enfermidades naturais, a infância, a velhice e as doenças de toda a espécie; sinais muito tristes de nossa fraqueza, os dois primeiros são comuns a todos os animais (ROUSSEAU, 1978a, p. 240).

Assim, apesar de todas as dificuldades existentes no ambiente em que vive, o homem natural não tem consciência dos processos que envolvem sua vida, como a infância, a velhice, e a dor, ele apenas vivencia todas essas etapas de aprendizagem e reage instintivamente para buscar em sua própria natureza as possíveis soluções, mesmo que estas não sejam encontradas e este venha a perecer. Nesse processo, ele também não tem ideia do significado da morte, e em função disso, não sente medo, que é um dos sentimentos mais prejudiciais ao equilíbrio da alma e consequentemente, do corpo.

Os únicos bens que conhece no universo são a alimentação, uma fêmea e o repouso; os únicos males que teme, a dor e a fome. Digo a dor e não a morte, pois jamais o animal saberá o que é morrer, sendo o conhecimento da morte e de seus terrores uma das primeiras aquisições feitas pelo homem ao distanciar-se de sua condição animal. (ROUSSEAU, 1978a, p. 244).

Ao supor que o homem desconhece o significado da morte por não imaginá-la, e consequentemente ser destemido, Rousseau, talvez queira nos fazer acreditar que o homem

natural também não tem noção de temporalidade. Ele vive livremente, entregue à experiência presente sem qualquer forma de preocupação com o futuro, vivenciando a vida em todos os seus aspectos com muito mais satisfação, muito mais prazer. Isso se explica porque ele não tem necessidade de modificar o mundo para satisfazer suas necessidades, já que não sai de si mesmo, justamente porque nada lhe falta, daí viver apenas o imediato, o presente.

Se no estado natural o homem não elabora pensamentos, não existe servidão, desigualdade, moral; e como vive errante na floresta, sem indústria, palavra, domicílio e sem nenhuma necessidade de seus semelhantes e muito menos do desejo de prejudicá-los, está sujeito a poucas paixões. Como basta a si mesmo, sua preocupação é somente satisfazer as suas necessidades físicas, já que o corpo deve ser suprido para lhe proporcionar o equilíbrio necessário a suas funções orgânicas.

O instinto leva o homem a experimentar diversas maneiras de existir, e limitado às sensações e aproveitando apenas o que a natureza lhe concede, vive tranquilo. Rousseau afirma que no processo de desenvolvimento das faculdades mentais, todas as mudanças ocorrem a partir das exigências da natureza, ou seja, todas as necessidades de adaptação física forçam o homem também a produzir uma espécie de reflexão, uma moderação que lhe indica precauções necessárias a sua segurança, para conservação do seu corpo. O desenvolvimento da razão fez a diferença em todos os sentidos, elegendo o homem como um ser superior aos demais, e mais ainda, torna-o consciente disso.

Deveu-se uma providência bastante sábia o fato de as faculdades que ele apenas possuía potencialmente, só poderem desenvolver-se nas ocasiões de se exercerem, a fim de que não se tornassem supérfluas e onerosas antes do tempo, nem tardias e inúteis ao aparecer a necessidade. O homem encontrava unicamente no instinto todo o necessário para viver em estado de natureza; numa razão cultivada, só encontrava aquilo de que necessitava para viver em sociedade (ROUSSEAU, 1978, p. 251).

Rousseau descreve o homem natural como um ser especial, cuja constituição fisiológica é perfeita, dotada de força e robustez capazes de torná-lo autônomo e audacioso o suficiente para descartar qualquer espécie de ajuda, além de se sobressair sobre os outros animais, já que é uma máquina comandada e impulsionada pela própria natureza. Assim como Rousseau vê nos animais uma máquina, ele dirá:

Percebo as mesmas coisas na máquina humana, com a diferença de tudo fazer sozinho a natureza nas operações do animal, enquanto o homem executa as suas como agente livre. Um escolhe ou rejeita por instinto, e o outro, por um ato de liberdade, razão por que o animal não pode desviar-se da regra que lhe é prescrita, mesmo quando lhe fora vantajoso fazê-lo, e o homem, em seu prejuízo, frequentemente se afasta dela (ROUSSEAU, 1978a, p. 242-243).

Traçando a trajetória do homem desse período, Rousseau acaba reforçando a ideia de que o homem natural é um ser diferenciado e que em função de suas experiências singulares, nunca poderia ser visto como um ser violento e mau por natureza. Suas experiências seriam um demonstrativo da ingenuidade e pureza do seu coração, pois alheio a tudo, não poderia nutrir sentimentos negativos que acabassem por encobrir a transparência da sua verdadeira essência. Isto porque, as ideias que se referem ao homem selvagem durante o Séc. XVIII acabam colocando-o como um ser diferenciado, brutal e sem cultura, apesar de Rousseau deixar claro que a imagem do selvagem dessa época, não se assemelha ao homem natural proposto por ele; eles seriam na verdade, os mais próximos do estado natural, mas que não podem ser confundidos.

A ideia de homem selvagem, no Séc. XVIII era uma preocupação constante, já que desde o Séc. XVI, com a descoberta do Novo Mundo, os habitantes das terras longínquas costumavam ser descritos nos discursos dos viajantes, como bárbaros, infelizes e miseráveis, destituídos de alma; eram vistos também como preguiçosos, estúpidos, animais ou mesmo uma coisas sem valor, ou ainda, monstros que se alimentavam de carne crua, e muitas vezes eram denominados de canibais; homens embrutecidos sexualmente, a ponto de compartilharem até suas próprias mulheres. De acordo com as pesquisas de Laplantine (2000, p. 38), esses discursos acabaram servindo de base para a gênese da reflexão antropológica, em que a recusa ou a fascinação pelo “estranho” criou um debate que se transforma em duas ideologias concorrentes, em que a figura do selvagem, ora é reconhecida, ora é depreciada. Contudo, essas significações vão sendo percebidas diferentemente por alguns viajantes, sobretudo, por Américo Vespúcio e Cristóvão Colombo, que conseguem enxergar nesses selvagens, vestígios comuns a toda a humanidade, mas de maneira bastante sutil, e que são recortes que já evidenciam uma mudança de mentalidade. Diz Américo Vespúcio:

As pessoas estão nuas, são bonitas, de pele escura, de corpo elegante... Nenhum possui qualquer coisa que seja, pois tudo é colocado em comum. Eles vivem cinquenta anos. E não têm governo (In. LAPLANTINE, 2000, p. 47).

Diz Cristóvão Colombo:

Eles são muito mansos e ignorantes do que é o mal, eles não sabem se matar uns aos outros (...) Eu não penso que haja no mundo homens melhores, como também não há terra melhor (In. LAPLANTINE, 2000, p. 47).

Todavia, é Rousseau quem contribuirá de maneira diferenciada, dando um salto nas análises antropológicas por enxergar no selvagem, aspectos essencialmente positivos, e que acabaram provocando uma ruptura com as abordagens anteriores. De acordo com Cassirer

(1999, p. 50), quando Rousseau escreveu o *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, esse movimento de ideias sobre o homem selvagem já estava em curso, só que não conseguiu entusiasmar-lo, a ponto de Rousseau afirmar que não pretendia descrever o estado primitivo da humanidade da mesma forma que a história tentava demonstrar: “Começamos, pois, por afastar todos os fatos, pois eles não se prendem à questão” (ROUSSEAU, 1978a, pg. 236). Esta afirmação demonstra que para Rousseau havia um método falso que tentava evidenciar a tendência primitiva do homem, atribuindo-lhe características negativas, mas que ele fez questão de excluir da sua investigação, já que tencionava, como já foi evidenciado anteriormente, representar o homem selvagem a partir da perspectiva do homem civilizado, desviando-o dessa forma, da sua verdadeira natureza: “(...) A figura do bom selvagem só encontrará sua formulação sistemática e mais radical dois séculos após o Renascimento: no rousseuismo do século XVIII e, em seguida no Romantismo” (LAPLANTINE, 2000, p. 46).

Com a sua teoria, Rousseau contribui significativamente para uma nova interpretação a respeito do homem selvagem, e segundo Laplantine (2000) este acaba rompendo com a ideologia dominante do Séc. XVIII, além de radicalizar ideias compartilhadas por muitas pessoas nessa época. “Foi Rousseau quem traçou, em seu *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, o programa que se tornará o da etnologia clássica” (LAPLANTINE, 2000, p. 56).

Assim, percebe-se que o discurso de Rousseau é inovador, e se contrapõe às ideias que eram cogitadas no Séc. XVIII, pois sua preocupação era demonstrar que o homem selvagem estaria bem próximo do homem natural, e não poderia ser visto pela sociedade como um ser brutal e violento, destituído de valor, isto porque, considerando sua origem, muitas características positivas poderiam ser resgatadas, fazendo dele um referencial necessário para repensar a sociedade.

O estudo antropológico elaborado por Rousseau contribui significativamente para enriquecer a investigação sobre o corpo, pois possibilita discutir a valorização do seu aspecto empírico, deslocando o centro dessa discussão para a relevância das inflexíveis forças físicas ou impulsos internos, que não seriam outra coisa que as necessidades instintivas ou o sentimento humano, e que se contrapõem ao que foi discutido ao longo da história, em que se valorizou excessivamente a alma, o pensar, em detrimento do corpo, do sentir. À alma estariam associadas as características superiores, já que é uma estrutura metafísica, e ao corpo, estariam associadas as características inferiores, já que é uma estrutura material, física, destituída de valor

Anatomicamente, o homem natural teria reunido todas as qualidades capazes de fazê-lo conservar o próprio corpo, pois seguindo seus impulsos naturais, conseguiu ao longo de sua caminhada usufruir de tudo que era necessário para o seu equilíbrio. Seu corpo seria o instrumento capaz de habilitá-lo para sobreviver, além de se perceber e agir no mundo, pois estaria desenvolvendo a força e a agilidade necessárias, conhecendo seus limites, vivenciando experiências através de trocas que estabelece com o próprio ambiente e com os outros corpos.

Essas trocas exigem adaptação às exigências da própria natureza, e isso se refere especificamente aos seus estados, movimentos, posicionamentos no espaço, posturas, ações, disposições, localizações, situações, circunstâncias etc., em que o corpo aprende a autosustentar-se, redesenhando-se e se autoproduzindo, num processo de estruturação e reestruturação constantes, pois suas vivências são multifacetadas; e como o ambiente é um campo extremamente fértil, possibilita sempre um novo tipo de mobilização que altera sua constituição.

Sendo o corpo o único instrumento que o homem selvagem conhece, é por ele empregado de diversos modos, de que são incapazes, dada a falta de exercício, nossos corpos, e foi nossa indústria que nos provou da força e da agilidade que a necessidade obrigou o selvagem a adquirir (ROUSSEAU, 1978a, p. 238-239).

O suposto homem natural de Rousseau possibilita um debate multifacetado, que permite ressaltar a relevância do corpo, afirmando-o como uma construção necessária e específica, que ao longo do tempo foi modificada em função das imposições da própria natureza, a partir da ação do homem no mundo. O equilíbrio da sua sensibilidade determina sua participação nesse universo inconstante, efêmero, temporário, fazendo dele, um elemento essencialmente vivente, atuante, presentificado.

Ao direcionar suas ideias para as questões relativas ao desenvolvimento do corpo, talvez Rousseau tenha tentado demonstrar que este é o ponto fundamental que estrutura a existência através das experiências, estas, que por sua vez, possibilitam o desenvolvimento das habilidades humanas e que são responsáveis pela ampliação da ação do homem no mundo. O homem natural, impulsionado apenas por suas necessidades físicas, vivencia as experiências pautando-se exclusivamente nos estímulos sensoriais, pois como ainda não possui pensamento racional, não percebe plenamente a realidade, e dessa forma não compara, não analisa, não estabelece relações entre as coisas, não possui uma linguagem mais elaborada, não planeja, não tem noção de temporalidade, não tem ideia de morte, de beleza, de moralidade etc.

O homem natural de Rousseau é praticamente um animal que apenas participa ativamente do processo existencial, “submerso” no sentimento da existência, este que lhe propicia sentir plenamente a vida, ancorado, sobretudo, no amor de si, que é uma espécie de autoafeição e autopreservação da espécie. Suas experiências são constantes e diversificadas, permeadas de prazer e dor, mas que se referem ao resultado das ações do próprio homem sobre a natureza, esta que dirige sua existência e que é sinônimo de ordenação, de plenitude, de equilíbrio.

Distante de esgotar todas as possibilidades que se referem a esse estudo, as análises de Rousseau sobre o estado de natureza possuem elementos que intensificam a investigação sobre o corpo, de modo a repensar a realidade de maneira prescritiva, pois se constituem em fundamentos antropológicos. E como suas reflexões são constantemente circulares, acabam produzindo inevitavelmente, questionamentos, incertezas e inquietações, mas que representam sempre uma eclosão de ideias pertinentes.

Assim, acredita-se que a análise sobre o corpo no estado natural, possibilita o entendimento de que as experiências sensoriais como ver, pegar, ouvir, cheirar, sentir, etc., são o fundamento da existência do homem, e como são constantes, acabam por originar uma relação com o ambiente que o cerca de forma completa e harmônica em todos os níveis, tornando-o pleno, único, autêntico. Como é impulsionado unicamente por seus instintos naturais, estes que dirigem sua existência e o levam a conhecer o mundo através da sensibilidade, permanece equilibrado, saudável, feliz, pois sua vida se resume às experiências concretas que vivencia; daí ser considerado como um ser essencialmente corpóreo, e como está preso à existência unicamente pela sensibilidade, seu corpo é fonte inesgotável de aprendizados constantes e diferenciados, que o levam a se aperfeiçoar gradativamente num ambiente extremamente hostil, mas repleto de detalhes que enriquecem consideravelmente sua participação no mundo.

CAP. II - O CORPO NO ESTADO SOCIAL

Apesar do homem viver no estado natural, que seria caracterizado por Rousseau como um estado "sublime", já que a harmonia se faz presente em todos os níveis, este vai sendo induzido pela necessidade a buscar uma vida social, pois começam a surgir dificuldades que o forçam a associar-se. A partir das associações, o cenário da vida humana se modifica, pois algumas experiências acabam contribuindo para forçar o homem a encontrar diferentes formas de facilitar a vida coletiva, esta que vai transformar consideravelmente sua constituição, que de acordo com Santos (2013, p. 43), se refere a sua constituição física, social, cultural e espiritual, sua posição no mundo, que estaria associada à relação que estabelece com os outros seres naturais e sua destinação (moral).

Para Rousseau, ainda no processo natural, existem algumas potencialidades latentes no homem que o lançam para níveis cada vez mais distantes dos animais e acabam estimulando o posterior desenvolvimento da vida em sociedade, como a liberdade e a perfectibilidade, que são propriedades que constituem o homem, e nesse sentido, não são propriedades adquiridas, mas inatas.

Rousseau afirma que a liberdade seria uma capacidade que define a natureza do homem, pois como um agente livre, tem o poder de contrariar as exigências da própria natureza, já que sua vontade é soberana, apesar de ser inclinado a seguir essas exigências, mas com um diferencial significativo, pois pode escolher, concordar ou resistir aos apelos da natureza, o que não ocorre com os animais, estes, que não podem se afastar das suas determinações. E como o homem não é um mero animal, mas é ser diferenciado, já que age livremente, tendo inclusive a consciência da sua liberdade, ele também possui um outro diferencial, que seria a capacidade de se aperfeiçoar, que é denominada de perfectibilidade, e que juntamente com as condições naturais acaba promovendo o desenvolvimento de todas as outras capacidades humanas, que são de extrema importância para a sobrevivência da espécie. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 243).

A perfectibilidade está associada ao desenvolvimento humano de modo geral, pois é o que permite ao homem tornar-se algo mais, ou seja, ultrapassar a condição de animal natural, justamente porque estaria ligada ao crescimento do ser, cuja amplitude englobaria a sabedoria, o caráter, o comportamento, a alma, a moral e conseqüentemente o progresso da humanidade, originando a cultura, a legislação, a política, a história, a economia etc., já que é um processo de mudança que se efetiva a partir da ação do homem no mundo. E como a perfectibilidade se

refere a um processo de aperfeiçoamento, se efetiva inicialmente no corpo do homem, que é o componente material que irá estruturar a sua existência, e que irá vivenciar as experiências necessárias no meio em que vive, e através de suas transformações, irá possibilitar ao homem sair do condicionamento da natureza, pois se assim não fosse, viveria ainda hoje impulsionado apenas pelos seus instintos, como a nutrição, reprodução e repouso, que são condições essenciais que o mantém em equilíbrio no estado natural.

Como uma capacidade interna, acredita-se que a perfectibilidade acaba contribuindo para o corpo se estruturar e reestruturar a todo instante, pois o homem buscando novas formas de movimentar-se e localizar-se no espaço, irá alterar a sua constituição física, redefinindo suas ações e seu comportamento e favorecendo ao desenvolvimento das suas faculdades mentais, sobretudo, a razão, esta que irá permitir que o homem seja arrancado do “seio” da natureza, sendo impulsionado a estabelecer um novo processo de acomodação ao meio ambiente, em que passa a desenvolver diferentes formas de resistir às exigências naturais.

É a faculdade de aperfeiçoar-se, faculdade que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo; o animal, pelo contrário, ao fim de alguns meses, é o que será por toda a vida, e sua espécie, no fim de milhares de anos, o que era no primeiro ano desses milhares (ROUSSEAU, 1978a, p. 243).

Nesse processo, talvez seja possível afirmar que para Rousseau, a capacidade de aperfeiçoamento é extremamente dinâmica e interna, daí contribuir para afastar o homem do estado natural, pois irá alterar sua constituição, de modo a forçá-lo a reagir às adversidades, em que irá buscar formas de resistir às condições do ambiente, além de buscar diferentes formas de modificá-lo. As dificuldades existentes, ao mesmo tempo em que expõem o homem ao perigo, exigem que este reorganize suas condições corporais para adaptar-se, e dessa forma acaba contribuindo para torná-lo cada vez mais forte, mais robusto, mais hábil, mais ágil.

Como uma capacidade inata, a perfectibilidade poderia ser vista como uma potência de transformação que se efetiva pelas circunstâncias da vida, e que se contrapõe ao processo que ocorre com os animais, estes que são naturalmente determinados. Mas, ao mesmo tempo em que proporciona esse benefício à vida humana, em contrapartida, a perfectibilidade permite o desabrochar de outros aspectos que modificarão negativamente a existência, como os erros, os vícios, as virtudes, tornando o homem impiedoso, cruel, opressor, e acabando por tornar-se também a fonte da sua própria ruína, já que ao tirá-lo da sua condição original, põe fim ao sossego, a paz e a ingenuidade que o faziam feliz.

Seria triste, para nós, vermo-nos forçados a convir que seja essa faculdade, distintiva e quase ilimitada, a fonte de todos os males do homem; que seja ela que, com o tempo o tira dessa condição original na qual passaria dias tranqüilos e inocentes; que seja ela que, fazendo com que através dos séculos desabrochem suas luzes e seus erros, seus vícios e virtudes, o torna com o tempo o tirano de si mesmo e da natureza (ROUSSEAU, 1978a, p. 243).

Como a perfectibilidade também levaria o homem aos enganos, aos vícios e iniquidades, poderia ser vista como sinônimo de imperfeição, de grande equívoco, quando o homem resolve abandonar-se às paixões, mas ao mesmo tempo, assume a função de mostrar ao homem a necessidade de orientar-se para pensar e agir no exercício da sua liberdade e capacidades. (Cf. Santos, 2013, p. 50). A ambivalência da perfectibilidade também pode ser observada em Cassirer quando este afirma:

É da “perfectibilidade” que brota toda a inteligência do homem, mas também todos os seus erros; que brotam as suas virtudes, mas também os seus vícios. Ela parece elevá-lo acima da natureza, mas torna-o ao mesmo tempo um tirano da natureza e de si mesmo. Entretanto, não podemos renunciar a ela, pois a marcha da natureza não se deixa deter (1999, p. 101).

Assim, a perfectibilidade passa a ter uma dupla interpretação, pois ao mesmo tempo que é uma faculdade que juntamente com as circunstâncias ajuda no desenvolvimento de todas as outras potencialidades presentes no homem, proporcionando uma mudança significativa em sua vida, pode ser vista como a causadora da ruína do próprio homem, já que irá proporcionar o desenvolvimento de qualidades negativas que irão prejudicá-lo.

Mas, cabe esclarecer que, considerando que a perfectibilidade é uma qualidade inata, e faz parte da constituição do próprio homem, estaria impressa em seu corpo como uma marca, como um sinal, estando cunhada em todos os seus componentes orgânicos, e sem o qual suas experiências ficariam comprometidas. Talvez, Rousseau queira demonstrar que esse potencial inato é que contribui para proporcionar ao homem desenvolver um corpo apropriado para sobreviver, pois irá desenvolver a capacidade de resistência, além de levá-lo a aprender a distinguir as sensações das coisas, do mundo e dos outros corpos, até aprender a identificar-se.

AS MUDANÇAS

No processo de aperfeiçoamento, o homem é impelido constantemente a melhorar suas condições de sobrevivência, começando a modificar a sua relação com a natureza, daí empreende transformações instintivas e gradativas, até alcançar padrões mais elevados de proteção e bem-estar, mas trazendo embutida nesse processo a semente de sua própria

destruição, pois com o desenvolvimento, surgirão consequências drásticas que o homem não consegue prever. Como o corpo estará em plena atividade para se adequar aos climas, às estações, e a todas as dificuldades existentes, o homem é impelido a desenvolver uma nova atitude, uma nova postura diante da natureza para conservar-se, e dessa forma acaba aprimorando seus métodos.

A fixidez da espécie e do indivíduo no reino animal contrapõe à capacidade humana de variação. Capaz de adquirir conhecimento e de aprimorar ou sofisticar seu equipamento básico – por exemplo, inventar a linguagem - o homem é um ser peculiar que pode não apenas aquiescer ou não às prescrições da natureza, mas, além disso, pode se autocriar, construir para si mesmo uma segunda natureza, distante da primeira (SALINAS FORTES, 1986, p. 30).

Rousseau esclarece que por iniciativa do próprio homem, este começa a criar mecanismos capazes de vencer as dificuldades, e para isso, aprende a observar a natureza, a fazer relações entre as coisas, já que possui a capacidade, inicialmente em potência, de refletir; então, começa também a planejar, no sentido de encontrar novos recursos para sua sobrevivência e acaba desenvolvendo as funções cognitivas como imaginação, memória e razão, e começa a modificar sua vida em todos os sentidos

A partir do gradativo desenvolvimento da razão, o homem desenvolve a capacidade de representar vivências anteriores, chegando ao ponto de entender que cada sentimento como dor, prazer, medo etc., provoca uma reação determinada, cujas respostas específicas a cada vivência, o levam a criar uma espécie de código que as representam. Quando passa a conhecer, o homem se utiliza de outros aspectos que não incluem somente a participação do seu corpo para a sua conservação, começando a construir instrumentos que o ajudarão a superar as exigências da natureza, e melhorando suas condições materiais de vida.

À medida que aumentou o gênero humano, os trabalhos se multiplicaram com os homens. A diferença das terras, os climas, as estações pôde forçá-los a incluí-la na sua própria maneira de viver. Anos estéreis, invernos longos e rudes, verões escaldantes, que tudo consomem, exigiram dele uma nova indústria. À margem do mar e do rio, inventaram a linha e o anzol, e se tornaram pescadores e ictiófagos. Nas florestas, construíram arcos e flechas, e se tornaram caçadores e guerreiros. Nas regiões frias, cobriam-se com as peles dos animais que tinham matado. O trovão, um vulcão ou quaisquer acaso feliz, fez com que conhecessem o fogo, novo recurso contra os rigores do inverno; aprenderam a conservar esse elemento, depois a reproduzi-lo e, por fim, a preparar as carnes que antes devoravam cruas (ROUSSEAU, 1978a, p. 260).

Dessa forma ele cria uma relação de saberes que o auxiliam a repassar as informações necessárias à sua sobrevivência, tendo também um maior conhecimento de si mesmo e sobre

o outro, já que neste momento, o homem irá se aproximar mais de outros corpos, originando os vínculos. A partir daí, o homem começa a construir a sua história e afasta-se da natureza.

Apesar de Rousseau descrever o processo que se refere às relações humanas durante esse período, percebe-se que são relações superficiais, pois os homens vivem em associações livres, sem nenhuma forma de obrigação, sem nenhuma lei, em que se observa apenas o compromisso mútuo em conseguir as vantagens necessárias para realizar seus objetivos, considerando que a convivência ainda não é tão próxima, mesmo entre os membros das famílias (Cf. Rousseau, 1978a, p. 261). Talvez, o homem ainda alimentasse em si o individualismo próprio do estado natural, e observando apenas a si mesmo, se unia ao demais, mas, considerando apenas as compensações da vida coletiva, já que são relações ainda efêmeras, caracterizadas pela ausência de intimidade, de convívio constante baseado em costumes.

Salinas Fortes (1986, p. 34) evidencia que não são relações sociais efetivas, mas um esboço de sociedade, considerando que as relações são descompromissadas e rápidas, pois acabam sempre que os objetivos pelos quais são estabelecidas se concretizam. Devido às mudanças das condições materiais de vida, sobretudo, na construção de cabanas, é que se originam as famílias, isto porque, em substituição às relações dispersas, ocorrerá uma maior aproximação dos integrantes que compõem o núcleo familiar, a partir do momento que compartilham a mesma habitação, fazendo nascer o amor conjugal e paternal, e transformando cada família em uma pequena sociedade.

Esse momento da juventude, em que corresponde mais ou menos ao grau que chegou a maioria dos povos selvagens que nos é conhecida, constitui a época mais feliz e melhor para o homem, já que se situa em um justo meio entre a indolência do estado primitivo e a petulante atividade de nosso amor-próprio (SALINAS FORTES, 1986, p. 34).

Com essas associações, uma ligação mais íntima entre as famílias começa a ocorrer e os homens começam a perceber as diferenças. Os pensamentos e os sentimentos evoluem e as relações se ampliam e se estabelecem, pois as pessoas passam a formar bandos mais permanentes, unidos por costumes e não por leis, ficando mais próximas e vivenciando outras experiências. E neste momento a vivência corporal dos indivíduos se torna ainda mais significativa, pois além de ser o fator que aproxima os homens, já que é o corpo que percebe ao mesmo tempo em que é percebido, surgem novas situações que intensificam ainda mais essas relações, pois elementos como o canto e a dança darão origem a experiências únicas, em que cada um começa a olhar o corpo do outro e a querer também ser olhado. E todos aqueles

que se destacam de alguma forma, seja no canto, na dança, porque são mais fortes, mais ágeis ou mais eloqüentes, passam a ser reconhecidos e desejados, exercendo uma espécie de poder sobre os demais. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 263).

Segundo Rousseau, nesse momento é que se origina a desigualdade e consequentemente os vícios que aniquilam a felicidade e inocência e que fazem do homem natural – tranqüilo, pacífico, puro, que vivia em si e sabia ser feliz consigo mesmo - se transformar num ser sociável - atormentado, vivendo fora de si, valorizando a opinião dos outros, e tirando o sentimento de sua própria existência. Vale ressaltar que a desigualdade que se origina no estado social é a desigualdade moral ou política, já que a desigualdade física se faz presente na existência humana desde o processo vivenciado no estado natural.

Rousseau afirma na Segunda Parte do *Segundo Discurso*, que isto ocorre, porque nesse processo de associação, a estima pública se efetiva e os homens começam a desenvolver o sentimento de admiração mútua, originando as ideias de consideração e reconhecimento (Cf. Rousseau, 1978a, p. 263). Mas, ao observar atentamente a questão que se relaciona à consideração e ao reconhecimento, percebe-se que estes se referem, sobretudo, aos aspectos físicos ou às habilidades físicas dos indivíduos, pois são esses que se sobressaem, são esses que evidenciam as qualidades dos indivíduos.

Diante das preferências dos homens, considerando os atributos do corpo e da alma, surgem os primeiros vícios, como a vaidade e o desprezo, quando estimado, a vergonha e a inveja, quando não estimado, e que acabam por transformar o homem, pois como se pretende sempre ser considerado, acaba por tornar-se um dever, e todos aqueles que são desconsiderados, passam a interpretar tal conduta como uma afronta, um ultraje, significando desprezo pela sua pessoa e pela importância que lhe atribuem, e originando consequentemente o mau, a vingança, a crueldade, a violência, e fazendo surgir a moralidade, a interdição, a justiça: “assim que os homens começaram a apreciar-se mutuamente e se lhes formou no espírito a idéia de consideração, cada um pretendeu ter direito a ela e a ninguém foi mais possível deixar de tê-la impunemente” (ROUSSEAU, 1978a, p. 263).

Ao mencionar experiências coletivas que se referem ao canto e à dança, é importante ressaltar que de acordo com Freitas (2012, p. 16), Rousseau elabora reflexões estéticas, cujas observações envolvem diretamente a participação do corpo na arte da dança.

Sabe-se que Rousseau elaborou ideias no campo das artes, principalmente no teatro e na música, no sentido de buscar investigar amplamente a sociedade, e como considerava que estas expressam o que ocorre no universo social, a dança acaba contribuindo de maneira

bastante significativa, pois passa a ser um objeto de análise para a construção da sociabilidade, principalmente por meio da festa popular. Ao descrever a “festa popular”, Rousseau se refere a um espetáculo festivo, em que a expressão humana se faz presente por intermédio da dança e da música sem necessidade de mediação por signos convencionais ou representações, pois o contato entre os homens é direto, e como nada se interpõe entre eles, acaba por formar uma unidade. (Cf. Freitas, 2012, p. 16).

Na dança, a interação é a mais autêntica “inspiração da natureza”, cuja linguagem utiliza formas não simbólicas, em função de uma completa integração com o outro. A ausência de signos e mediação provoca a saída da consciência individual, que sem o amor-próprio, busca outras consciências. A dança proporciona uma dupla interação que ocorre de uma só vez, através do corpo e da expansão das consciências. A expansão interior ocorre pela expressão corporal, que através do movimento ritmado pela música lança o indivíduo no espaço-tempo da festa. A dança seria “a arte de falar aos olhos pelos movimentos do corpo”. (FREITAS, 2012, p. 17).

Durante a dança os movimentos dos dançarinos são reproduzidos numa espécie de reflexo, pois existe uma reciprocidade entre eles, já que um dança para o outro e estes acabam envolvidos na mesma emoção, estabelecendo um vínculo profundo que os une. Nesse processo, as consciências acabam por se ampliar, tornando-se extensões uma da outra, e através do vínculo, estabelece a comunidade. (Cf. Freitas, 2012, p. 17).

Nesse sentido, a dança torna-se uma linguagem imediata, que pode apelar para expressão da sensualidade, que além de promover a aproximação física, elimina o afastamento social, já que age sobre as emoções e leva cada indivíduo a abdicar do amor-próprio. Nesse processo, o corpo acaba tornando-se o elemento de referência capaz de mobilizar o processo de interação que contribui para modificar o comportamento do homem, pois a dança não é um fenômeno estático, mas é uma arte que tem a mudança como seu estado permanente, atuando igualmente sobre os sujeitos também em transformação: “assim, situada no termo da busca de um meio de expressão mais autêntico, capaz de romper as barreiras interpostas entre as consciências, a dança se propõe como uma nova linguagem: a linguagem do corpo” (FREITAS, 2012, p. 23).

Com efeito, analisando as experiências coletivas descritas por Rousseau, além de ser visto como um facilitador no processo de interação profunda presente nas diferentes formas de expressão no mundo, o corpo funciona também como um diferencial que irá contribuir para sobressair às diferenças, isto porque, ele é o fio condutor que promoverá o processo de comparação, esta que introduz a ideia de beleza, de estima, de consideração, de

reconhecimento, de preferência, de afeição, de amor, promovendo uma mudança significativa na vida humana. Acredita-se que no processo social, a aparência do corpo será o referencial utilizado para atrair a atenção dos demais, já que é através dela que as pessoas se insinuam, se mostram, lançando-se na experiência coletiva.

A partir da atitude e comportamento do corpo nos agrupamentos sociais, os atributos físicos acabam evidenciados no esquema de sedução, e como a sexualidade é um dos principais aspectos que condicionam a experiência coletiva, coloca o corpo como o ponto essencial que promoverá uma mudança significativa no processo social, pois tudo ocorre a partir dele, dos seus gestos, da sua movimentação, da sua representação, da sua ação.

Com o processo social, o homem acaba originando uma forma artificial de comportamento que o distancia de suas necessidades naturais, de seus sentimentos, principalmente o sentimento de piedade ou compaixão e o amor de si.

O amor de si, que seria o sentimento de autopreservação, de autocuidado, presente no estado natural, acaba se transformando em amor-próprio, já que, torna o homem egoísta e indiferente para com os seus semelhantes, além de originar os vícios e as virtudes, pois este sentimento cria no homem a sede de poder e a vaidade, tornando-o um tirano si mesmo. Isto porque, a razão introduz na vida social a ideia de justiça, interdição, moralidade etc., e que acabam limitando a atitude do homem, além de engendrar a vaidade, o orgulho, o luxo, a corrupção, a ociosidade e toda falsa moral. Nesse processo de socialização, o amor-próprio é que promoverá a alienação do próprio homem, porque, perdendo o seu centro, passa a observar o outro em detrimento de si próprio, buscando se distinguir e valorizando as honrarias, reputação e opinião alheia. “O progresso das luzes, o aumento das desigualdades e a corrupção das paixões primitivas, são parte de um só processo” (SALINAS FORTES, 1986, p. 36)

Dessa forma, acredita-se que as análises de Rousseau acabam por revelar que a vida em sociedade modifica o homem de modo geral. Com o surgimento das normas sociais, os desejos humanos acabam subordinados à moral, esta que ao mesmo tempo em que equilibra a vida social, impede o exercício da liberdade e da autonomia, determinando e controlando também o comportamento humano e o modo de lidar com o corpo, pois é uma espécie de obrigação que modela o homem pela uniformidade dos costumes. Em sua obra *O Discurso sobre as Ciências e as Artes*, Rousseau irá criticar o processo de civilização por modelar os homens, e esconder a sua essência, impregnando-os de uma artificialidade e distanciando-o do seu estado natural, pela construção da vida histórico-social. (Cf. Rousseau, 1978b, p. 336).

Observa-se, portanto, que viver em sociedade significa controlar determinados instintos, significa viver subordinado a regras e leis e interesses divergentes, além de significar também disciplinar e controlar o próprio corpo, em favor da coletividade, cujas atitudes são expressas continuamente e acabam interferindo em outros corpos, “Tenho um corpo sobre o qual os outros agem e que age sobre eles; essa ação recíproca não é duvidosa” (Rousseau, 2004, p. 395). Nesse processo, o corpo acaba sendo afetado, pois o homem, pressupondo que ouvir os apelos do seu corpo num processo que enalteça a sua individualidade será se rebaixar ao nível da animalidade, numa espécie de retrocesso, começa a reprimir os seus impulsos, já que a suficiência da razão irá imperar, impondo-lhe normas que regulam seu comportamento, cuja função incluirá também, domesticar e controlar seus instintos.

Assim como um corcel indomável eriça a crina, bate com o pé na terra e se debate impetuosamente só com a aproximação do freio, enquanto que um cavalo domado agüenta pacientemente o chicote e a espora, também o homem bárbaro não dobra sua cabeça ao jugo que o homem civilizado carrega sem murmurar e prefere a mais tempestuosa liberdade a uma tranqüila dominação (ROUSSEAU, 1978a, p. 272).

Mas, a experiência social irá favorecer ao desenvolvimento de uma outra faculdade humana, que é a linguagem, e que para Rousseau é uma habilidade que acaba por exercitar as operações do espírito. Rousseau analisa o desenvolvimento da linguagem como uma forma do corpo expressar o que pensa e o que sente, considerando que o uso da palavra se estabelece e se aperfeiçoa no seio de cada família, tornando-se mais necessária. Daí, o desenvolvimento de um idioma comum, formando grupos em diferentes regiões e originando nações particulares unidas pelos costumes, características, forma de vida, alimentos e influência do clima etc.

Na tentativa de analisar o desenvolvimento da linguagem, Rousseau faz uma referência que exalta mais uma vez o significado do corpo nas experiências humanas, cuja relevância se torna evidente quando desenvolve ideias que explicitam a constante busca do homem pelas formas de expressar seus pensamentos e sentimentos e que favorece ao surgimento de uma linguagem nascente. Para realizar tal tarefa, será imprescindível a utilização dos sentidos na construção de uma forma de comunicação que segundo ele, será baseada não no raciocínio, mas no instinto.

A linguagem nascente proposta por Rousseau se baseia numa necessidade material, sendo na verdade a linguagem de um pedido de socorro, ou melhor, o grito da natureza. Essa forma de comunicação é, sobretudo, uma linguagem de ação estruturada por gestos

indicativos ou imitativos, que por ser uma forma direta e expressiva, já que são usados signos visuais, acaba atuando sobre a imaginação.

A primeira língua do homem, a língua mais universal, a mais enérgica e a única de que se necessitou antes de precisar-se persuadir homens reunidos, é o grito da natureza. Como esse grito só era proferido por uma espécie de instinto nas ocasiões mais prementes, para implorar socorro nos grandes perigos ou alívio nas dores violentas, não era de muito uso no curso comum da vida (...) (Rousseau, 1978a, p. 248).

No Ensaio sobre a Origem das Línguas, ele deixa claro que existem dois aspectos que são importantes para que o homem possa se comunicar com os seus semelhantes, possa agir sobre os sentidos dos outros, ou seja, o movimento e a voz e que são equivalentes no processo de comunicação, apesar de haver uma preferência pela linguagem falada, pois esta não se impôs forçosamente, ela evolui por um processo natural, em que se transformou inicialmente em onomatopéias, que é a forma verbal da linguagem da ação e paulatinamente foi se desenvolvendo até se transformar em palavra. (Cf. Rousseau, 1978c, p. 160).

A linguagem da ação se relaciona com o movimento, e este inclui o corpo através do gesto. O gesto para Rousseau seria uma linguagem que parece ser mais fácil, pois não se prende a convenções, e diz muito mais coisas em menos tempo. O gesto seria uma inquietação natural, que apesar de mais expressivo, exige mais atenção, mas, por não ser de uso universal, foi substituído pela palavra. O gesto surge antes da palavra, sendo na verdade o fundamento para que esta se estruture.

A linguagem da ação ou gesto é uma linguagem primitiva que exige a presença do sujeito, e a presença, é a presença do corpo, que acaba por indicar a necessidade da experiência. E como o homem natural vive isolado e submetido ao domínio das sensações, a comunicação gestual acaba sendo suficiente para a conservação de si e da espécie.

Nessa fase, Rousseau o reconhece, a língua primitiva é apenas um “mau instrumento”, mas ele lhe atribui um alto valor expressivo. Na medida em que designa imperfeitamente as qualidades universalizáveis do significado, ela remete muito fielmente ao sujeito falante e às suas emoções. Ao instaurar a relação de uma consciência singular e de um objeto singular, ela fala pobremente do objeto, mas exprime fortemente a presença do indivíduo (STAROBINSKI, 1991, p. 313).

Segundo Rousseau, mesmo com o desenvolvimento da linguagem falada, o gesto permaneceu incorporado no processo de comunicação, pois existem povos que necessitam gesticular quando utilizam a voz (Europeus), tendo toda a força da linguagem nos braços e nos pulmões e que acabam por exigir demais do corpo, porque dizem muitas palavras e

consequentemente gesticulam da mesma forma. Mas também existem outros povos que gesticulam e falam menos, mas se comunicam da mesma forma (Turcos). (Cf. Rousseau, 1978c, p. 160).

De acordo com suas análises, o sinal foi uma forma de comunicação muito usada pelos antigos, em que muitas coisas não eram ditas, mas mostradas, convencendo a todos pelo efeito que produzia. Para ele, o gesto ou sinal acabava por acordar a imaginação, pois exercitava a curiosidade, já que criava a expectativa do que iria ser dito.

Observai que os italianos e os provençais, entre os quais comumente o gesto procede o discurso, encontram assim um meio de se fazer ouvir melhor e até com mais prazer. Entretanto, a linguagem mais expressiva é aquela em que o sinal diz tudo antes que se fale (ROUSSEAU, 1978c, p. 160).

Para o Genebrino, as necessidades físicas (fome, sede, sexo, etc.) teriam originado os primeiros gestos, ao passo que as paixões teriam originado as primeiras palavras, e que surgem em função das necessidades morais, em que se busca comunicar sentimentos. Como o efeito das primeiras necessidades teria afastado os homens, foram as paixões que acabaram por uni-los, pois necessidades físicas como a fome ou a sede não forçariam o homem a falar, justamente porque estas seriam as mesmas necessidades dos animais, no entanto, os sentimentos provocariam reações diferenciadas, principalmente sentimentos como ódio, piedade, amor etc., e que foram encarregados de arrancar do homem os primeiros sons, pois afeta suas emoções, e para reagir a isso, a natureza acabou por impor sinais, gritos, queixas. (Cf. Rousseau, 1978c, p. 163).

Assim, as afirmações de Rousseau, demonstram que a linguagem gestual é uma linguagem da ação, impulsionada pelas necessidades humanas, e teria surgido a partir de uma inquietação natural do homem, associada às emoções, estas que são essenciais na vida humana e que mobilizam o homem em todos os sentidos. Apesar de ser uma linguagem pobre em alguns aspectos, já que se preocupa em evidenciar mais a presença do indivíduo, acaba convencendo pelo efeito que produz, pois trabalha o imaginário, estimula a curiosidade e cria uma expectativa em torno do que será exposto. A linguagem gestual, que seria a linguagem que inclui o movimento do corpo, seria uma linguagem elementar que dispensa palavras. A partir da convivência com o outro, surgem as paixões, que irão originar necessidades mais complexas, fazendo surgir a linguagem falada.

Dessa forma, as análises de Rousseau sobre o processo linguístico, incluem a participação ativa do corpo, porque possibilitam entender que a efetivação da linguagem evidencia também a solicitação constante das atividades desempenhadas pelos sentidos, estes

que são fundamentais para o desenvolvimento humano. Os sentidos são extremamente relevantes no desenvolvimento da linguagem, pois sem a participação desses órgãos sensoriais, a percepção fica comprometida, já que neste momento, estes são essenciais para a compreensão da realidade, e como se complementam, ampliam as informações.

No *Emílio*, Rousseau evidencia que os sentidos são as primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam no homem, já que são estes que o levam a ter contato com o mundo, com os outros corpos, com as coisas, devendo o homem não apenas utilizá-los, mas exercitá-los para aprender a julgar por intermédio deles, ou seja, sentir; e como “o corpo nasce por assim dizer, antes da alma, a primeira cultura deve ser a do corpo” (ROUSSEAU, 2004a, p. 528). Isto quer dizer que, o homem sente antes de pensar, e nesse processo de sentir, o corpo é o instrumento que efetiva esta ação, e que propicia ao homem ter contato com o mundo, pois é o aparato físico que experimenta as sensações, que vivencia a existência, levando-o a construir uma vida interna, esta que segundo Rousseau, deve conduzir o homem. “Exercitar os sentidos não é apenas fazer uso deles, mas aprender a bem julgar através deles é aprender, por assim dizer, a sentir”. (ROUSSEAU, 2004a, p. 160).

Assim, quando o homem passa a viver em sociedade, tudo se transforma, pois apesar de haver uma mudança que possibilita uma nova organização humana, essa ordem constituída o modifica em diversos aspectos, já que transforma sua natureza. Com a imposição da norma, necessária para equilibrar as vivências sociais, o homem é corrompido por uma civilização artificial, que se funda não na natureza humana, mas no predomínio da razão, prejudicando outras faculdades, como os sentidos do corpo; além de modelá-lo em diversos níveis, e acarretar inúmeras conseqüências em sua vida, tanto física quanto psíquica, já que este é lançado para fora de si mesmo. Para Rousseau, é uma espécie de degeneração da alma humana, em que o homem destrói sua verdadeira identidade e acaba por originar uma espécie de mascaramento da sua essência, esta que oculta, sepultada, ainda permanece viva, porque “o retorno à simplicidade e à felicidade do estado natural nos está vedado – mas o caminho para a liberdade permanece aberto, e ele pode e deve ser percorrido” (CASSISER, 1999, p. 55).

Todo o processo social acaba marcando consideravelmente o indivíduo e conseqüentemente o seu corpo, já que é ele que se relaciona, que interage, que se lança às experiências coletivas. Apesar do corpo humano se aperfeiçoar consideravelmente, e provocar a uma mudança significativa na vida humana, vão surgir outras conseqüências que o afetam de maneira contundente, isto porque, em função da artificialidade da vida coletiva, o corpo torna-se mais fraco, mais vulnerável, nos mais diversos sentidos, o que acaba dificultando suas experiências, já que contribui para inibir algumas capacidades que foram desenvolvidas

no estado natural e que fizeram do corpo uma ferramenta extremamente eficiente de sobrevivência.

No *Segundo Discurso*, Rousseau ressalta ainda que os animais vivem livres e são comandados pelas leis naturais, e se modificam quando são domesticados, tornando seu corpo mais frágil, mais lânguido, perdendo a força e a robustez e acabam transformando-se em seres passivos. O mesmo acontece com o homem, que ao passar a viver em sociedade, torna-se escravo, se enfraquecendo e desenvolvendo um comportamento baseado no medo e na submissão, além de uma forma de vida que acaba por comprometer sua força e audácia. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 241).

Para Rousseau, a cultura civilizatória fragmentou o homem em várias dimensões, modelando-o e afastando-o de sua verdadeira essência e unidade, do seu sentimento, e transferindo-o para uma unidade comum; ou seja, o homem era absoluto no estado de natureza e acabou por perder-se na ordem civil, e sua subjetividade, seu eu, acabou comprometido, pois este era tão presente neste estado e tornou-se imperceptível a partir da vida social, já que o seu comportamento foi modelado através da instituição das normas e fez com que a razão se sobrepusesse aos movimentos.

O homem selvagem vive em si mesmo, o homem sociável, sempre fora de si, só sabe viver baseando-se na opinião dos demais e chega ao sentimento de sua própria existência quase que somente pelo julgamento destes (ROUSSEAU, 1978a, p. 281).

AS DOENÇAS

Analisando o contexto das condições materiais de vida do homem desse período, Rousseau identifica os aspectos que dificultam a sua vida e destaca o surgimento das moléstias. As moléstias, de acordo com Rousseau, começam a se manifestar apenas no homem que vive em sociedade, pois ao se reunirem para dedicar-se à civilização, deram início à progressiva corrupção dos valores primitivos, originando, conseqüentemente, diversos tipos de males que também acometeram o corpo. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 240).

Rousseau afirma no *Emílio* que a vida social implica uma aglomeração de pessoas, que quando muito numerosa acaba sendo prejudicial para a saúde do corpo, pois o ar é insalubre, impróprio, já que as pessoas vivem amontoadas. Essas aglomerações facilitam o aparecimento de diversas enfermidades do corpo e vícios da alma, que são propagados facilmente,

degenerando ou extinguindo a espécie humana, e transformando as cidades em verdadeiros abismos.

Rousseau acredita que a vida nas cidades acaba se tornando bastante prejudicial ao homem, e nesse sentido, considera que o ambiente propício ao seu bem-estar físico do homem seria a vida no campo, pois em contato com a natureza o homem vive experiências de maneira muito mais satisfatória, já que estaria num ambiente mais puro, mais agradável, cuja paisagem pode ser contemplada como e quando o homem desejar, sem pressa, sendo na verdade, um espetáculo prazeroso, cujos rios, bosques, grutas, florestas etc., são as riquezas que a terra fornece aos olhos; além de poder contar com uma alimentação mais saudável, caminhadas ao ar livre que exercitam o corpo, tornando-o forte e robusto, além de poder se fundir com o meio natural num movimento místico, em que estes se tornam uma unidade.

De acordo com Jean-Jacques Rousseau, as doenças surgem por culpa do próprio homem, mas por motivos diferenciados: por falta de cuidado com o corpo, em função das diferenças no modo de vida de cada um, pela escassez ou excesso de atividades, pela questão emocional no que se refere à irritação e satisfação dos desejos, alimentação inadequada e exagerada de uns e desnutrição de outros, pela carência de alimentos, paixões, fadiga, esgotamento do espírito, falta de sono ou tristezas e angústias que adoecem a alma e se refletem no corpo: “a maior parte dos nossos males são nossa própria obra e de que poderíamos evitá-los quase todos conservando a maneira de viver simples, uniforme e solitária, que nos foi prescrita pela natureza” (ROUSSEAU, 1978a, p. 127).

É evidente a preocupação de Rousseau em especificar as causas das doenças que se manifestam no homem que vive em sociedade, já que para ele existem várias possibilidades que tendem a explicá-las, mas que se referem unicamente aos aspectos presentes na vida social, pois todo o processo de civilização tende a “marcar” negativamente o homem. É um processo que afasta o homem da sua antiga condição, em que vivendo unicamente para si mesmo, tem o corpo saudável, sendo feliz, e por isso, não tem necessidade de remédio ou especialistas, já que seus problemas se resumem a ferimentos e à velhice.

A vida em sociedade causaria sérios danos à saúde física e psíquica do homem, isto porque, vivendo aprisionado a um sistema de normas, o homem vive fora de si, acabando por comprometer seu equilíbrio interno, daí tornar-se doente e infeliz, e necessitando de métodos que comprometem ainda mais a sua saúde e o seu bem-estar: “tornando-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso e subserviente, e sua maneira de viver, frouxa e afeminada, acaba por debilitar ao mesmo tempo sua força e sua coragem” (ROUSSEAU, 1978a, p. 241).

Rousseau não considera o valor da medicina como algo positivo na vida humana, para ele, o tempo é o cirurgião e a natureza a mãe protetora, que cuida de todos os animais abandonados e enfermos, pois tudo está ao alcance de todos, sem que precisem de drogas ou mesmo tratamentos específicos (Cf. Rousseau, 1978a, p. 241). Segundo Starobinski (1991, p. 376), a recusa de Rousseau em reconhecer o valor da medicina se constitui no reflexo invertido da ansiedade com que sempre procurava ajuda dos médicos para manter seu corpo saudável sem conseguir, considerando que levou cerca de trinta anos com uma estranha doença que estes não conseguiam curar. Com base nisso, Starobinski acredita que ele teria formulado em seu íntimo uma espécie de voto de plenitude natural, acreditando que o organismo desenvolvesse por si próprio, e que teria relação com o tipo de experiência que vivenciasse, e que foi evidenciado quando elaborou a hipótese do Estado Natural.

A ideia de Starobinski tenta demonstrar o posicionamento de Rousseau diante de uma ciência falha, cheia de defeito e enganações, que não prima pelo bem do homem e cujo benefício seria unicamente o que se refere à higiene.

Como não teria sonhado com um estado simples em que as forças espontâneas do homem e da natureza circundante, cúmplices e miraculosamente harmônicas, houvessem bastado para manter o corpo disposto, sem que o gozo da saúde fosse alterado pela preocupação em conservá-la e pela consciência de sua precariedade (STAROBINSKI, 1991, p. 376).

Todas as mudanças empreendidas no estado social são impulsionadas a partir do desenvolvimento das faculdades cognitivas. Além do desenvolvimento da razão, o homem desenvolve a imaginação, e em função disso, não vive mais com o coração em paz, pois como passa a prever, não se entrega às vivências corporais de forma absoluta, plena, passando a imaginar outras possibilidades. Em função disso, seu corpo acaba comprometido, porque não “mergulha” plenamente na experiência presente, e como vive a imaginar as consequências dos seus atos, deixa de ser livre, acarretando prejuízos que originarão sérias consequências.

Para Rousseau, ao desenvolver a capacidade de previsão, o homem acaba condenado ao medo, direcionando o seu pensamento sempre para o futuro e deixando de viver plenamente o presente, já que imagina perigos constantes e diversificados, e por isso, perde o sossego e a paz. Nesse processo, começa a desenvolver a ideia de morte, e passa a viver atormentado, já que é um sentimento extremamente nocivo ao homem, que o deixa constantemente preocupado com a ideia de finitude, do desconhecido, do imprevisível, e que tende a dificultar sua experiência existencial, já que paralisa sua ação. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 244).

Rousseau tentará resolver o problema da morte do corpo, optando por uma explicação metafísica, e dessa forma, abre a possibilidade de explicar a existência com base no dualismo, considerando sua formação religiosa e suas leituras anteriores. Apesar de Rousseau se preocupar em evidenciar a relevância dos aspectos físicos do corpo, quando escreve o *Segundo Discurso*, ele demonstra ser influenciado pelas ideias platônicas no que se refere ao dualismo psicofísico, às questões relativas às paixões, e a relevância da razão para disciplinar as mesmas, mas de maneira diferenciada, pois irá apelar para uma nova instância, o sentimento, que dará um impulso inestimável às suas reflexões, tornando-se inclusive, a base de sua filosofia. “Se Rousseau não procura provar a realidade do dualismo pela razão, é porque ele a funda sobre o sentimento interior” (...). (CHARLES, 2009, p. 28).

De acordo com Henri Gouhier (1984), a filosofia rousseuniana é espontaneamente dualista, pois se refere continuamente a aspectos contraditórios, como o homem natural e o homem social, razão e consciência, religião natural e religião histórica, atividade e passividade, corpo e alma etc.. A separação estabelecida por ele entre o corpo e a alma confirma a hipótese de que estas são consideradas substâncias distintas e que o corpo seria um obstáculo para o homem conhecer a verdade, sendo a morte uma espécie de libertação. “Por que está minha alma submetida aos meus sentidos e acorrentada a este corpo que a subjuga e incomoda? Não sei.” (ROUSSEAU, 2004a, p. 414).

No Livro IV do *Emílio*, sobretudo, na passagem da Profissão de Fé do Vigário de Sabóia, Rousseau deixa claro o dualismo no que se refere às análises sobre o corpo e a alma. A alma é o aspecto imaterial, ao passo que o corpo, é o aspecto físico, o material, aquele que através dos sentidos, auxilia a alma em suas vivências, mas que está sujeito à corrupção. Quando se rompe a ligação entre o corpo e alma através do fenômeno da morte, o corpo se dissolve, mas a alma sobrevive; isso se explica porque estes possuem naturezas distintas, em que a alma é a substância ativa, viva, que após a morte, recupera toda a força que utiliza para mobilizar a substância passiva, que é o corpo.

A morte do corpo para Rousseau se reflete como uma forma de emancipação da alma, pois cessam os desejos insensatos, as paixões e os crimes, já que a natureza não deseja que o homem sofra eternamente, considerando que sua vida, em função das suas ações impensadas, torna-se uma espécie de “inferno”, pois as humilhações, os remorsos e as desgraças impedem uma vida feliz. Dessa forma, essa libertação se torna desejável, apesar do medo que provoca quando o homem já pode prevê-la, não sendo, portanto, vista exclusivamente como um mal, já que irá livrar o homem das ilusões provindas do corpo e dos sentidos, e que muitas vezes o engana, levando-o a viver desordenadamente. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 401).

A morte do corpo pode ser a possibilidade de contemplar o ser supremo e as verdades eternas, e se existe realmente uma outra vida, o homem poderá encontrar a felicidade, pois como passou por tantos sofrimentos na vida material, poderá ser indenizado numa outra vida. Tais afirmações comprovam indiscutivelmente a influência do platonismo, e que o leva a desenvolver a ideia de Deus como providência, como suprema justiça, como suprema inteligência.

Se a alma é imaterial, ela pode sobreviver ao corpo, e, se sobrevive a ele, a providência está justificada. Mesmo que eu não tivesse mais nenhuma prova da imaterialidade da alma além do triunfo do mau e da opressão do justo neste mundo, só isso já me impediria de duvidar dela (ROUSSEAU, 2004, p. 399).

Todavia, é necessário evidenciar que autores como Starobinski e o próprio Gouhier, afirmam categoricamente que, mais que o resultado de uma adesão filosófica, a concepção dualista entre corpo e alma proposta por Rousseau, é o resultado de conclusões retiradas de sua própria experiência existencial, em que este é condenado a viver num corpo doente, e numa sociedade hostil, originando uma concepção de corpo que se desenvolve a partir da ideia de prisão da alma. “Aspiro ao momento em que, livre dos entraves do corpo, serei eu sem contradição, sem divisão, e não precisarei de mais nada além de mim mesmo para ser feliz”. (ROUSSEAU, 2004, p. 416).

Apesar de Rousseau afirmar que a morte do corpo seria uma libertação, já que estaria livre das ilusões que são provocadas pelo corpo e pelos sentidos, no conturbado processo da existência, talvez seja possível observar também que suas afirmações não evidenciem claramente que o corpo é um elemento inferior, mas é a substância que favorece o sentir, estando dessa forma, sujeito à dor, ao sofrimento, às paixões, às humilhações. A ideia de alívio provocado pela morte evidencia que o homem deixará de sentir os desconfortos provocados pelas sensações que lhe chegam, e que acabam por angustiá-lo, desorientá-lo, impedindo-o de absorver o sentimento interno, pois a partir da divisão de suas partes, este se desgasta e se destrói.

Nesse sentido, a análise do discurso rousseauiano revela que, mesmo que a dicotomia entre o corpo e a alma seja afirmada, Rousseau não deprecia o corpo, pois se esta fosse a sua intenção, ele não daria ênfase a análise do aspecto material e a importância das experiências dos sentidos no processo de vivência e sobrevivência da espécie humana, discutida no *Segundo Discurso*, colocando-o como o instrumento oferecido pela natureza para que o homem possa existir, além de favorecer ao desenvolvimentos das faculdades mentais, e mesmo do sentimento, e que propicia a alma à construção do seu destino,

O que sei é que a identidade do eu só se prolonga pela memória e, para ser o mesmo de fato, é preciso que me lembre de ter sido. Ora, não poderia lembrar-me depois de minha morte do que fui durante a vida sem me lembrar também do que senti e, por conseguinte, do que fiz, e não tenho dúvidas de que essa lembrança será um dia a felicidade dos bons e o tormento dos maus (ROUSSEAU, 2004, p. 400).

Analisando a passagem da Profissão de Fé, Rousseau descentraliza a ideia do “eu pensante” cartesiano, que se relaciona à alma, para o “eu” que sente e que se relaciona ao corpo, inaugurando com isso a ideia de sentimento da existência, pois para ele, existir é sentir. Salinas Fortes (2000, p.17) afirma que apesar de Rousseau agir como um empirista, valorizando as evidências e as experiências dos sentidos, consegue dar um novo direcionamento às suas reflexões, convocando uma dimensão que está além do pensamento e dos sentidos, e que se refere à totalidade do homem, incluindo nesse processo, o coração e a sensibilidade moral, ou seja, os sentimentos e as paixões humanas.

Diante disso, cabe destacar que existem benefícios e malefícios em função do aperfeiçoamento do corpo do homem, já que as transformações, sobretudo, no que se refere ao desenvolvimento do seu corpo e de suas habilidades, deixam em evidência uma melhoria na qualidade de vida humana, considerando o desenvolvimento das faculdades mentais e seus benefícios, mas em contrapartida, marcam negativamente o homem de diferentes formas, já que as normas que organizam a sociedade, além de modelarem o homem, limitando sua liberdade, contribuem para uma espécie de degeneração, de desnaturalização, que anulam sua subjetividade, em favor do outro, da aparência.

Os argumentos utilizados por Rousseau são enriquecedores e indispensáveis, pois colocam em questão os ganhos e as perdas que o processo de desenvolvimento do corpo do homem proporcionou à sua vida, cujas transformações, contribuíram negativamente, tornando-se um mal, um prejuízo, uma perda inestimável para o homem, pois apesar deste ter adquirido um potencial cognitivo capaz de transformar sua existência, torna-se ao mesmo tempo, o elemento que propicia uma espécie de deformação da sua natureza.

Numa análise comparativa pode-se perceber facilmente que no estado natural o corpo é o fator que permite ao homem viver plenamente a existência, de maneira autêntica, ser quem realmente é, sentindo a vida livremente sem condicionantes, e por isso, é um ser plenamente feliz, equilibrado, saudável. No estado social, apesar de transformar consideravelmente sua vida, origina consequências devastadoras, a ponto de tornar-lo infeliz, desorientado e doente.

Mas, diante de todas as mudanças ocorridas, mesmo sendo afetado de forma generalizada, tanto interna como externamente, o homem acaba por adaptar-se, considerando

o fluxo e o refluxo constantes de suas ações. Isto porque, seu corpo no estado social, atingiu um nível de desenvolvimento tão elevado, que seria impossível um retorno ao seu estado original, até porque, diante de tantas modificações que reformularam suas habilidades e mesmo a sua vida, torna-se evidente que este corpo já está acostumado a viver nesse processo de degeneração e modificá-lo neste processo, seria proporcionar outras mudanças que inevitavelmente iriam afetá-lo em níveis ainda mais complexos, já que o obrigariam a uma nova reformulação.

Considerando toda a discussão promovida por Rousseau em torno do corpo e o surgimento das doenças, percebe-se que talvez suas reflexões antecipem a discussão psicanalítica que surge no Séc. XIX com Sigmund Freud, e que ressalta, sobretudo, o choque entre as exigências sociais e as exigências individuais, cujo conflito tende a originar a repressão dos desejos e conseqüentemente as doenças. O estudo proposto pela psicanálise torna-se uma complexa análise da vida humana, cujas ideias enriquecem consideravelmente o processo do conhecimento, já que busca investigar não apenas a vida consciente, mas, sobretudo, a inconsciente, mas que não se constitui no objeto deste estudo.

Assim, ao analisar que o processo social acaba por fragmentar a unidade do homem, Rousseau percebe que é um processo extremamente prejudicial, que além de afetar a subjetividade humana, afeta também o corpo. Talvez, essas ideias possam provocar uma discussão que favorece à compreensão de uma suposta conexão entre corpo e as emoções, entre o corpo e o sentimento e que são fundamentais para se entender o aparecimento das doenças.

A preocupação de Rousseau em evidenciar esse processo, encontra-se no *Segundo Discurso*, quando este evidencia que as doenças têm uma relação com as questões materiais e emocionais da vida humana, cujas manifestações, se relacionam unicamente com as atitudes dos próprios homens.

A extrema desigualdade na maneira de viver; o excesso de ociosidade de uns; o excesso de trabalho de outros; a facilidade de irritar e de satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade; os alimentos muito rebuscados dos ricos, que os nutrem com sucos abrasadores e que determinam tantas indigestões; a má alimentação dos pobres, que frequentemente lhes falta e cuja carência faz que sobrecarreguem, quando possível, avidamente seu estômago; as vigílias, os excessos de toda sorte; os transportes imoderados de todas as paixões; as fadigas e o esgotamento do espírito, as tristezas e os trabalhos sem-número pelos quais se passa em todos os estados e pelos quais as almas são perpetuamente corroídas – são, todos, indícios funestos de que a maioria de nossos males é obra nossa (ROUSSEAU, 1978a, p. 240-241).

A filosofia de Rousseau gira em torno da vida interna do sujeito, do eu, representada pelo sentimento, este que é a verdadeira essência do homem, e que nunca deve ser contestada ou esquecida. Esse referencial interno, segundo Rousseau, é a fonte da verdade e felicidade do homem, e não deve ser dividido, daí surgirem consequências nefastas, que o enfraquecem em todos os sentidos, pois anulam a sua individualidade, e forçam-no a agir contra sua própria vontade.

Tentando entender essa relação entre o corpo e as emoções, pode-se tentar fazer uma associação dessas ideias com a própria vida de Jean-Jacques, já que muitas das suas reflexões emergem da sua própria natureza, das suas experiências, de suas necessidades internas. Sua forma peculiar de examinar a existência poderia ser na verdade, uma imbricação interna entre sua forma de pensar e sua forma de viver, e que juntas, acabam dando um significado a toda a sua construção teórica.

Num pensador desse tipo, não se pode separar o conteúdo e o sentido da obra da razão pessoal de viver; ambos só podem ser apreendidos um dentro do outro e um com o outro, só num “reflexo reiterado” e num esclarecimento mútuo de um pelo outro. (CASSIRER, 1999, p. 42).

Considerando que suas experiências pessoais servem de base para suas análises, talvez seja possível tentar identificar os conflitos internos vivenciados por Rousseau e expressos em suas atitudes ou mesmo em seu corpo, e que acabam por influenciar toda a sua obra, já que ao longo da vida este sentiu-se angustiado e perseguido a ponto de tornar-se um misantropo, na tentativa, sobretudo, de exorcizar seus medos. Esse isolamento intencional de Rousseau acabou por se tornar uma espécie de fuga terapêutica, que o transporta para um lugar talvez “encantado”, no qual ele pode se proteger de toda forma de julgamento, tendo a certeza que nada mais pode atingi-lo, pois esquecendo a realidade, adentra o mundo dos sonhos e da fantasia, deixando aflorar plenamente seus sentimentos e desejos.

Segundo Starobinski (1991, p. 378), a vida de Rousseau tornou-se difícil, considerando que possuía uma fragilidade física que o levou a viver por muito tempo com uma doença que o fazia sofrer demasiadamente, transformando-se em um mal que o atormentou até a morte. Todo esse sofrimento vivenciado estigmatizou o seu corpo, impondo-lhe uma perturbação extrema, cujas “cicatrizes” podem ser observadas ao longo de toda a sua trajetória, principalmente no que se refere ao seu comportamento, e que possibilita uma reflexão mais específica sobre a exposição de suas fraquezas, o aprendizado que teve ao lidar com a dor, como suportá-la, ou mesmo ignorá-la, mas que sem dúvida, mudou o rumo da sua vida e também da sua obra. Toda experiência vivenciada pelo autor talvez possa ser interpretada

como a causa que explica o constante interesse com que trata às questões relativas ao corpo, e que são expressas claramente em seu discurso, abordando diferentes aspectos que denunciam explicitamente seu interesse sobre o tema.

Ao se submeter às conveniências sociais, ao reagir às hostilidades externas que tinham como objetivo caluniá-lo, Rousseau reagia interna e externamente, dizendo não de forma absoluta, inclusive com o seu próprio corpo. Seu corpo poderia ser um demonstrativo, uma referência, um elemento que reflete o que vai no seu íntimo, expressando a sua desconfiança, sua inquietação, seus medos, sendo na verdade o sinalizador de todas as suas emoções. Talvez, sua doença fosse uma forma de representação do seu conflito interno, já que tentava satisfazer às suas necessidades e vontades, mas sem poder esquecer das exigências imperiosas das normas sociais, cujo conflito, acabou promovendo uma ruptura entre o mundo interno, representado pelo eu, e o mundo externo, representado pelas coisas. (Cf. Starobinski, 1991, p. 386): “(...) é preciso uma maravilhosa habilidade para encontrar o justo equilíbrio entre a inteira submissão à necessidade e o talento de ‘fazer boa figura’ na situação imposta” (1991, p. 59).

Na tentativa de realizar o duplo papel, Rousseau se depara com a variabilidade, com a inconstância, com a instabilidade, e buscando livrar-se da alienação e do julgamento dos outros, acabou sendo lançado para fora de si, justamente quando buscava encontrar sua unidade. Esse conflito interno sugere uma contradição que ele irá tentar suprimir através da atitude virtuosa, impondo para si mesmo o dever de domesticar sua natureza inconstante e mutável, já que a sensibilidade e a paixão o levam de um extremo a outro rapidamente, evidenciando uma permanente mobilidade.

De acordo com Cassirer (1999, p. 92), Rousseau foi se perdendo numa oposição infundada, “puramente exterior” e ao alienar-se do mundo, atribui para si mesmo apenas esquisitices que o fizeram abandonar-se às suas alucinações, já que sua revolta pela sociedade em vez de ajudá-lo a autolibertar-se, acabou por gerar uma autodestruição.

Então, no momento em que Rousseau propõe-se a resistir à mentira do mundo, ele se coloca na necessidade de resistir a si mesmo. A exigência terrorista da virtude, em nome da qual ele se opõe a uma sociedade perversa e mascarada, nele cria a consciência de uma divisão interna, de uma falta de unidade. Ser-lhe-á forçoso constatar a diferença que existe entre a facilidade do impulso e a tensão do esforço virtuoso (STAROBINSKI, 1991, p. 66).

As afirmações de Starobinski evidenciam que a doença de Rousseau era a manifestação somática de uma “negação ativa e angustiada”, cujas crises surgiam quase sempre que

vivenciava situações de dependência social, que geravam ansiedade ou que o desagradavam, porque “quase sempre em Rousseau, o corpo fala em primeiro lugar” (1991, p. 386). Essa afirmação, talvez possa deixar entrever o “grau” de relevância presente nas formulações de Rousseau sobre as questões relativas ao corpo e a relação com as emoções, sobretudo, na vida social. Isto porque, fica evidente que seu corpo expressa seu desagrado, suas insatisfações, suas tristezas, seus constrangimentos etc., sendo um referencial constante em sua vida, e que adquire inevitavelmente uma relevância bastante significativa, em toda a sua obra.

Talvez, Rousseau tenha compreendido o significado do corpo, quando buscou perceber-se, conhecer-se, ao lidar com seus próprios problemas, ao pensar sobre sua sensibilidade, sua doença, suas paixões, sua vontade, seus desejos, seu controle etc.. Percebendo que as experiências corporais servem para revelar quem é o homem, suas vivências e mesmo sua ação no mundo, Rousseau, talvez, tenha entendido o seu valor, e buscando uma espécie de reformulação interna, o coloca como um referencial que lhe possibilita sentir satisfação ou insatisfação, prazer ou dor.

A relação entre o corpo e as emoções dentro da proposta da filosofia rousseauiana, remete também a uma investigação sobre a sexualidade, que será especificada no capítulo subsequente desse estudo, e que tornou-se bastante inovadora, pela ousadia e desprendimento do autor. E mesmo diante da amplitude de discussões que abordam diversos assuntos em suas análises, seus comentários sobre o corpo são sempre recorrentes, e acabam interligando as diferentes temáticas.

Considerando as análises propostas, talvez se possa perceber que para Rousseau o corpo é a base de estruturação da existência, pois ao se relacionar com outros corpos favorece a emoção, que seria a tônica que gera o movimento dos corpos. O corpo é matéria, e por intermédio dela o homem se relaciona com o mundo, conhece o mundo, pois é vida, forma, potência, força, que se transforma ao longo do tempo, se estruturando e reestruturando. Matéria é matter, a mãe natureza, a terra que modela os corpos, estes que trazem em si, marcas, cicatrizes, mensagens veladas, enigmas a serem decifrados nas formas, nas imagens, nos silêncios. (Cf. Monteiro, 2004, p.88). As afirmações de Rousseau, privilegiam a emoção, a relação com outro, o autoconhecimento, a linguagem, a natureza, ou seja, aspectos que servem para orientar uma nova interpretação sobre o corpo, e que acabam por enriquecer suas significações, suas representações, seus sentidos e que favorecem a uma ampla investigação sobre o próprio homem.

Talvez se possa afirmar que na filosofia rousseauiana, o corpo tem papel primordial no processo de desenvolvimento do homem, pois é onde tudo começa, sendo a porta de acesso

da existência, onde se encontra a força que a natureza concedeu à espécie humana, e que proporciona as diversas experiências individuais e sociais, pois é o meio que leva o homem a aprimorar o seu sentimento. Rousseau aponta caminhos que indicam novos significados do corpo na existência, pensando o homem como sujeito sensível, já que a experiência sensorial lhe permite entrar em contato com as coisas do mundo, vivenciando, sentindo.

Os argumentos utilizados por Rousseau sobre as questões relativas ao corpo possibilitam observar também, que este não pode ser secundarizado, já que é um suporte insubstituível que repercute consideravelmente na vida, pois são as sensações do corpo que determinam quem o homem é, o que ele quer, interferindo no modo como percebe o mundo e as coisas. A partir das sensações este se reconhece, ou melhor, se conhece, buscando também conhecer o mundo e as coisas, se aproximando do que lhe provoca prazer e se afastando do que lhe provoca dor, mas sempre recorrendo ao corpo como critério de identidade.

As transformações que ocorreram a partir das dimensões da vida social acabam por diluir o sentido da identidade, e o homem acaba perdendo a capacidade de se conhecer e se reconhecer, e seus anseios mais íntimos são esquecidos em nome de normas que o aprisionam e o forçam a sair de si para reconhecer e valorizar o outro, a coletividade. A partir da vida social, em que uma interdependência entre as pessoas se origina, o homem é entrelaçado por uma rede que o aprisiona a um sistema de interdições que modifica sua existência, pois o obriga a seguir padrões que o modelam, e fazem dele um ser submisso, ensinando-o a prever suas ações e o efeito destas sobre os outros. Além disso, é obrigado também a reprimir seus sentimentos e adiar a satisfação das necessidades do seu corpo.

A possibilidade do controle do corpo só é possível pela participação efetiva da razão, que o leva a perder contato com sua essência, debilitando e enfraquecendo-o, além de levá-lo a perder sua espontaneidade, já que transforma a livre manifestação de seus sentimentos em gestos formalizados pela cultura. Nesse sentido, a vida em sociedade, mesmo que possibilitando avanços, acaba dificultando o equilíbrio do corpo humano, e interferindo na sua comunicação com a natureza, em que sua percepção sensorial acaba afetada, pois seus movimentos são modificados, restringidos, e algumas habilidades naturais, acabam atrofiadas.

Assim, talvez se possa afirmar que nas análises rousseauianas, o corpo passa a ser interpretado como o local que conecta as potencialidades humanas, pois são justamente nele que se encontram os órgãos, a mente, as emoções, os sentimentos. Para Rousseau, o corpo também pensa, se expressa, desenvolve um comportamento específico a partir das relações sociais, em que valores, crenças, interdições, moldam as suas ações e o levam a reprimir desejos, vontades, inquietações. Sentindo e pensando o mundo, o corpo cria através da sua

forma específica de percepção e interpretação, um mecanismo interno singular, único, que irá influenciar sua vida em todos os níveis e que não se confundirá com nenhum outro.

Considerando a relevância que as ideias de Rousseau promoveram para novas interpretações sobre o tema em estudo, supõe-se que sua antropologia pode ter apontado para uma nova dimensão a ser investigada, pois fornece indicativos que ampliam a imagem do corpo no séc. XVIII e que possibilitam o desdobramento de novas interpretações que se estendem até a contemporaneidade. Essa visão contribui para enriquecer a filosofia e instrumentalizar o homem a olhar o mundo numa nova perspectiva, pois o corpo, como um tema provocativo, serve como suporte para enaltecer discussões que promovem mudanças significativas em diversas áreas do saber, originando dessa forma, uma verdadeira revolução.

O esforço de Rousseau para estudar o homem, visa demonstrar os males que a vida social pode causar e que se transformam numa espécie de ideal para a vida ética e política, que será especificada em suas obras subsequentes, *o Emílio* e *o Contrato Social*, considerando de extrema importância, a necessidade do homem restabelecer sua relação com a natureza, já que, “todas as instituições sociais em que estamos submersos abafariam nele a natureza, e nada poriam em seu lugar”. (ROUSSEAU, 2004, p. 7)

Essa preocupação de Rousseau demonstra que o processo social compromete a formação do homem como pessoa e como cidadão, sendo imprescindível a educação, no sentido de amenizar o processo de degeneração do homem, pois irá tentar ajudá-lo a resgatar a antiga relação que empreendia com a natureza, de modo a proporcionar uma religação com seus sentimentos originais, a fim de reformular sua ação no mundo. A educação para ele se constitui num processo natural e espontâneo, numa espécie de autodesenvolvimento em que ocorre a expansão das aptidões naturais do sujeito e que acontece no seu interior pela ação de seus instintos e inclinações.

O processo educativo leva em consideração fatores e objetivos que se restringem ao mundo material, empírico, e que de modo geral se relacionam ao corpo, pois como o corpo é a porta de acesso para a representação material da existência, é fator preponderante. Dessa forma, a educação do corpo será extremamente relevante, pois será a condição que permitirá trabalhar a interioridade do homem, a partir da sua exterioridade, no sentido de ensiná-lo a bem conduzir a sua vida de modo a torná-lo consciente de suas ações e conseqüentemente, equilibrar a sociedade.

CAPÍTULO III – O CORPO NO PROCESSO EDUCATIVO

Para tratar do corpo no âmbito do processo educativo, cabe esclarecer que historicamente, a partir do renascimento, o humanismo se torna um projeto pedagógico significativo, cuja relevância beneficia a sociedade em vários sentidos, pois proporciona o surgimento de uma nova civilização, com características que se estruturam a partir do individualismo, naturalismo e gosto pela arte, e que acabam dando grande visibilidade e relevância à representação do corpo humano e dos sentimentos, já que a contemplação do belo passa a ser uma forma superior do conhecimento, em que a beleza humana, dentre as diversas belezas naturais, se torna a mais valorizada. Com a Renascença, “a estética da formação humana ganha realce e os ideais clássicos fornecem os contornos para que a educação seja vista como uma ação de liberação do indivíduo e realização do ideal humano” (PAIVA, 2007, p. 326).

A partir desse projeto, a educação do corpo passa a ser considerada como meio para incentivar discussões que possibilitam um avanço no que se refere às estratégias educativas, principalmente com relação às normas de comportamento que regulam a vida social, sobretudo, o autocontrole. Essas normas dizem respeito a toda forma de apresentação do corpo, o modo de andar, vestir, olhar, gesticular, portar-se à mesa, dormir, jogar etc., pois de acordo com Erasmo de Roterdã (1978) e Montaigne (1972) o comportamento do homem passa a ser avaliado como uma forma de expressão da sua interioridade, em que cada gesto revela as particularidades dos sujeitos.

Em função disso, o corpo assume uma representação bastante enfática das ideias e práticas pedagógicas do ocidente, evidenciando um novo perfil de desenvolvimento que irá privilegiar diferentes aspectos que são essenciais para a formação do homem.

Influenciado também por ideais humanísticos, Rousseau, ao elaborar sua proposta pedagógica, no *Emílio*, acaba valorizando o corpo no processo educativo como uma espécie de complemento da educação geral, já que na tentativa de ampliar sua investigação sobre o homem, irá propor ideias que visam transformá-lo em todos os sentidos, e dessa forma, irá observar no processo de formação humana, além da alma, também a constituição física dos sujeitos.

Nesse sentido, Rousseau propõe uma educação diferenciada, que valorize as qualidades inatas do homem, de modo a tentar impedir a degeneração da sua alma através dos artificialismos da civilização, e propõe uma prática em que o corpo passa a ser explorado

amplamente. Partindo de aspectos empíricos, acaba criando um estatuto de ação formativa, em que agrega dispositivos que auxiliam a orientar novas possibilidades de entendimento da realidade, pois considera os elementos que participam das experiências sensoriais do homem extremamente relevantes para a existência, sobretudo, para o desenvolvimento das funções cognitivas e do sentimento.

A preocupação de Rousseau em estabelecer uma análise mais específica sobre a relevância do corpo no processo educativo é demonstrada no *Emílio*, quando inicia suas reflexões descrevendo o significado do corpo no processo de estruturação da vida humana, e dessa forma, coloca o estudo da sensibilidade como fundamento da sua proposta pedagógica. Para Rousseau, toda a construção do sujeito passa inicialmente pelo corpo, pois é ele que sente, pensa, interpreta, expressa, enfim, é ele que vive, que vivencia os aprendizados fornecidos pela existência através das experiências sensoriais, tendo a natureza como princípio.

No *Primeiro Discurso* ele afirma que o processo social acaba modelando o indivíduo, pois sufoca as qualidades individuais, mostrando unicamente uma aparência e não a essência, e que exige do sujeito, aquilo que na verdade ele não é, ou seja, solicitam apenas atitudes que são convenientes para a sociedade, mas que anulam o seu “eu”, modelando-o e impondo-lhe uma disciplina social que se caracteriza como uma coerção perpétua, uma padronização, em que as diferenças individuais são ignoradas (Cf. Rousseau, 1978a, p. 335).

Considerando essa padronização social, Rousseau faz questão de esclarecer no *Emílio*, que no processo de formação dos sujeitos, a estrutura física passa a ser o primeiro aspecto a ser trabalhado, porque, como é o ponto central que dimensiona a existência, tem sua base biológica comprometida, sendo controlada e determinada pelos costumes. Sob essa ótica, ele reconhece que para que esse corpo seja dominado, ele é impedido de movimentar-se livremente desde os primeiros instantes de vida, pois o costume inadequado de atar o corpo das crianças de modo a protegê-las, aquecê-las e enrijecer-lhes a musculatura, acaba originando consequências extremamente prejudiciais ao seu equilíbrio físico e mental.

Mal a criança saiu do ventre da mãe e mal gozou da liberdade de movimentar e esticar seus membros e já lhe dão novos laços. Põem-lhe fraldas, deitam-na com a cabeça presa e com as pernas esticadas, com os braços pendentes ao lado do corpo; é envolta em panos e bandagens de toda a espécie, que não lhe permitem mudar de posição (ROUSSEAU, 2004, P. 17)

Rousseau afirma que desde os primeiros instantes da vida, a criança necessita ter liberdade de movimento, pois esses são essenciais ao desenvolvimento, e como são

mecânicos, são a revelação dos impulsos internos, naturais, que necessitam se manifestar. Todavia, quando reprimidos, tendem a impedir o crescimento, pois além de dificultar a circulação, podem deformar o corpo, afetando também o humor da criança, já que ela é tolhida e constrangida constantemente, daí alterar também sua constituição interna. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 18-19).

No momento em que a criança respira ao sair de seus invólucros, não deveis deixar que seja metida em outros que as apertem ainda mais. Nada de testeira e nada de faixas; fraldas soltas e largas que deixem todos os seus membros em liberdade e não sejam nem muito pesadas para atrapalhar os movimentos, nem quentes demais para impedir que sinta as impressões do ar. Colocai-a num grande berço bem acolchado, onde ela possa movimentar-se à vontade e sem perigo. Quando começar a ficar mais forte, deixai-a engatinhar pelo quarto; deixai que a criança se desenvolva e estique as perninhas e os bracinhos e vereis que ela se fortalecerá a cada dia. Comparai-a com outras crianças bem enfaixadas, da mesma idade, e ficareis admirado com a diferença dos seus progressos (ROUSSEAU, 2004, p. 45).

Considerando esse costume, ele deixa claro que o corpo deve ser o primeiro estágio a ser trabalhado no processo educativo, sendo necessário ensinar a criança a aprender a usar e preservar o próprio corpo, de modo a desenvolver o sentimento, além de aprender a agir, fazendo uso dos sentidos e das faculdades, porque essa capacidade foi perdida na vida em sociedade, já que o homem foi impedido de expressar-se e de movimentar-se, e dessa forma, o seu desenvolvimento foi comprometido, já que foi adaptado a uma realidade limitada desde as primeiras fases da vida.

Nessa perspectiva, a liberdade de movimento deve ser um dos primeiros aspectos a serem considerados na educação da criança, pois é condição favorável para o pleno desenvolvimento do corpo equilibrado, saudável, robusto, cujos estímulos devem ser aplicados e desenvolvidos através de métodos que forcem a criança a buscar formas de se autodesenvolver e que dependem das oportunidades que lhe são oferecidas, do seu gosto, das suas necessidades, do seu talento, do seu empenho.

A necessidade natural de movimento é uma manifestação da liberdade natural no corpo, e como a liberdade é um bem, a necessidade de movimento é a primeira expressão que se evidencia, cujo impedimento acarreta efeitos destruidores e obstruem o processo natural de desenvolvimento. Nesse sentido, a liberdade de movimento deve ser continuada de modo a promover um progresso adequado em que a criança, adquirindo a força suficiente, torna-se autônoma: “antes que os preconceitos e as instituições humanas tenham alterado nossas

inclinações naturais, a felicidade das crianças e dos homens consiste no uso da sua liberdade” (ROUSSEAU, 2004a, p. 82).

A educação adequada é aquela que deve respeitar a liberdade física da criança, sendo preservada durante todo seu crescimento, pois seus efeitos tendem a estimular o desenvolvimento corporal. Todavia, ao atingir outra fase de desenvolvimento, em que as faculdades cognitivas são ativadas, a criança torna-se um ser moral e sua liberdade deixa de ser de movimento para se transformar em liberdade da vontade, entendendo que nesse estágio, a criança estará mais forte e será capaz de “bastar-se a si mesma, sem apresentar nenhuma dependência externa”. Dessa forma, a liberdade se torna o primeiro de todos os bens, e o homem que é verdadeiramente livre “só quer o que pode e faz o que lhe agrada”, bastando para isso adquirir a força suficiente para conseguir realizar os seus desejos.

Segundo Rousseau, uma educação que tenha como objetivo formar seres livres só pode ser uma educação pela e para a liberdade e que também responda às necessidades naturais da criança desde o momento que esta passa a existir. Para isso, ao longo do seu processo de desenvolvimento, a criança deve ter espaço suficiente para transitar livremente, correndo, pulando, caindo, jogando, pois dessa forma, estará exercitando seu corpo e adquirindo força: “Elas devem pular, correr, gritar, quando têm vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição, que procura fortalecer-se” (ROUSSEAU, 2004a, p. 83).

Assim, a criança deve ter plena liberdade, pois todos os seus movimentos são necessidades que devem ser supridas para que seu corpo se desenvolva plenamente, já que sua vontade, quando ainda não está modelada pelos homens, só deseja o que é útil à sua constituição, no sentido de favorecer um desenvolvimento satisfatório. Os exercícios continuados fortalecem o corpo e ensinam a criança a conhecer o emprego de suas forças, além das relações entre seu corpo e os outros corpos que a rodeiam.

Ainsi la formation corporelle, de celle de sens aux gestes les plus complexes des jeux et des sports, assure la santé, le bien-être, la vigueur et soutient l'apprentissage et l'exercice d'un métier. On retrouve toujours l'unité de la personne, bien que l'éducation incite parfois à développer des facultés différentes de manière parallèle (BURGENER, 1973, p. 32.).

Mas, além de exercitar o corpo, é preciso também, associar a esses exercícios, o uso dos sentidos, visto que esses são extremamente relevantes, pois possibilitam ao homem sentir.

(...) teremos somente braços e pernas? Não temos olhos e ouvidos também? E serão esses órgãos supérfluos para uso dos primeiros? Portanto, não exercitai apenas as forças, exercitai todos os sentidos que as dirigem; tirai de cada um

deles todo o partido possível, e depois verificai a impressão de um pelo outro (ROUSSEAU, 2004, p. 160).

No *Emílio*, Rousseau afirma que no processo educativo, é importante exercitar os sentidos para ensinar o homem a desenvolver a capacidade de julgar através deles, isto porque, julgar e sentir são coisas completamente distintas, daí a preocupação em treinar os sentidos para aprender a estabelecer julgamentos, pois os sentidos não enganam o homem, mas as ideias que se formam a partir deles, isto porque, as sensações que os sentidos provocam, acabam estimulando a imaginação humana e transformando a realidade, o que favorece ao surgimento das paixões. “A fonte de todas as paixões é a sensibilidade, a imaginação determina sua inclinação” (ROUSSEAU, 2004, pg. 298).

Rousseau acredita que o homem é um ser naturalmente sensitivo, pois desde o seu nascimento, é afetado por tudo que o cerca. Porém, ele não é apenas um ser sensitivo que percebe passivamente, mas é também um ser que pensa, e por isso é um ser ativo, inteligente, daí poder julgar, porque esta é uma capacidade que envolve atividades como comparar, refletir, meditar, e que permite ao homem examinar o que sente.

Apesar de Rousseau deixar claro que a razão não é a faculdade mais importante que deve ser estimulada no homem, afirma que esta contribui consideravelmente para enriquecer a sua vida em todos os sentidos, surgindo justamente desse processo de experimentação das sensações, para posteriormente, se aperfeiçoar, mas que depende dos sentidos. A razão que se forma inicialmente no homem seria uma razão que se pauta nas sensações, e que acaba servindo de fundamento para a razão intelectual, se desenvolvendo a partir das coisas e não da imaginação.

Como tudo o que entra no entendimento humano vem pelos sentidos, a primeira razão do homem é a razão sensitiva; é ela que serve de base para a razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. (...) Para aprender a pensar, devemos, portanto, exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência; e para tirar todo o partido possível desses instrumentos, é preciso que o corpo que os abastece seja robusto e são (ROUSSEAU, 2004, p.148-149).

Rousseau acredita também que a sensibilidade deve ser estimulada no processo educativo, de modo a proporcionar ao indivíduo uma vida autônoma, pois através das experiências sensoriais, será capaz de entender a reação que as dores e as emoções produzem em seu corpo, até que seja capaz de dimensionar as suas forças para realizar o que deseja. Tomando consciência de si e aprendendo a usar os próprios sentidos, este não será governado por imposições externas que são contraditórias a sua vontade e razão.

Portanto, não exerciteis apenas as forças, exercitai todos os sentidos que a dirigem; tirai de cada um deles todo o partido possível, e depois verificai a impressão de um pelo outro. Medi, contai, pesai, comparai. (ROUSSEAU, 2004, p. 160).

Acredita-se que a importância atribuída por Rousseau aos sentidos, talvez possa revelar que a partir da percepção, o corpo vai adquirindo novos significados mediante as suas experiências, aperfeiçoando gestos, incorporando símbolos e criando formas de comunicação, pois é a porta para o homem conhecer o mundo, já que são os sentidos que fornecem as sensações que formam e organizam as ideias no espírito. Além disso, é a sensibilidade também, que promove o acesso do homem ao seu sentimento.

As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos (...). Exercitar os sentidos não é apenas fazer uso deles, mas, aprender a bem julgar através deles é aprender, por assim dizer, a sentir, pois nós não sabemos nem tocar, nem ver, nem ouvir a não ser da maneira como aprendemos. (ROUSSEAU, 2004a, p. 160).

Nesse sentido, o corpo passa a ser o elemento necessário e imprescindível na formação do homem, e que é referência constante nesse processo, pois o faz experimentar as qualidades sensíveis de cada objeto que percebe, dimensionando sua realidade e aprendendo a conhecer a reação que as coisas produzem em si. Além disso, o corpo serve de base para a estruturação do próprio pensamento, pois tudo que chega ao entendimento humano, vem através sentidos. São os sentidos que proporcionam ao homem ajustar-se a tudo que o rodeia, inclusive aos corpos sobre os quais deve agir.

Para aprender a pensar, o homem deve exercitar o seu corpo, ou seja, seus membros, sentidos, órgãos, pois estes são instrumentos da inteligência, sendo a boa conformidade do corpo que permitirá as operações do espírito. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 137). No *Emílio*, Rousseau demonstra haver uma conexão entre o desenvolvimento do corpo e o desenvolvimento do espírito, pois um corpo forte e saudável é o instrumento adequado para que a inteligência se aperfeiçoe. Com relação a isso, Rousseau ressalta que, quando as funções cognitivas do homem ainda estão inativas, o que chama a atenção da criança é o que afeta seus sentidos, sendo as sensações, os primeiros instrumentos que utiliza para conhecer. De acordo com o desenvolvimento, o comportamento da criança se modifica, pois será capaz de realizar atividades que ampliam a sua percepção, além de forçá-la a enxergar a realidade de uma outra forma, já que o seu saber se deslocará da sensação para o entendimento, isto porque, às sensações são meramente passivas, e se diferenciam das ideias, que se originam a partir de um princípio ativo que julga.

De modo geral, com a inteligência, a criança será capaz de criar ideias e não apenas ver imagens, além de estabelecer relações entre as imagens, e ainda, aprenderá a comparar, conceber, julgar, relacionar ideias e compreender o sentido das palavras que memoriza, e que utiliza para nomear as coisas, o mundo, durante todas as suas experiências infantis.

À medida que a criança, antes impulsionada apenas por suas sensações, vai tornando-se ativa, vai paulatinamente, adquirindo discernimento proporcional aos seus limites, pois aprendendo a dimensionar a força excedente para a sua conservação, acaba por desenvolver também a inteligência, já que pulando, correndo, agindo, trabalhando, estará agindo, estará se exercitando e tornado seu corpo cada vez mais forte e saudável através de suas experiências individuais, sem nenhuma forma de controle externo, só recorrendo unicamente a si, aos seus impulsos internos. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 139).

Nessas experiências a criança acaba aprendendo a julgar, a prever, a raciocinar sobre o que se relaciona consigo mesma, tirando o maior proveito de tudo que percebe, e como estará em movimento constante, considerando seu interesse e sensibilidade, será forçada a observar, conhecer os efeitos, comparar, entender, de modo a satisfazer sua vontade. Dessa forma, torna-se autônoma, acabando por instruir-se através da própria vivência, e desenvolvendo o corpo e o espírito ao mesmo tempo.

Assim seu corpo e seu espírito exercitam-se ao mesmo tempo. Agindo sempre de acordo com o seu pensamento, e não com o de outra pessoa, une continuamente as duas operações; quanto mais forte e robusto se torna, mais sensato e judicioso fica. Esse é o meio de um dia obter o que acreditamos ser incompatível e o que quase todos os grandes homens reuniram, a força do corpo e a força da alma, a razão de um sábio e o vigor de um atleta (ROUSSEAU, 2004, p. 139).

Além do desenvolvimento das funções cognitivas, esse olhar sobre a educação do corpo possibilita o entendimento do trabalho que deve ser realizado para fazer do corpo da criança uma espécie de “escudo” que protegerá sua alma dos golpes que poderá atingi-la. Enrijecendo o corpo, a criança estará apta a suportar as exigências das estações, climas, fome, sede, fadiga, no sentido de habituá-la a toda forma de mudança, pois tornando-a robusta, sua vida e saúde não serão expostas, considerando que os riscos são inevitáveis. A intenção não é ensiná-la a suportar as dificuldades, mas levá-la a exercitar o seu corpo para sentir essas dificuldades e passar a conhecê-las, de modo a protegê-la dos sofrimentos, dores e males que podem atingi-la, pois,

(...) quanto mais o domarmos com os sofrimentos que podem atingi-lo, mais o protegeremos e também mais tornaremos sua alma invulnerável; seu corpo será

a couraça que repelirá todos os golpes por que poderia ser atingido profundamente (ROUSSEAU, 2004, p.158).

Desse modo, os exercícios físicos serão amplamente valorizados, tornando-se essenciais para prolongar a vida humana, pois fortalecem a saúde e o temperamento, além de levar a criança a identificar seus próprios limites, isto porque, como sua sensibilidade será estimulada constantemente durante esse processo, acabará redefinindo a realidade existencial de modo a ampliar sua percepção e passar a conhecer a si mesma e ao mundo. Para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer torna-se necessário que a criança seja incentivada a expressar as suas tendências naturais, sem que sua vontade e seus desejos sejam reprimidos.

Rousseau insiste que no processo educativo, o homem deve aprender a utilizar todos os recursos disponíveis em seu corpo (órgãos, sentidos, faculdades) para desenvolver o sentimento. O sentimento leva o homem a experimentar as sensações do mundo, aprendendo a conservar-se e a sentir plenamente a existência, pois estará acostumando seu corpo a todas as dificuldades existentes, de modo a fortalecê-lo. “O homem que mais viveu não é o que contou o maior número de anos, mas aquele que mais sentiu a vida”. (ROUSSEAU, 2004, p. 16).

Dessa forma, a educação torna-se a responsável em ensinar o homem a viver, a sentir, a usufruir dos aspectos que a vida oferece e que são percebidos através dos sentidos; e para que isso aconteça, o homem deve aprender a ser homem, deve aprender a ouvir a voz da natureza no âmago do seu ser, cuja manifestação se dá através das suas necessidades físicas, dos anseios do seu corpo, este que está enraizado na vida, pois é o aspecto concreto, cujo alcance parece funcionar como dispositivo para a própria ação.

Acredita-se que essa ideia de Rousseau, talvez seja uma tentativa de demonstrar a necessidade do homem voltar a viver plenamente a vida, de maneira incondicional e livre. Utilizando seu corpo para desfrutar da existência de maneira irrestrita, a exemplo do homem natural, talvez ele queira demonstrar que o homem deve ser o referencial de si mesmo, deve ser autêntico, ser livre e feliz, sem precisar demonstrar o que não é para atender às exigências sociais, pois o corpo proporciona-lhe sempre ser mais, já que este é sinônimo de ação, de realização.

Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme sejam agradáveis ou desagradáveis, depois conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos (...) (ROUSSEAU, 2004, p. 10).

Como o processo de percepção sensorial é uma experiência corporal, ela é capaz de unir o homem ao mundo, o homem à natureza, porque é o veículo que se modifica pelo fluxo do tempo, mas que conduz o homem e o prende à existência. De acordo com as experiências, o corpo desenvolve reações específicas quando em contato com o mundo e os outros corpos, apesar de existirem na vida em sociedade, diferentes formas de forçá-lo a abafar seus impulsos, anulando a sua vontade e modelando-o.

Segundo Rousseau, para sentir a vida, o homem não deve estar preso às amarras sociais, mas no processo educativo de uma sociedade civilizada, a criança é ensinada a reprimir seus instintos naturais e sentimentos através de normas e conceitos abstratos que a obrigam a não expressar suas verdadeiras emoções, além de aprender a fingir outras, sendo forçada dessa forma a ser diferente do que realmente é, pois modificam seus valores, sentimentos e anseios, e acabam imprimindo-lhe uma nova condição, que faz dela uma “escrava” submissa aos costumes. Essa forma de submissão origina consequências que se manifestam inevitavelmente, pois força a criança a abdicar de suas vontades e desejos e acarreta prejuízos que também afetam o corpo, já que é impedido de agir, é reprimido.

Para Rousseau, a educação seria uma maneira de fortalecer o homem na sua estrutura física e psíquica, para que este pudesse aprender a viver, já que ao nascer, é desprovido de tudo. Como é um ser sensível, além de aprender a perceber o mundo, deve também aprender a satisfazer suas necessidades (comer, beber, andar, se comunicar, etc.).

Acredita-se que as ideias rousseauianas, fazem da educação um processo de desenvolvimento que ocorre de dentro para fora e não uma forma de acréscimo exterior que o indivíduo deve assimilar, já que o conhecimento passa a ser trabalhado em outro nível. Em função disso, a educação necessita ser integral, abrangendo todas as necessidades do homem, no sentido de procurar uma significação em si mesma, em que a aprendizagem seja o resultado da experiência direta, do contato do corpo da criança com a natureza, porque é a vida concreta que ensina a viver. Os métodos ativos e intuitivos propostos possibilitam a oportunidade da criança aprender por si mesma, pela própria vivência, em que seu corpo será o veículo de aprendizagem que irá promover seu desenvolvimento físico, moral e intelectual, em que o sentimento e a afetividade passam a ocupar um lugar de destaque.

O núcleo argumentativo da abordagem educativa de Rousseau considera que a educação deve seguir necessariamente os ditames e regras da natureza, e contrariá-la é impedir o trabalho que esta realiza, dificultando a vida humana em vários sentidos. Para isso, é preciso tornar a criança um ser humano, ensinando-a a viver, deixando-a viver de modo que esta aprenda a conhecer-se, conhecendo, principalmente, seu próprio corpo para dimensionar

suas forças e aprender a conservar-se, além de tirar partido de si mesma para aprender a viver e ser feliz. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 26).

Para se tornar uma pessoa, a criança precisa se socializar, e ao entrar em contato com os hábitos que são veiculados, corre o risco de ser corrompida. Daí a seu interesse com os métodos utilizados no processo educativo, no sentido de elaborar uma prática diferenciada, construtiva, que seja capaz de formar um sujeito não apenas pensante, mas, acima de tudo sensível.

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação (ROUSSEAU, 2004, p. 9)

A educação do corpo seria uma forma de sensibilizar a criança para conhecer seu próprio corpo, na tentativa de fazê-la aprender a dimensionar sua realidade, percebendo as sensações que as coisas provocam em si, além de ajudá-la a desenvolver seus sentidos e suas habilidades cognitivas. Além disso, a educação corporal inclui também, a higiene, e os exercícios úteis ao desenvolvimento de um corpo saudável, pois o movimento ajuda a desenvolver a resistência necessária à sobrevivência. Realizando os exercícios, o corpo estará na verdade realizando uma exigência instintiva, no sentido de fortalecimento físico, e através de atividades manuais estará reforçando o caráter e a saúde. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 38).

Valorizando a construção interna do sujeito e toda a contribuição que o corpo pode promover para este fim, Rousseau amplia a visão de educação, e estrutura ideias que são fundamentais para as reflexões pedagógicas posteriores, e que mesmo causando um processo de estranhamento, problematiza questões essenciais à dinâmica do desenvolvimento humano. Ao elaborar essa proposta pedagógica, Rousseau toma uma nova trajetória, pois enquanto os princípios educacionais propostos valorizam o caráter social, em que as necessidades do grupo imperam, ele privilegia o caráter individual, partindo especificamente do próprio homem, “seu primeiro dever é consigo mesmo”.

Assim, compreende-se que a educação do corpo é essencial no processo de aprendizagem da criança, e só contribui positivamente para a sua saúde física e psíquica, promovendo seu bem-estar e autonomia, mas sem esquecer que esta, também contribui significativamente para a formação moral do sujeito, pois ajuda-o a redefinir suas atitudes e comportamento. De acordo com Burgener (1973), a educação corporal está integrada à educação geral, sendo bastante significativa, pois prepara e acompanha a formação intelectual, além de ser indispensável à formação moral, já que facilita o retorno à natureza.

Os princípios morais de acordo com Rousseau, são essenciais para o homem avaliar e reavaliar a realidade e a si mesmo, além de poder ajudá-lo a desenvolver o autoconhecimento, a formação da virtude, e controle das paixões, já que estes são aspectos essenciais na formação do homem integral.

AUTOCONHECIMENTO

Considerando que a proposta educativa de Rousseau visa promover o desenvolvimento global do homem, sua intenção está centralizada na formação do coração, do juízo e do espírito dos jovens, ou seja, o desenvolvimento do sentimento, da moralidade e da razão, qualidades estas, que estão presentes no corpo do homem, e que seriam essenciais para estruturar uma vida equilibrada. Para formar o coração do homem é necessário inicialmente levar em conta a educação da natureza, que é a primeira mestra, e nesse sentido, é preciso que o homem realize uma autoavaliação, buscando, sobretudo, conhecer a si mesmo, seu mundo interno, seu corpo, suas necessidades, suas vontades etc., ou seja, um autoconhecimento capaz de ajudá-lo a desenvolver um autocontrole das emoções e paixões.

Analisando as principais ideias que norteiam as obras de Rousseau, talvez seja pertinente afirmar que sua filosofia recai inevitavelmente na questão do autoconhecimento, que para ele é o indicativo que conduz à natureza, esta que seria a fonte capaz de ajudar o homem a encontrar a felicidade, pois habita o seu interior; e este só será capaz de encontrá-la debruçando-se sobre si mesmo. Segundo Reis (2005), toda a produção filosófica de Rousseau, seria permeada por uma constante autoreflexão, cujos elementos significativos, podem ser observados em suas obras autobiográficas, revelando contribuições que favorecem ao entendimento de uma produção mais rica que as obras reconhecidamente filosóficas.

Ao empreender sua investigação antropológica, no *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, Rousseau promove não apenas um desafio para conhecer os aspectos que se relacionam à vida do homem, mas também, a tentativa de desvendar a natureza humana, pois conhecer o homem é conhecer a natureza humana, e nessa busca, irá recorrer ao autoconhecimento, que é uma espécie de chamamento constante, já que apela para a interioridade do indivíduo. De acordo com Reis (2005), Rousseau convoca o homem para realizar essa tarefa, com o propósito de evidenciar o princípio moral de que ele é naturalmente bom, além de indicar a possibilidade de entender que buscar conhecer a si mesmo pode conduzir a amar a si mesmo.

Para Rousseau, o autoconhecimento é o conhecimento mais proveitoso e o menos evoluído que o homem possui, já que é o conhecimento da sua verdadeira essência, sendo na verdade um desafio, pois é o mais relevante e complexo de todos eles, exigindo uma atenção redobrada aos detalhes que fazem desse autoestudo, algo incomparável, pois quando o homem desconhece as verdades que se referem a si mesmo, não consegue diferenciar as necessidades do seu corpo e do seu espírito, perdendo-se por vezes nas paixões.

Rousseau deixa claro que para realizar tal tarefa, o indivíduo precisa desenvolver características que são imprescindíveis, já que é um trabalho difícil de ser realizado, e que exige predisposição, pois estará entrando em contato com o âmago do seu ser, com uma dimensão mais profunda da sua individualidade. Segundo ele, para conseguir tal intento, seria necessário algumas condições favoráveis, sobretudo, uma vida sossegada, solitária, gosto pela contemplação e a capacidade de autopercepção e autocompreensão de si mesmo, e que se constitui num desafio, porque exige do homem todo um processo de concentração e observação.

De acordo com Reis (2005), o problema do autoconhecimento para Rousseau, se refere a três pontos fundamentais: o conhecimento da natureza humana, que é o conhecimento do homem em geral, o conhecimento de si mesmo, que se efetiva na leitura do próprio coração, o voltar-se para si mesmo, e que exige observação das memórias, da infância, da juventude etc., e o conhecimento dos homens, ou dos outros que não ele mesmo. Starobinski (1991) evidencia que o conhecimento de si para Rousseau não pode ser visto como um problema, mas como um dado, pois o conhecimento de si é intuitivo, é um ato de sentimento, que sempre deve ser renovável, recomeçado, como se surgisse do nada.

Além disso, Rousseau evidencia que o autoconhecimento também favorece o equilíbrio entre a razão e o sentimento, justamente porque é um conhecimento do homem que tem a razão como um meio de aquisição das verdades que se relacionam a si mesmo e sobre a relação que estabelece com o mundo e com os outros, se questionando, inclusive, sobre o lugar que vai ocupar na sociedade, e os obstáculos que terá que superar para chegar onde pretende, pois a capacidade de distinguir, comparar e julgar, é que marcará seu caráter, fazendo surgir paixões doces ou cruéis. Além disso, o autoconhecimento não é possível apenas no ser que pensa, mas no ser que se sente, pois a razão leva o homem a conhecer às coisas, mas não é capaz de fazê-lo sentir.

Conhecer o bem não é amá-lo; o homem não tem o conhecimento inato do bem; mas assim que sua razão faz com que o conheça, sua consciência leva-o a amá-lo: é esse sentimento que é inato (Rousseau, 2004, p. 411).

O autoconhecimento é o voltar-se para si, caminhar em direção a si mesmo; e no processo educativo, ele tem um significado especial, pois irá favorecer a observação constante de si, no sentido de entender as próprias restrições, tanto do corpo quanto da alma, além de possibilitar também o autodomínio e o autocontrole necessários às exigências da vida social. Como para Rousseau, a sensibilidade é o princípio de qualquer ação, este afirma existir dois tipos de sensibilidade, a física e a moral; a sensibilidade física se refere à capacidade natural do organismo em apreender coisas por meio dos sentidos, sendo inata, passiva e instintiva, e nesse sentido, é relevante para a conservação da espécie e para o homem primitivo desenvolver o sentimento da existência. A sensibilidade moral é a verdadeira guia do homem, pois como é ativa, liga os sentimentos e as emoções, desenvolvendo a consciência.

De acordo com Paiva (2011), trabalhar o sentimento interior na educação é uma tarefa árdua, porque compreende o desenvolvimento da sensibilidade ativa, onde os instintos morais preparam o homem para conviver com os outros, e a sensibilidade passiva, que são as disposições inatas que se relacionam com as atividades empíricas, em que o educando fica em contato permanente com a natureza. No movimento de transformação da sensibilidade passiva para a sensibilidade ativa, ocorre a participação dos três mestres propostos por Rousseau, ou seja, a educação da natureza, dos homens e das coisas. A educação da natureza leva o eu do indivíduo a se expandir, aonde este irá se autolocalizar em si mesmo, em seu universo psicológico. A educação das coisas promove a expansão do universo, e se refere a sua autolocalização no sistema da natureza física. A educação dos homens promove a expansão do homem para com o outro, e se refere a sua autolocalização no sistema social.

Como defensor de uma filosofia da interioridade, Rousseau acredita que se o homem buscar conhecer-se, no sentido de perceber o seu “eu”, baseado não apenas na razão, mas também no sentimento, será capaz de perceber e interferir na sua existência, já que conhecendo a si mesmo, poderá conhecer e avaliar a sua realidade, e diante disso, desenvolver uma visão mais ampla e crítica dos problemas que surgem, pois à medida que as experiências acontecem, este redefine seu pensamento, adquirindo novos conhecimentos sobre si e sobre o mundo. Com essa teoria, Rousseau acaba direcionando um olhar para a subjetividade humana, para a individualidade do eu que contempla e participa da existência, e transfigura o mundo exterior, fazendo da natureza o conteúdo da consciência do homem, e originando com isso, o encantamento da alma.

Rousseau introduz a ideia de subjetividade no mundo moderno a partir do momento que propôs a valorização do sentimento. O sentimento é o fundamento da existência, é o instrumento que possibilita penetrar na interioridade do sujeito, na essência do indivíduo, em

sua totalidade, cuja força se afirma intensamente na esfera moral, que é um aspecto que possibilita uma nova dinâmica à vida humana, pois é a fonte interior do homem, de onde tudo provém e orienta as suas ações.

Todavia, na vida em sociedade, o sentimento acaba sendo anulado, porque o homem passa a ser subjugado por um conjunto de normas que o controla, forçando-o a ser o que não é. Sufocando seus instintos naturais, o homem acaba reprimindo seu sentimento verdadeiro, já que impõe sobre as emoções o pensamento racional e passa a agir falsamente, destruindo seus valores verdadeiros e conseqüentemente, seu eu. Rousseau irá ressaltar que o processo de desnaturação contribui para o homem anular a sua subjetividade, e em função disso, este passa a viver num mundo aniquilado, dividido, originando inúmeras conseqüências que o forcem a sair de si mesmo. A vida social acaba por afastá-lo do seu verdadeiro eu, e este acaba se perdendo na ordem civil, devido a uma espécie de modelagem que imprime nele um novo comportamento, já que pela imposição da norma é impedido de ser plenamente quem é, impedido de fazer o que deseja.

As análises de Rousseau sobre o autoconhecimento possibilitam um debate criterioso que problematiza a existência humana, de modo a convocar o homem a perceber como é difícil fazer-se presente na vida, fazer-se presente no corpo, considerando todo o processo social e suas conseqüências, pois as perdas e os ganhos são evidentes e exigem uma postura diferenciada, sendo extremamente necessário avaliar as formas que favorecem ou desfavorecem a vida e que anulam o sentimento do homem.

Ao negar as suas necessidades mais íntimas, sobretudo, no controle do seu corpo, o homem perde sua conexão com as forças instintivas da natureza, desconhecendo a verdade sobre si mesmo. Daí o compromisso de Rousseau com relação ao autoconhecimento, no sentido de evidenciar que o homem é um ser de raiz corpórea, sensível e através desse corpo ele passa a conhecer as impressões que lhe são estranhas, que provém de fora, e quando passa a viver em sociedade, acaba muito mais preocupado em existir fora de si, porque está muito mais interessado em ampliar as funções dos seus sentidos e a extensão exterior do seu ser. (Cf. Rousseau, 1978a, p. 285-286).

Para Rousseau é necessário que o homem utilize a capacidade interior que possui de modo a perceber o que lhe pertence realmente, distinguindo, sobretudo, aquilo que está fora de si, e para isso ele deve buscar conhecer a si mesmo, ele deve invocar a sua alma para que possa reencontrar a natureza, porque algumas qualidades primitivas acabaram sendo ocultadas pelos conflitos gerados pela vida social.

Como dar, porém a esse sentido (interior), toda a sua atividade e extensão? Como desembaraçar nossa alma, na qual reside, de todas as ilusões de nosso espírito? Perdemos o hábito de invocá-la ; ela ficou sem aproveitamento em meio do tumulto de nossas sensações corporais, fanou-se ao fogo de nossas paixões; o coração, o espírito, os sentidos, tudo trabalhou contra ela (ROUSSEAU, 1978a, p. 286).

Dessa forma, ele defende à máxima do Oráculo de Delphos, o “conhece-te a ti mesmo”, pois o homem em contato com essas forças naturais será capaz de reencontrar a si mesmo, empreendendo inclusive uma reestruturação em sua vida. Essa máxima é especificada na filosofia socrática, que propõe reconduzir o indivíduo ao interior de si mesmo, já que seria o local onde estariam resguardados os caminhos para a virtude, para o bem e para a justiça, que são aspectos que têm relação direta com a vida concreta do homem, e que orientam o corpo a agir, se comportar e fazer escolhas, e que também contribuem para a formação da personalidade, da individualidade consciente.

(...) Este princípio de examinar-se e encontrar-se a si mesmo adquire ainda mais importância à medida que se ingressa na verdadeira espera da consciência de si, no reino da “personalidade” (CASSIRER, 1999, p. 113).

Para Rousseau, as raízes da subjetividade devem ser encontradas, e para tanto, ele deixa claro que é necessário ir além das aparências, desvelando o âmago dos fenômenos que a ciência não consegue realizar, e nesse sentido, é necessário analisar tudo que escapa ao conhecimento imediato. Acredita-se que Rousseau talvez esteja querendo evidenciar que o homem tornou-se um competente especialista em privilegiar apenas o conhecimento exterior, objetivo, empírico e se distanciou de sua interioridade; quanto mais observa o externo, mais se afasta do interno, tornado-se um estranho em sua própria morada, em seu próprio corpo, em sua própria alma.

Observando a evolução do pensamento humano, percebe-se que os paradigmas instituídos como modelos de verdade foram erigidos com base na razão analítica e acabaram distanciando o homem das vivências existenciais, da sensibilidade, da emoção, da intuição, que passam a ser expressões consideradas como inferiores, ilusórias e sombrias, que devem ser dissolvidas pela razão.

Estranhos, desconhecidos de nossas dimensões mais enraizadas, de nossa subjetividade visceral, ocultando aquilo que em nós é mais originário e intenso, fomos nos tornando seres mais dessensibilizados, desencantados, descentrados de nosso eixo vital, primordial. A extreamação da externalidade foi nos revestindo de máscaras, de ornamentos e mecanismos recalçadores e defensivos que foram desenhando em posturas e atitudes marcadamente destrutivas para a vida humana (ARAÚJO, 1995 , p. 2).

As ideias de Araújo reforçam os argumentos de Rousseau, e objetivam demonstrar também a necessidade de questionar essas “verdades” objetivas, de modo a promover uma reabilitação do potencial interno do homem, de suas qualidades inerentes, suas sensações, suas emoções, seus sentimentos, mesmo entendendo que certas representações se consolidam e marcam o corpo e a vida humana com mais intensidade, principalmente, a partir do desenvolvimento da ciência, em que se valoriza excessivamente o pensamento. Talvez Rousseau queira nos mostrar que o autoconhecimento se refere a uma compreensão mais ampla do processo que envolve a sensação, a razão e a emoção, estas que juntas, se complementam e favorecem ao entendimento; ou seja, unindo pensamento e sentimento será possível olhar a vida de maneira mais transversal, tendo consciência das coisas, do mundo, do outro.

Segundo Reis (2005) Rousseau evidencia que o conhecimento transforma o homem a ponto de afastá-lo cada vez mais da natureza, e na medida em que os sábios desenvolvem a ciência, acabam escondendo o objeto que mais se deseja conhecer, ou seja, o homem. (...) “A depravação é real, e nossas almas se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição”. (ROUSSEAU, 1978b, p. 337).

É somente a desconfiança em relação a essa auto-experiência que faz o homem recorrer a testemunhos e provas de outra espécie. Entretanto, quem desconfia de si mesmo, pode contar com os outros somente em virtude de uma contradição interior (CASSIRER, 1999, p. 111).

Para Rousseau, o autoconhecimento é o retorno aos sentimentos inatos do homem, mas só será alcançado através do uso da consciência, ou seja, o juiz interno, a luz interior, a voz da alma. A consciência é o guia do homem, já que é um princípio inato de justiça e de virtude, a partir do qual o homem julga suas ações e as dos outros como boas ou más, pois os atos da consciência são os sentimentos.

A consciência seria, portanto, o suporte moral que possibilita ao homem entender como deve agir em sociedade, mantendo-o em segurança para que este não se perca na ordem civil. A consciência poderia ser vista como a intermediária entre o corpo e a alma, a responsável em orientar as ações do corpo, visando um equilíbrio, pois como afirma Rousseau, ela seria a voz da alma, e as paixões a voz do corpo, daí a necessidade de um ponto de mediação entre essas duas realidades.

Toda “instrução” moral, toda “doutrina” religiosa permanecem simplesmente ineficazes e infrutíferas se desde o princípio não se limitarem a querer atingir o objetivo do auto-reconhecimento e do conhecimento. Desse modo, é a

reformulação da ideia de educação que exige e possibilita uma reorganização, uma “reforma” da religião. (CASSIRER, 1999, p. 113).

Além de pensar sobre si, o autoconhecimento possibilitaria também ao homem sentir a si mesmo, já que a sensibilidade é também uma condição necessária à vida, em que o eu não duvida do que sente, mas duvida do que pensa. Isto porque, nesse processo, o autoconhecimento propicia a percepção das sensações que relacionam o que está dentro e o que está fora do homem, considerando todas as manifestações físicas, emocionais e intelectuais que estruturam a individualidade do sujeito. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 381).

Com base nas reflexões de Rousseau, supõe-se que ao descuidar da sua interioridade, o homem acaba perdendo o cultivo de sua sensibilidade e torna-se descentralizado, convertido em um ser insensível, brutalizado e mascarado pelas artificialidades. Rousseau não propõe que o homem opte por um dos extremos, mas que aprenda a ouvir a sua consciência, sua sensibilidade, seu sentimento nas vivências cotidianas, sendo capaz de criar “pontes” entre o que está dentro e o que está fora, de modo a proporcionar ao sujeito agir adequadamente. Talvez Rousseau queira mostrar que ao se conhecer, o homem ouve a sua consciência, percebendo e discernindo com mais clareza e amplitude suas limitações, ignorâncias, possibilidades, seu processo de aperfeiçoamento, cultivando sua sensibilidade e sua inteligência em um constante processo de aprendizagem, em que cria e recria a existência.

Mas quem sou eu? Que direito tenho de julgar as coisas? E o que determina meus juízos? Se eles são arrastados, forçados pelas impressões que recebo, canso-me em vão com essas pesquisas, elas não se realizarão, ou se realizarão por si mesmas sem que eu me intrometa para dirigi-las. Devo, pois, voltar o olhar primeiro para mim, a fim de conhecer o instrumento de que me quero servir e saber até que ponto posso confiar em seu uso. (ROUSSEAU, 2004, p. 378)

Dessa forma, acredita-se que a educação corporal poderia contribuir consideravelmente para a formação do homem, pois além de promover esse olhar sobre o próprio corpo, levando-o a entender o processo realizado pelos sentidos e posterior trabalho da razão, leva-o a perceber-se, já que entra em si próprio, e aprende a delimitar sua capacidade física, proporcionando-lhe também, entender até onde pode lançar-se, pois seu corpo tem limites físicos e morais, estabelecidos pelas interdições sociais.

Talvez, toda a reflexão de Rousseau sobre o autoconhecimento, contribua para pensar o corpo como um integrante do “eu”, já que ele é o acesso que permite o intercâmbio entre a vida interna e a vida externa, e dessa forma, deve ser considerado como algo bastante relevante, pois a matéria não é apenas aquilo que o homem possui, mas também aquilo que o

homem é, e que se refere à totalidade do ser, juntamente com outras instâncias, como a alma e o espírito, que apesar de distintas, estão coadunadas no homem. Apesar da filosofia de Rousseau ser interpretada como dualista, não se pode desconsiderar que ele, como adepto do naturalismo, acredita existir, como já foi evidenciado anteriormente no Cap. I, uma ordem universal que equilibra a existência, e dessa forma, ele não pode descartar uma visão de totalidade, e mesmo de interdependência entre as partes que compõem o todo.

Dessa forma, Rousseau acaba influenciado por uma tendência que especifica separadamente o ser humano, dividindo-o em partes e que surge na antiguidade com Platão, mas, considerando seus pressupostos, supõe-se que talvez, essa fragmentação se refira unicamente a uma questão didática, já que uma análise minuciosa de aspectos observados em sua filosofia, deixa entrever um processo de inter-relação presente em suas obras, em que as partes se relacionam, pois, estão interligadas.

Nesse sentido, será que ao tentar identificar a relevância do corpo no processo do autoconhecimento abre-se a possibilidade de se pressupor que Rousseau estaria conduzindo, mesmo que de forma inconsciente, uma ideia de aproximação entre corpo e alma?

Acredita-se que o autoconhecimento descrito por Rousseau, se refere justamente ao processo que estabelece relações entre o mundo interno e o mundo externo, entre o pensar e o agir, entre a razão e a emoção, entre o entendimento e a sensação, entre o pensamento e o sentimento. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de também se referir a uma ligação entre o corpo e a alma, numa compreensão alargada do processo que conduz a existência do sujeito, e que propicia a este, saber ser quem é, e saber fazer o que quer, além do impacto que provoca no outro através de relações cada vez mais plenas e produtivas que estabelece, pois acredita-se que a existência é um processo simbiótico, cujo equilíbrio depende da relação entre os seres, entre os corpos.

Tendo-me, por assim dizer, assegurado de mim mesmo, começo a olhar para fora de mim, e considero-me com uma espécie de frêmito, jogado, perdido neste vasto universo e como que afogado na imensidão dos seres, sem nada saber sobre o que eles são, nem entre eles, nem relativamente a mim. Estudo-os e observo-os, e o primeiro objeto que se apresenta a mim para compará-los sou eu mesmo. (ROUSSEAU, 2004a, p. 381).

Talvez, as análises de Rousseau sobre o processo de autoconhecimento possam conduzir ao entendimento de que o significado que o homem confere a sua vida está registrado não apenas em sua alma, mas também em seu corpo, como uma marca, revelando aspectos particulares e únicos em sua formação como sujeito social e ativo. Contudo, esses significados podem e necessitam ser reavaliados, pois a partir do momento que este tomar

consciência de suas limitações na convivência com a diversidade do mundo, poderá compreender as reações que as coisas provocam em si, em seu corpo, aflorando sua sensibilidade e levando-o ao encontro de si mesmo.

Desenvolvendo o autoconhecimento, o sujeito apropria-se de si mesmo para perceber e avaliar sua experiência e tentar modificá-la, dando novo sentido a sua existência. Dessa forma, torna-se necessário aprender a observar os próprios limites, ter autonomia para redimensionar os próprios problemas, controlando o medo, angústia, preocupações, dúvidas, inquietações, pulsões etc., já que facilitam a vivência humana, possibilitando, inclusive, um novo aprendizado no mundo.

Assim, acredita-se que através da educação do corpo, o autoconhecimento acaba sendo desenvolvido, pois o homem será forçado a se observar, se perceber, entendendo o que sente, além de estar atento às suas forças, seus limites, seus desejos, suas emoções. Além disso, o autoconhecimento irá possibilitar um autodomínio e autocontrole necessários à vida em sociedade, porque o homem estará se autolocalizando na natureza, em si mesmo e no sistema social.

PAIXÕES E IMPULSOS

A proposta pedagógica de Rousseau causa um grande impacto, justamente, porque, apresentando um destacado papel ao corpo, desenvolve ideias que se fundamentam na autonomia, liberdade e na formação integral do homem, em que corpo e alma adaptados, se desenvolvam, já que estes têm papel relevante na construção social e política, visando desenvolver cidadãos conscientes de si, do mundo e do outro. Ao apontar o significado do corpo no processo educativo, Rousseau ressalta o papel da sensibilidade, esta que funciona como uma espécie de fundamento que estrutura a vida humana, que por intermédio do corpo, dá forma e sentido à existência, pois ele é o local próprio da experiência do sujeito, onde tudo acontece e onde tudo se conecta, sustentando a vida em todos os sentidos.

Rousseau tem como foco evidenciar a importância da necessidade do gerenciamento desse corpo, chamando a atenção também para o reflexo que esse trabalho pode causar na construção moral e social do homem, pois entende que as paixões têm raízes nas necessidades físicas e acabam se tornando a base de todo ato humano. Nesse sentido, torna-se necessária uma educação capaz de ensinar ao homem a agir, de modo a afetar a alma, no sentido de desenvolver um corpo forte o suficiente para obedecê-la, já que um corpo fraco, tenderia a

enfraquecê-la, deixando-a render-se às paixões (Cf. Rousseau, 2004a, p. 34). Isto porque, quando o homem determina para si mesmo a lei, fica evidente que este não está subordinado apenas à necessidade da natureza, e nem tampouco está preso unicamente aos limites que são estabelecidos pelo mundo sensorial, pois ele necessita ter autonomia para agir.

Enquanto ele só se conhecer pelo seu ser físico, deverá estudar-se pelas suas relações com as coisas; é o trabalho de sua infância. Quando começar a sentir seu ser moral, deverá estudar-se por suas relações com os homens; é o trabalho de sua vida inteira, a começar do ponto que acabamos de chegar. (ROUSSEAU, 2004, p. 290).

Mas, como explicar que ao mesmo tempo em que propõe uma educação negativa que não reprima as necessidades da criança, Rousseau defenda a necessidade do controle das paixões? Ele propõe uma educação não-repressiva, justamente, porque respeita a liberdade da criança, seus desejos, suas vontades, além de incentivar a autonomia e valorizar a afetividade, mesmo que defenda a existências de regras morais que favorecem ao controle das paixões. Rousseau acredita que as paixões não são negativas ou destruidoras, mas necessitam ser controladas, amenizadas, de modo a impedir o homem de deformar a realidade a partir do uso da imaginação, esta que afeta sua ação no mundo, transformando suas necessidades em paixões e conseqüentemente afastando o homem da natureza. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 75-76).

O Genebrino deixa claro que a educação moral só será possível quando o homem atingir um grau de desenvolvimento capaz de passar das sensações para as ideias abstratas, ou seja, quando atingir a idade da razão, onde terá a capacidade de construir e elaborar pensamentos racionais, mesmo entendendo que a aprendizagem intelectual se constrói a partir da exploração dos sentidos. A tarefa educacional é, justamente, o auxílio para que se efetive a passagem dos apelos sensoriais para uma estruturação mais complexa, que envolve a capacidade de abstrair, ou seja, sair da experiência real, para construir uma representação mental, ativando com isso as funções cognitivas, e propiciando ao homem realizar atividades que permitirão entender o mundo e dá sentido às coisas.

Com a autonomia, o homem poderá ordenar o seu mundo, sem esperar auxílio sobrenatural, buscando ele próprio, soluções que o auxiliem a comandar a sua vida, pois a liberdade não é um presente da natureza, mas é o resultado da conquista do próprio homem.

Mesmo tendo pensado em uma educação que visa à obtenção de um corpo saudável e livre, sem depender de outrem, já que é o corpo que permite ao homem movimentar-se para conquistar o que deseja, o que necessita, Rousseau evidencia que esse desejo deve estar

subordinado às suas forças. Todavia, deixa claro que não é um desejo que se expressa livremente, já que o homem vive em sociedade; é um desejo que passa a ser subordinado à moral, cuja educação irá impor os limites, irá impor controle, adaptando o homem às exigências que visam o bem comum, e que inevitavelmente, acabam revelando uma espécie de descaracterização do indivíduo em favor da coletividade.

Para compreender as análises rousseauianas sobre as paixões e desvendar o mecanismo que se relaciona ao processo do sentir, devem ser evidenciadas as ideias que se deslocam para os aspectos relacionados à experiência sexual. Nesse processo, o corpo será o veículo imprescindível para a realização dessa outra forma de nascimento, já que, considerando o desenvolvimento da criança, em função do tempo que é estabelecido pela natureza, esta passa a viver uma nova fase da existência, cuja revolução é proclamada pelo surgimento das paixões, modificando o seu corpo e o seu comportamento. É um chamado que leva a criança a enxergar a vida diferentemente, já que estará muito mais sensível, sendo afetada pelas relações que estabelece. (Cf. Rousseau, 2004, p. 285).

No Livro V do *Emílio*, Rousseau desloca seu discurso para o terreno da sexualidade, cujo discurso se impõe como um desafio, pois como um tema extremamente polêmico e provocativo acaba abalando as estruturas morais da sociedade do seu tempo. Discutindo sobre a sexualidade e a afetividade, ele abre um novo acesso para repensar a corporeidade, favorecendo a análise de experiências que possibilitam ao homem entender suas emoções nas trocas afetivas, ou nas reações específicas do seu corpo, quando em contato com outros corpos.

Ao tentar imprimir esse novo viés ao seu pensamento, Rousseau colocará a educação sexual como mais um aspecto a ser investigado, pois como é algo natural, espontâneo e instintivo, necessita ser pensado e discutido. Com essa proposta, ele amplia o referencial de corpo, pois como a sexualidade é um dos aspectos mais importantes da vida humana, não poderia ser desprezado ou ser visto como algo isolado, mas deveria ser analisado dentro da totalidade da existência, apesar de todas as práticas punitivas que refletem as determinações morais da época.

É importante ressaltar que no Séc. XVIII, segundo Matthews Grieco (2010), o casamento passa a ser considerado o único lócus oficialmente autorizado da sexualidade, sendo o meio pelo qual a religião procura controlar a consciência dos indivíduos através do disciplinamento do corpo e de seus instintos. As proibições relativas às relações sexuais no casamento privilegiam apenas o relacionamento entre homem e mulher, que passa a ser visto, sobretudo, para fins reprodutivos, descartando qualquer forma de contracepção, pois dele

depende uma descendência saudável e numerosa que concede uma expressão legítima aos desejos humanos.

Apesar do casamento ser um acesso legítimo à sexualidade, nem todos os sujeitos sociais são incluídos nesse processo, isto porque, em função das circunstâncias - mulheres-mães de crianças bastardas, pobres, desempregadas, domésticas que foram abusadas sexualmente, dentre outros casos - acabam por abrir uma nova possibilidade para a “subcultura da ilegalidade”, colocando a prostituição como uma possível solução. A questão da prostituição nessa época atinge proporções consideráveis e torna-se um problema social a ser resolvido, considerando que as mulheres sozinhas e abandonadas, não encontram outra saída que não trocar o próprio corpo por refeições, abrigo, roupas ou dinheiro.

Como uma profissão extremamente competitiva, a prostituição irá valorizar a representação corporal como um dos elementos primordiais que facilita o acesso das mulheres no comércio do sexo, pois como o corpo é visto como um objeto, passa a ser vendido, negociado como uma moeda de troca. Segundo Matthews Grieco (2010), o corpo feminino e seus atributos sempre foram considerados como o fundamento básico explorado no mercado do casamento e do sexo.

Além da prostituição, existem outras práticas sexuais alternativas, demonstrando que o heterossexualismo enaltecido pelo matrimônio, coexiste com outras atividades sexuais transgressoras, como a fornicação, concubinato, adultério, masturbação, zooerastia e homossexualismo masculino e feminino e que são ignorados, tolerados ou reprimidos ao longo do tempo enquanto não provocam escândalos públicos. A religião tenta reformar o corpo social dos “pecados” “contra a natureza”, enquanto a medicina visa cuidar do corpo dos indivíduos acometidos pelos efeitos das práticas libidinosas e que passam a ser vistas, sobretudo, como doenças. (Cf. Matthews Grieco, 2010, p. 279).

Influenciado por essas ideias, Rousseau, no Livro V do *Emílio*, estabelece uma distinção dos sexos, e ressalta o trabalho primoroso realizado pela natureza para conservação e perpetuação da espécie, em que os detalhes perfeitamente harmônicos e complementares de ambos, acabam enaltecendo a existência numa comunhão perfeita. Para o autor, de acordo com as determinações da natureza, o homem tem um corpo forte e ativo, cuja aparência o coloca como o agente dominante, mas, em função de seus impulsos internos, acaba por depender da mulher, que apesar de possuir um corpo mais fraco e passivo, consegue dominá-lo através do desejo, já que seu corpo afeta consideravelmente os sentidos do homem, deixando em evidência que a fraqueza deste é ceder aos atributos femininos, que seriam na verdade a força da mulher. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 519).

A estrutura física masculina e feminina possui uma constituição biológica simbiótica, como se fossem peças que se encaixam perfeitamente, em que o instinto torna-se a força poderosa que os unem e que os conduzem, fazendo com que estes sejam atraídos e desejados reciprocamente. O desejo seria um fator extremamente necessário, pois como um “elo” natural, estaria encarregado de coadunar essas forças opostas para a preservação e perpetuação da espécie.

Ao analisar as funções dos corpos e diferenças sexuais, Rousseau deixa claro que o homem cultiva o corpo para desenvolver a força física, ao passo que a mulher cultiva o corpo para a sedução e para evitar a ociosidade. Direcionando suas ideias para o universo feminino, descreve o mecanismo que envolve a constituição desse corpo, em que passa a ser visto como um complemento necessário à vida do homem, apesar de deixar escapar certo descaso com relação ao seu papel social.

Rousseau deixa entrever sua apreciação pelo sexo feminino, mas talvez, a argumentação que utiliza para expressar suas ideias tenha sido influenciada pela sua interpretação biológica. Seu discurso especifica a superioridade física do corpo masculino, deixando a mulher em segundo plano, além de sujeita a autorização e proibição do homem no que se refere à sua própria capacidade de agir, já que transfere para o universo moral a fragilidade e passividade presentes na sua estrutura biológica, e fazendo dela, um ser destinado exclusivamente para servir ao homem.

Estabelecido este princípio, segue-se que a mulher foi feita especialmente para agradar ao homem. Se, por sua vez, o homem deve agradar a ela, isso é de necessidade menos direta; seu mérito está na sua potência, ele agrada por ser forte. Concorde que esta não é a lei do amor, mas é a da natureza, anterior ao próprio amor. (ROUSSEAU, 2004, p.517).

Os argumentos que utiliza para destacar o papel do corpo feminino tendem a determinar uma função primordial para a mulher, alertando, inclusive, que tudo no seu corpo é organizado de modo a lembrá-la constantemente que sua principal função seria ter filhos, sem esquecer também dos cuidados essenciais que promoverão seu bem-estar antes, durante e após o período de gestação. Sua preocupação na verdade é mostrar que o corpo feminino deve ser forte e saudável, porque da sua constituição física dependerá a boa constituição dos seus filhos, daí sugerir à mulher, o compromisso e a responsabilidade com os cuidados necessários. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 527)

Porém, ele também se refere aos cuidados referentes às atividades físicas e a alimentação feminina de modo geral, e que contribuem para a disposição necessária na

realização de seus afazeres. Para Rousseau, através dessas práticas, a mulher estaria mais dinâmica, mais ativa, cujos exercícios moderados e agradáveis, realizados através de diversões, corridas, jogos etc., iriam beneficiá-la em todos os sentidos. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 521)

No que se refere à questão social, ele alerta que a própria educação feminina é organizada de modo a provocar os sentidos dos homens, daí a preocupação com os atrativos do corpo, pois tudo é feito para agradá-los. Para que isso ocorra, as mulheres são ensinadas desde pequenas a valorizar a beleza, as vestimentas, o comportamento, a doçura no falar etc., e que fazem delas o belo sexo. Mas, ao mesmo tempo em que se valorizam as qualidades físicas, essas mulheres são educadas de modo a reprimir os próprios desejos, visando o controle dos seus sentimentos para resistirem às tentações capazes de desorientá-las. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 525).

Em função desse controle interno, Rousseau acredita que as mulheres acabam sendo mais equilibradas moral e emocionalmente, e em consequência, se sobrepõem aos homens, tornando-se mais fortes; só que esse poder é diferenciado, pois não se baseia na força física, nem tampouco na coação. “O domínio da mulher é um domínio de doçura, de habilidade e de complacência; suas ordens são carícias, suas armas são lágrimas”. (ROUSSEAU, 2004, p. 599).

Apesar de Rousseau sinalizar a importância da questão estética e dos atrativos que são utilizados na sociedade, e que contribuem para dá aos dois sexos os atributos necessários ao jogo da sedução, deixa entrever certo descaso pelos exageros, pois estes não condizem com o autêntico caráter da natureza humana, já que para ele, “tudo que atrapalha e constrange a natureza é de mau gosto” (ROUSSEAU, 2004, pg. 531). Os enfeites são aceitáveis, mas não podem encobrir os encantos naturais da mulher, já que são estes que mexem com a imaginação dos homens.

A mulher não deve se preocupar unicamente com a beleza do corpo, apesar da aparência ser a primeira coisa que impressiona, mas deve também possuir outros encantos. Além de bela, a mulher deve ser cuidadosa, estando atenta à higiene do seu corpo, das suas roupas, da sua casa, do seu trabalho; deve também ser elegante, graciosa, deve saber se expressar, ser gentil, ter um espírito ativo e cultivado, e um comportamento adequado, buscando, sobretudo, ser virtuosa. (Cf. Rousseau, 2004a, p.541).

Para ele, a virtude é o caminho para a felicidade da mulher, pois são sentimentos que elevam sua alma e contribuem para domesticar suas inclinações, tornando-a respeitável e digna de estima. Com a virtude, será capaz de controlar o temperamento ardente do seu

coração, se opondo à impetuosidade dos seus sentidos e vencendo-os, pois só a força do amor às coisas honestas poderá levá-la a vencer a si mesma, controlando os prazeres ruidosos que atormentam sua vida.

Supõe-se que a preocupação de Rousseau é evidenciar que no processo social a mulher assume uma condição que para ele, talvez pareça ser diferenciada, em que sua imagem é construída a partir do seu referencial biológico, já que seu corpo é fraco, e nesse sentido, deve ser controlado pelo mais forte, que é o sexo masculino, este que acaba por render-se à fraqueza do desejo. Rousseau reconhece o sexo mais fraco como aquele capaz de dominar o homem, mas que deve ser representado, sobretudo, pela figura de um ser essencialmente doce, submisso e mesmo, subserviente, capaz de aceitar a todos os inconvenientes da vida material sem queixas e lamentos.

O perfil feminino traçado por Rousseau, acaba por reproduzir a imagem de um ser sem muitas pretensões, que se volta exclusivamente para a vida doméstica e que tem a família como o centro de suas preocupações, além de ser destituído de vontade e iniciativa em função das questões morais, daí renunciar às suas necessidades mais íntimas, por medo de macular a sua reputação, já que estará sempre sujeita ao juízo dos homens, sem que haja a possibilidade desta se colocar acima desse juízo. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 536).

Apesar da abundância de ideias que se referem ao corpo no processo que envolve a paixão, essa análise não se esgota, já que Rousseau também faz referência à linguagem corporal. Ele não utiliza o termo, mas faz alusão a essa forma de comunicação não verbal, quando menciona que no processo de aproximação que envolve um casal que se atrai sexualmente, esse tipo de linguagem se faz presente, sendo tão significativa, que cada sinal do corpo é representativo.

Estuda cada traço, espreita cada movimento, cada gesto; encontra para tudo mil interpretações confusas (...). Olha-me, angustiado e perturbado; seus olhos fazem-me ao mesmo tempo cem perguntas, cem reprimendas. Parece-me dizer a cada olhar: Guia-me enquanto é tempo; se meu coração se entregar e estiver enganado, não me recuperarei enquanto estiver vivo. (ROUSSEAU, 2004a, p. 609).

Ele afirma que nesse processo, todos os indícios da imagem corporal são examinados minuciosamente, originando interpretações que tentam desvendar o estado interno do indivíduo, pois o corpo expressa esses sinais mesmo que inconscientemente, cujas significações que se relacionam ao estado de ânimo do sujeito, acabam denunciando que os seres desvelam sua alma por uma presença, cuja excitação e interesse tornam-se explícitos. Isto porque, nesse momento, todas as emoções afloram e acabam por modificar

consideravelmente a aparência e o movimento espontâneo do corpo, mesmo que exista por parte do sujeito que sente tais emoções, a intenção de disfarçá-las. “Emílio é o homem que menos sabe disfarçar” (Cf. Rousseau, 2004a, p. 610).

Talvez Rousseau queira demonstrar que a emoção mobiliza o homem, sendo uma espécie de padrão de movimento interno que se manifesta inevitavelmente, acabando por proporcionar mudanças que ocorrem no corpo, mas que nem sempre se tem consciência, pois se refere a um processo interno que se aflora sem consentimento. Movido pela paixão, o homem é afetado não apenas no corpo, mas, sobretudo, na alma, já que é esta quem contempla o objeto do seu desejo, é esta que acaba envenenada pelas sensações providas do corpo e que, conseqüentemente, acaba por modificar seu comportamento, tornando-se alegre, envergonhada, embaraçada, temerosa, confusa, etc..

É então que os encantos daquela moça feiticeira entram aos borbotões em seu coração e ele começa a engolir em quantidade o veneno com que ela o embriaga. Ele já não fala, já não responde; só vê Sofia, só ouve Sofia; se ela diz uma palavra, ele abre a boca; se ela abaixa os olhos, ele os baixa; se a vê suspirar, ele suspira; é a alma de Sofia que parece animá-lo. Como a alma de Emílio mudou em poucos instantes! (ROUSSEAU, 2004a, p. 610).

Dessa forma, seria pertinente indagar, até que ponto perceber as mudanças corporais providas das emoções podem beneficiar o homem, pois ciente de tal mudança, este pode tentar conhecer-se. De acordo com Monteiro (2004, p. 63), observar a mudança corporal leva o homem a perceber o que acontece consigo quando se emociona e, ao buscar descrever e conceituar a mudança, acaba construindo um padrão de memória sobre o que sente. Esse sentimento se caracteriza como uma forma cognitiva da mudança que se percebe no corpo, cuja sensação ele tenta compreender e nomear, classificando-o de acordo com as interpretações que se faz a partir da mudança.

Rousseau possibilita pensar sobre alguns aspectos que se referem às emoções e os reflexos que se expressam no corpo durante esse processo, evidenciando a existência de uma profunda ligação entre esses dois aspectos da vida humana. Acredita-se que as emoções, possam ser vistas como forças extremamente atuantes na existência, pois se encontram emaranhadas em todo o processo biológico, psíquico e social do homem, e acabam por ajudar na construção de novos corpos, porque provocam uma perturbação que leva à produção de novos componentes orgânicos, em função da mudança de seu padrão de movimento. Além disso, as emoções ainda influenciam o raciocínio, ajudando a regular os comportamentos, pois ativam as idéias, e como possuem características sociais, já que são lançadas para fora, formam elos capazes de unir um corpo a outro (Cf. Monteiro, 2004, p. 60).

Para Rousseau, as emoções participam da vida humana e são forças poderosas que se manifestam e não podem ser desconsideradas, sendo na verdade essenciais à existência. Estas emoções não se limitam unicamente às experiências físicas, já que as sensações não são emoções, apesar de serem as responsáveis pela capacidade de sentir do homem. As sensações propiciam as emoções, mas se distinguem claramente, pois são as emoções que orientam a conduta do homem, já que são a expressão da sua natureza, a fonte de conhecimento que propicia prazer e felicidade, e que favorece ao pensamento racional, mas não se confunde com este, apesar de ambos estarem presentes no corpo.

Ao se referir ao processo vivenciado por um sujeito que sente a força da paixão, o Genebrino utiliza diferentes designações na tentativa de traduzir as diversas formas de representar essa força interna presente no homem, e que se relaciona a uma espécie de angústia, perturbação, embriaguez, ou mesmo delírio, pois esta é uma energia em movimento que busca a expressão e sempre acaba sendo pública, já que se impõe e se mostra por intermédio do corpo, e apesar de muitos não conseguirem ler os seus sinais, o corpo se expressa, sempre diz algo sem palavras.

Diante de tal reflexão, talvez se possa sugerir que Rousseau possibilita uma interpretação que permite afirmar que as emoções humanas são expressas no corpo como um sinal que se manifesta de diversas formas, e que denuncia inevitavelmente a subjetividade do sujeito. Esses sinais provindos do corpo são referenciados no Livro V do *Emílio*, sempre como representações explícitas de embaraço, timidez, entusiasmo, alegria, enrubescimento, nervosismo, tremor etc., pois como a paixão é uma força que cega o homem e da qual ele não consegue se desvencilhar facilmente, leva-o a perder o equilíbrio e a razão, e dessa forma, este não consegue controlar as atitudes e as palavras, embotando o pensamento, esquecendo as conveniências e levando-o muitas vezes a autoescravizar-se com o desejo.

(...) ainda não trocaram uma palavra e já se percebe que se entendem. O jeito deles não é familiar; ele está embaraçado, tímido; não se falam; seus olhos baixos parecem evitar-se, e isso mesmo é um sinal de entendimento; evitam-se, mas de comum acordo; já sentem a necessidade de mistério antes de dizer qualquer coisa. Sofia nada diz, não faz nenhum sinal, parece nada estar vendo e nada ouvindo; mas ela enrubesce, e esse enrubescer é uma resposta ainda mais clara do que a de seus pais. (ROUSSEAU, 2004, p. 613)

Essa linguagem corporal, que seria na verdade, uma linguagem silenciosa, talvez esteja bem próxima da linguagem dos sinais naturais descrita por Rousseau no *Ensaio sobre a Origem das Línguas* e mencionada anteriormente Cap. II, e que seria na verdade, a linguagem da ação, dos gestos, e que se constitui num tipo de linguagem mais expressiva, bem mais

próxima da natureza, já que revela os sentimento e as emoções, e como estes são eminentemente legíveis, não necessitavam ser traduzidos em símbolo. Essa linguagem, segundo ele, é mais autêntica, pois o sentimento aparece verdadeiramente como é, sem que haja mediações, convenções, artificialidades, pois exprime a verdade do ser, a verdade do eu, impondo-se por si mesma.

Para Rousseau, na linguagem dos sinais naturais, o efeito que se manifesta no corpo e a causa interna não se separam, são conjugados, não existe uma dicotomia entre o parecer e o ser; as palavras não podem suplantar a essência, pois só os sinais conduzem ao sentimento íntimo. A expansão do sentimento faz com que as consciências se encontrem sem que o diálogo se efetive, pois são os atos da alma, em que o ser se comunica sem a necessidade de alienar-se ou abandonar-se a si mesmo.

Jean-Jacques se descreve como uma “alma sensível” em que todas as emoções são instantaneamente visíveis: o sinal natural e o sentimento são exatamente contemporâneos, pois esse sinal não é feito de uma outra substância que não o próprio sentimento. Pode-se dizer que o sinal natural é o sentimento que se fala no plano do corpo. O acontecimento afetivo ao invadir o corpo, assinala imediatamente no exterior, e a mensagem expressiva não precisa ser “articulada” suplementarmente. A perturbação da emoção é e se pretende imediatamente expressiva: a cintilação do olhar é ao mesmo tempo, a cólera e a linguagem que exprime a cólera. Essa linguagem é de uma fidelidade absoluta; diz o que é. (STAROBINSKI, 1991, p.158-159).

Assim, pressupõe-se que a análise do corpo relacionada ao sexo figura como uma questão decisiva, pois o corpo é o elemento que cria o vínculo entre os dois sexos, é o veículo que promove a aproximação, o contato, e que exercitará os sentidos de ambos, fazendo nascer o desejo. O desejo para Rousseau é uma emoção sensual cega, efervescente, ardente, que visa às coisas que estão fora do homem; é um apelo, uma inquietação que atinge a imaginação, cujas ilusões com o objeto do seu desejo, acabam valendo mais que a própria realidade, pois acabam por afetar a alma. O desejo domina o corpo e o conduz, impelindo-o a agir, já que é instinto, é força plena de realização, é exigência interna individual, pulsante, viva e infalível, que mobiliza a vontade, desconsiderando a moral.

Quando o homem se entrega aos desejos, torna-se escravo e acaba por entender que consegue suportar as dores do corpo, pois estas o prendem à condição humana, mas não consegue suportar as dores da alma, já que estas o prendem a todas as afeições que adquire, sendo justamente desses desejos que nascem as perturbações da vida; e quanto mais permitir que essas afeições aumentem, irá multiplicar seus sofrimentos; e ao sucumbir às paixões, significará que estará passando por privações. (Cf. Rousseau, 2004a, p. 654).

Para Rousseau, o ser humano vive em sociedade porque precisa do outro; como é um ser imperfeito, e não basta a si mesmo, necessita da companhia do outro para desenvolver-se, para aprimorar-se. Mas, convivendo com uma realidade que é diferente da sua, se perde e esquece-se de si, valorizando o social em detrimento do individual. Todavia, de acordo com suas ideias, é justamente esse processo inquietante que permitirá ao homem elevar-se, entendendo que é preciso se redescobrir, se reconhecer, de modo a redimensionar as suas potencialidades, reencontrando-se consigo mesmo, e redefinindo-se, pois os encontros que ocorrem na vida social geram conflitos e turbulências que permitem ao homem essa reavaliação, essa reorganização individual e conseqüentemente, social.

Com o surgimento das paixões, o homem sofre uma constante inquietação do espírito, mas ao mesmo tempo, este aprende que essas novas experiências acabam formando uma ligação entre os homens, já que vive coletivamente. Rousseau afirma que as paixões são qualidades do espírito e contribuem para o entendimento humano, além disso, são aspectos muito importantes na vida e não são malélicas, pois são naturais e estão inscritos no próprio homem, sendo impossível destruí-las, já que são a manifestação da sua própria natureza

A única forma do homem viver bem coletivamente é amenizar o efeito devastador dessas paixões, e para isso ele deve aprender a dominá-las, pois estas são as causadoras da ruína da humanidade. Rousseau “desconhece qualquer entrega absoluta à paixão e exige dos homens a força da renúncia. E para ele, é somente nessa força que o sentido e o valor da vida se abrem” (CASSIRER, 1999, p.79).

Para que isso ocorra, é preciso educar o homem, ensinando-lhe as condições necessárias para que possa fazer as escolhas certas, éticas e morais, e nesse sentido, o trabalho com o corpo contribui significativamente, no que se refere a acostumar os sentidos do corpo para viver socialmente, promovendo a integração com o meio em que vive, e com os outros corpos e condicionando-o a princípios morais capazes de forçá-lo a resistir ao ímpeto das suas necessidades individuais e garantir a vida social.

Nesse sentido, a educação que favorece ao corpo possibilitará civilizar as paixões, os desejos e necessidades instintivas através de exercícios físicos, pois o corpo estará em movimento, e através do movimento irá se fortalecer, obedecendo a alma; o corpo, nesse processo educativo seria na verdade, um instrumento da alma, um elemento participativo do processo da existência, utilizado, sobretudo, para afetar e desenvolver a alma, esta que seria para Rousseau, a verdadeira força que comanda os pensamentos e sentimentos do homem.

Rousseau resgata, ao mesmo tempo, o homem como um ser corpóreo, dotado de necessidades e paixões, e o homem como um ser espiritual e histórico, que

possui razão e livre arbítrio. O ato da liberdade moral não deriva, portanto, de uma decisão da razão desvinculada da realidade corpórea, mas também dele participam os sentimentos e as emoções do homem. (GONÇALVES, 2010, p. 52).

Assim, a atenção para o papel do corpo na educação seria a forma de proporcionar ao homem a oportunidade de compreender que, como vive com outras pessoas, deve aprender a controlar os seus impulsos, os desejos do seu corpo, tendo o autodomínio. Esse autodomínio é a condição para demonstrar a superação do seu individualismo natural, redirecionando o seu interesse para o outro, para a humanidade, e abrindo espaço para que estes possam viver juntos numa espécie de pacto social que garanta a ordem e a vida da sociedade, em que as normas e os valores coletivos, representem a vontade de todos, estando acima da vontade individual. Dessa forma, seria possível enxergar esse autodomínio como uma espécie de sabedoria, entendendo que, ser sábio é agir com moralidade, buscando, principalmente, ser virtuoso.

O homem não verá mais o objetivo da comunidade na mera satisfação instintiva, e não a julgará baseado na amplitude alcançada por sua satisfação. Ele verá nela, ao contrário, a fundadora e a guardiã do direito – e entenderá que no cumprimento dessa tarefa está assegurada se não a felicidade, pelo menos a dignidade da humanidade. (CASSIRER, 1999, p. 120)

FORMAÇÃO DAS VIRTUDES

No processo de formação do homem, Rousseau defende que a educação que considera o corpo como um aspecto significativo, poderá ser relevante também para desenvolver as virtudes humanas. Ao educar o homem, além de desenvolver um corpo forte, robusto, livre, autônomo, que se autopercebe e conhece, irá também estimular o compromisso para controlar suas paixões, orientando sua atitude e regulando seu comportamento a partir do desenvolvimento da virtude. Como um primoroso defensor do homem, do potencial humano, Rousseau acredita ser este, a perfeita obra de arte da natureza, daí sua preocupação em investigar incansavelmente suas características, pois são estas que explicam o progresso da humanidade. Sua fé na ingenuidade natural do homem, sua predisposição em defender a inocência, a pureza, comungando com a ideia de justiça, de liberdade, de igualdade, de autenticidade, sua plena convicção no sentimento interior do homem, na virtude, deixam entrever uma crítica contundente a toda forma de degeneração da natureza humana, esta que

segundo ele deve ser preservada, pois é onde se encontra o potencial capaz de propiciar ao homem uma vida equilibrada. Ao propor a formação da virtude, Rousseau deixa em evidência que confia na capacidade humana em buscar soluções para resolver os problemas que surgem em função das artificialidades da vida social, levando o homem a entender suas potencialidades, suas disposições naturais, de modo a conduzir a sua vida.

No Discurso sobre as Ciências e as Artes, Rousseau afirma que os homens romperam a antiga relação que empreendiam com a natureza, esquecendo-se dos seus verdadeiros sentimentos, além de fortalecerem os vícios em detrimento das virtudes. Pela uniformidade dos costumes, as pessoas acabam domesticadas e passam a representar um papel, demonstrando não o que são, mas aquilo que se exige que elas sejam; e em função disso, acabam por esconder as deformidades de caráter em nome da polidez e do decoro. Nesse processo, as diferenças individuais são ignoradas, e os comportamentos são padronizados, camuflando a natureza humana, as virtudes, e criando vícios, já que os homens com o comportamento modelado acabam originando um ambiente onde se desconhece o outro, onde as suspeitas imperam e as amizades verdadeiras são dissolvidas. (Cf. Rousseau, 1978b, p. 336).

Para Rousseau, os parâmetros morais serão imprescindíveis, porque irão nortear o acordo social, de modo a controlar o comportamento do homem e forçá-lo a estabelecer limites para não desejar possuir o que não está ao seu alcance, tendo consciência de sua própria dignidade, de sua responsabilidade para seu próprio desenvolvimento e para bem da comunidade. A educação seria um fator essencial para este fim, pois ao formar sujeitos autônomos e virtuosos poderá contribuir para uma transformação social, no sentido de torná-los capazes de pensar racionalmente e agir visando o bem comum.

Oh! virtude, ciência sublime das almas simples, serão necessários, então, tanta pena e tanto aparato para conhecer-te? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? E não bastará, para aprender tuas leis, voltar-se para si mesmo e ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões? (ROUSSEAU, 1978b, p. 352)

A preocupação de Rousseau é formar indivíduos capazes de vencer suas inclinações, já que viver em sociedade exige domesticar os instintos do corpo, abafando seus desejos e vontades, e para isso será preciso o exercício pleno da virtude, pois como o homem vive em meio a tantas forças corruptoras, deve esforçar-se para bem conduzir sua vontade e razão.

Dessa forma, deve evitar às paixões, buscando agir corretamente, conforme o dever, e para realizar tal ação, deve seguir sua consciência, sem abdicar de sua liberdade.

A virtude seria uma espécie de unidade interna, capaz de orientar o homem para que este possa discernir entre o certo e o errado, o justo e o injusto, o bem e o mal, de modo a decidir por conta própria como agir, dando a ele critérios de julgamento capazes de educar sua razão e aprimorá-la.

Que é, então, um homem virtuoso? É aquele que é capaz de vencer suas afeições, pois então ele segue a razão, a consciência; faz seu dever, mantém-se na ordem e nada o pode afastar dela (ROUSSEAU, 2004, p. 656).

Evocar a virtude seria na verdade ouvir a voz da consciência, numa espécie de retorno à essência do homem ou a própria natureza, pois de acordo com o Genebrino, o homem virtuoso é livre de fato, sendo senhor de si mesmo, pois segue o seu coração. A virtude estaria associada à ideia de força e só a força de vontade do homem poderia ser capaz de forçá-lo a organizar sua vida e conseqüentemente a sociedade. “A palavra virtude vem de força; a força é a base de toda virtude. A virtude só pertence a um ser fraco por natureza e forte pela vontade”. (ROUSSEAU, 2004, p. 656).

Vale ressaltar que a consciência moral de Rousseau, não permite ser influenciada por aspectos externos, e nesse sentido, seria função também da educação, tentar aprimorar os sentidos e a razão para que o homem possa agir com discernimento, reivindicando a moralidade humana para que as virtudes possam sobrepujar os vícios. Seu projeto educativo submete o mundo e as coisas ao sentimento, propondo um retorno à natureza e às origens da sociedade, no sentido de depurar as paixões degeneradas para reordenar as estruturas sociais, já que a educação é uma mudança interior que se relaciona a uma ação política, que visa transformar a sociedade num movimento intenso do homem consigo mesmo, com o mundo e com os outros.

A virtude pertence ao homem social que utilizando-se da razão, precisa agir ordenadamente, mas que é guiado pela consciência, no sentido de cumprir com seus deveres, já que é parte da sociedade e por isso, deve seguir o que foi estabelecido através da convenção. “Ora, é do sistema moral formado por essa dupla relação, consigo mesmo e com seus semelhantes, que nasce o impulso da consciência”. (ROUSSEAU, 2004, p. 411). Cabe ao homem, portanto, o empenho e o compromisso em reparar o mal que a cultura acabou provocando nas relações sociais, e que só será possível, através de um comportamento virtuoso, capaz de revelar a bondade do seu coração.

Não há dúvidas que para Rousseau a virtude é uma virtude política porque pressupõe essencialmente uma proposta honrosa à convivência e o respeito a uma convenção estabelecida. A virtude, portanto, está ligada a uma ação intencional e teleológica (...). (PAIVA, 2009, p.169).

A proposta de Rousseau é uma espécie de reconfiguração humana e não pode ocorrer se não se considerar a bondade natural. Só acreditando nessa força interna, pode-se promover uma verdadeira mudança, capaz de proporcionar ao homem uma vida virtuosa, mesmo vivendo numa sociedade corrompida. Só apelando para o sentimento, para esse a priori da existência, será possível modificar a atitude do homem, pois a virtude associada ao estado natural não pode ser corrompida. (Cf. Paiva, 2009, p.169).

No processo social, Rousseau estabelece uma distinção entre o corpo e a alma, e considera que entre eles existe uma linguagem contraditória que desestabiliza o homem e muitas vezes o deixa indeciso, pois este não sabe a quem recorrer, mas a consciência, como uma faculdade superior e segura, guia o homem, e se este estiver atento aos seus apelos, estará obedecendo à própria natureza, já que é um princípio de justiça e de virtude. A consciência comanda a alma, ao passo que o instinto comanda o corpo; a consciência ordena, e o corpo obedece.

Apesar de distintos e vistos separadamente na filosofia rousseauiana, o corpo e a alma estão interligados, e são essenciais para a construção humana, e mesmo que tenham sido separados didaticamente no discurso de Rousseau, são estruturas que fundamentam a existência, pois o corpo é o instrumento que a consciência utiliza para proporcionar à alma agir corretamente, moralmente, seja para o bem individual ou coletivo, apesar de suas limitações. Mesmo sendo a fonte que comanda a vida humana através da alma, e que eleva divinamente a atitude dos homens, a consciência também está no corpo, e só pode se manifestar através do corpo, através das ações do corpo.

Consciência! Consciência! Instinto divino, imortal e celeste voz; guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre; juiz infalível do bem e do mal, que tornas os homens semelhantes a Deus és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações; sem ti nada sinto em mim que me eleva acima dos animais, a não ser o triste privilégio de perder-me de erros em erros com o auxílio de um entendimento sem regra e de uma razão sem princípio. (ROUSSEAU, 2004, p. 411/412).

A proposta de Rousseau amplia a educação integral, pois utiliza o corpo no sentido de desenvolver a virtude, quando estabelece os limites morais, já que irá assegurar as condições de liberdade, assegurando também, o desenvolvimento físico e intelectual do homem, isto é, estimulando a formação de um corpo forte e autônomo, além de educar os sentidos, e

consequentemente a inteligência através das experiências. Segundo Hermann (2013), o desenvolvimento de uma autonomia física e da educação dos sentidos através do contato com a natureza, favorece o estabelecimento de uma autonomia moral. O que equivale dizer que, a auto-suficiência física proporciona ao homem se conhecer, se controlar, se definir, em prol da equidade social, pois experienciando o mundo de forma ativa e livre, as capacidades naturais serão desenvolvidas num processo de autoformação, permitindo a construção de sujeitos sociais autênticos e virtuosos.

Dessa forma, fica claro que a moral é a base da educação proposta por Rousseau e o desenvolvimento da virtude é o elo entre a razão e a sensibilidade. O homem virtuoso é aquele que domina suas paixões e segue sua consciência, cumpre seus deveres e permanece dentro da ordem. Na reflexão das ideias contidas no discurso do Vigário Saboiano, no Livro IV do *Emílio*, a virtude é o resultado do uso da razão guiada pela consciência moral e substanciada na sensibilidade, cujo fundamento é a bondade natural.

Unida ao corpo mortal por laços não menos poderosos do que incompreensíveis, o cuidado da conservação deste corpo anima a alma a relacionar tudo com ele e confere-lhe um interesse contrário à ordem geral, que no entanto ela é capaz de ver e de amar; é então que o bom uso de sua liberdade torna-se ao mesmo tempo o mérito e a recompensa, e ela prepara para si uma felicidade inalterável, combatendo suas paixões terrestres e conservando-se em sua primeira vontade. (ROUSSEAU, 2004a, p. 415).

Apesar da alma relacionar toda a realidade com as percepções que o corpo empreende, ela deve utilizar a razão para que possa compreender, mas deve ordenar suas ações valendo-se da virtude, pois estará apelando para a consciência. O homem que vive em sociedade pensa e sente, e muitas vezes, permanece indeciso, entre os apelos do corpo e da alma, pois estes são contraditórios.

A virtude seria a mediadora, a responsável por ordenar as ações humanas e equilibrar a realidade. Seria a capacidade humana para orientar a vida individual e consequentemente, a vida social, já que é uma espécie de conversão à ordem natural, sendo capaz de bem conduzir a transformação do homem que vive numa sociedade, assim como toda a sociedade, e que acaba se tornando uma espécie de constatação da existência do estado de pureza original do homem.

A virtude do jardineiro reside nessa conversão. Converter-se à ordem da natureza não significa tornar-se o bom selvagem dos tempos primitivos. Mas, apreender o pressuposto da originalidade para bem conduzir o processo de reconfiguração do homem numa sociedade corrompida, bem como a reconfiguração da própria sociedade. (PAIVA, 2009, p. 176).

Assim, considerando as análises feitas, talvez se possa afirmar que Jean-Jacques Rousseau provocou uma espécie de revolução na educação da sociedade do seu tempo, pois abordou questões decisivas no que se refere à análise do corpo, e de outros aspectos também importantes para a formação do homem. Ao falar do sentimento, das experiências individuais necessárias no processo educativo, além do autoconhecimento, controle das paixões e formação da virtude, provocou um efeito extraordinário, pois colocou em discussão a individualidade do sujeito. A partir daí, a magnitude de suas ideias, acaba dando um novo direcionamento às análises relativas ao homem e a vida em sociedade, e começa a ameaçar os limites estabelecidos pelas forças do entendimento reflexivo, no qual se baseava a cultura do Séc. XVIII.

Talvez a sua proposta seja uma tentativa de demonstrar a necessidade de equilibrar as contraditórias dimensões presentes na complexa natureza do homem, valorizando no processo de formação, não apenas a razão, mas também o sentimento, de modo que este, ao entender a realidade, possa ter a liberdade de escolher o caminho que mais lhe satisfaz, que mais condiz com sua vontade; e nesse sentido, seu corpo será a peça fundamental de todo o processo de construção individual e social, cujo começo, meio e fim dependerá de sua ação.

CONCLUSÃO

A análise antropológica de Rousseau serviu como referencial para demonstrar que o corpo passa a ser um instrumento capaz de ajudar a descrever a própria história do homem, sendo interpretado como o elemento que explica a progressiva mudança das experiências, comportamento e atitudes humanas, já que as próprias condições materiais de vida acabam por interferir em sua individualidade, favorecendo o desenvolvimento de atividades funcionais que permitem seu aprimoramento biológico através dos movimentos que realiza no meio em que vive para ocupar o seu lugar.

Seguindo as etapas de desenvolvimento propostas pelo autor e descrevendo as condições de vida que explicam a história humana, foi discutido no primeiro capítulo o significado do corpo do homem no estado natural, especificando suas experiências e suas vivências individuais, já que seu corpo é o instrumento que possibilita lutar pela sua sobrevivência, se adaptar às exigências naturais, se localizar no espaço, sentir plenamente a vida, quer seja por intermédio do prazer como da dor.

Nesse momento da história, como o homem não desenvolveu sua capacidade de raciocinar, estava entregue aos seus instintos, estes que comandavam seu corpo e sua vida de maneira plena, e por isso, o homem vivia em equilíbrio perfeito com a natureza, vivia ingenuamente, feliz e saudável, pois nada se contrapunha a sua vontade, aos seus desejos. Sua vida se resumia unicamente às suas necessidades internas, sobretudo, a alimentação, o repouso e a reprodução e que direcionavam suas ações, seu comportamento, suas escolhas.

O homem desse período não se distingue dos animais, porque é movido por forças instintivas, que mobilizam seu ser em todos os sentidos, sendo desprovido da capacidade de abstrair, imaginar, raciocinar, e nesse sentido, este, apenas reage aos estímulos da natureza, considerando unicamente a sua sobrevivência; daí ser desprovido de humanidade, já que não consegue organizar a realidade, muito menos dá significado às suas experiências

Apesar de estar ainda bem próximo da animalidade, o homem natural de Rousseau possui um corpo que se difere de todos os outros animais, pois o desenvolvimento da sua constituição física irá elevar a sua condição, fazendo dele um ser diferenciado, já que se constitui na raiz que o prende à existência e alimenta os seus propósitos. Mas, ao mesmo tempo o corpo do homem acaba por isolá-lo, separando-o dos demais, porque como ainda consegue viver com a força e a agilidade que possui, não necessita da ajuda do outro. Vivendo

isolado, livre e independente, o homem natural é autocentrado, e sua atenção se volta apenas para a sua individualidade, sua autossatisfação.

O Segundo Capítulo procurou demonstrar que a partir da vida social, a vida do homem se modifica em todos os sentidos, pois as modificações biológicas que estruturam o corpo humano o levam a desenvolver as faculdades cognitivas e com estas, toda a dinâmica da vida humana, abrindo a possibilidade de uma construção histórica e cultural, e com estas, um sistema linguístico, social, ético, estético, econômico, político etc., que contribuíram para determinar e alterar profundamente o comportamento do homem.

Com a socialização, as pessoas passam a observar o outro de maneira mais específica, e nesse sentido, o corpo se torna um condicionante, pois é o fator que aproxima as pessoas, já que ele observa e é observado minuciosamente. E todos os atributos físicos que enaltecem ou diminuem os indivíduos são percebidos e se destacam, levando os mais fortes, mais belos, mais eloqüentes etc., a serem reconhecidos e desejados, além de exercerem uma espécie de poder sobre os demais.

Nas experiências coletivas, o corpo é um facilitador no processo de interação presente nas diferentes formas de expressão no mundo, funcionando também como um diferencial que possibilita sobressair às diferenças, isto porque, ele promove o processo de comparação, esta que introduz a ideia de beleza, de estima, de consideração, de reconhecimento, de preferência, de afeição, de amor, além de criar valores, e que acaba por promover uma mudança decisiva na vida humana. A aparência se torna o ponto central utilizado para chamar a atenção dos demais, já que é por meio dela que as pessoas insinuam-se, mostram-se e lançam-se na experiência coletiva.

Na vida em sociedade surge a necessidade de normas (o proibido, o permitido), as interdições, a vontade, e os desejos humanos acabam limitados pela moral, esta que visa equilibrar a vida coletiva, regulando o exercício da liberdade e da autonomia, porque determina e controla o comportamento humano e o corpo, pois como uma espécie de modelagem, condiciona o homem pela uniformidade dos costumes, abafando seus desejos, impregnando-os de artificialidades e distanciando-o da sua natureza interna.

Com a repressão dos instintos, gera-se um conflito interno no indivíduo, e este, sem saber se recorre aos seus desejos ou às normas sociais, acaba se enfraquecendo e originando mazelas e doenças. Para Rousseau, é uma forma de degeneração do corpo e da alma humana, em que o homem acaba destruindo sua verdadeira identidade e mascarando a sua natureza, esta que acaba ocultada no processo social, apesar de ainda permanecer viva.

O Terceiro Capítulo procurou analisar a relevância do corpo no processo educativo, considerando que a proposta educativa de Rousseau torna-se imprescindível, a partir do momento que tenta buscar uma forma de evitar a degeneração da alma humana, tendo como objetivo ajudar o homem a resgatar a antiga relação que empreendia com a natureza, no sentido de religá-lo com seus sentimentos originais, visando enaltecer as características presentes na alma humana para reformular a ação do homem na sociedade, no mundo.

A intenção foi demonstrar que a educação integral proposta por Rousseau, concede atenção especial ao corpo, pois para formar o homem, o corpo não pode ser ignorado, se constituindo em um elemento essencial no processo de aprendizagem da criança, e contribuindo positivamente para a saúde física e psíquica, além de favorecer ao bem-estar e autonomia. O corpo é o primeiro estágio a ser trabalhado no processo educativo, sendo preciso ensinar a criança a aprender a conhecer-se e preservar-se, visando desenvolver seus sentimentos, além de aprender a perceber o mundo e agir, já que utilizando seus sentidos e suas faculdades, exercita suas potencialidades internas através de atividades como comparar, refletir, meditar etc., e que lhe permitem examinar o que sente.

Ensinando ao homem a usar o seu corpo, Rousseau ressalta o valor da sensibilidade, esta que deve ser estimulada para proporcionar ao indivíduo uma vida autônoma, porque através das experiências sensoriais, será capaz de entender a reação que as dores e as emoções produzem em seu interior, até que possa aprender a dimensionar as suas forças para realizar-se plenamente como homem, tomando consciência de si, e não sendo governando por forças externas. Além disso, o corpo também serve de base para a estruturação do próprio pensamento, pois tudo que chega ao entendimento humano vem por intermédio dos sentidos.

A proposta educativa de Rousseau também visa levar o homem a olhar para si, para suas percepções, seus desejos, sem negar a importância da experiência social. A educação quando voltada para o corpo também auxilia o homem a redefinir suas atitudes e comportamento, porque, através das experiências concretas, dará atenção especial ao seu referencial interno, ao autoconhecimento, no sentido de voltar-se para si, pois ao se perceber (corpo, razão e sentimento), o homem será capaz de interferir em sua existência; ao voltar-se para si mesmo, poderá conhecer e avaliar a sua realidade, relacionando o mundo interno com o mundo externo, o pensar e o agir, a razão e a emoção, o pensar e o sentir, o corpo e a alma, de modo a ampliar a sua percepção e buscar soluções para os problemas que surgem.

A pesquisa tentou mostrar também que educação que valoriza o corpo auxilia no controle das paixões, pois como o homem vive em sociedade, não pode mais agir impulsionado apenas por seus instintos, sendo preciso aprender a gerenciar as sensações do

corpo, já que as normas estabelecidas impõem limites que devem ser respeitados, visando o bem comum. Dessa forma, torna-se necessário uma educação que ensine o homem a agir de modo a afetar a alma, de modo a desenvolver um corpo forte e saudável capaz de obedecê-la, no sentido desta ter autonomia para agir.

Para ter uma vida coletiva satisfatória, o homem deve aprender a controlar e dominar as paixões, o que não deixa de ser um desafio, porque é uma espécie de renúncia de sua própria natureza. E para isso, faz-se necessário a moral, a fim de ensinar ao homem as condições necessárias para que possa fazer as escolhas certas, de modo a acostumar os sentidos do corpo para viver socialmente, promovendo a integração com o meio em que vive, e especialmente com os outros corpos.

Para que o homem possa fazer as escolhas éticas e morais capazes de forçá-lo a resistir aos ímpetos das suas necessidades individuais e garantir a vida social, será necessário desenvolver as virtudes, que para Rousseau, se encontram no interior do próprio homem, sendo na verdade, uma espécie de unidade interna, capaz de orientá-lo para que este possa decidir por conta própria como agir. A virtude está na consciência do homem e ambas estão presentes em seu corpo, sendo a representação da sua interioridade, mas que se manifestam a partir da ação do corpo no mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Miguel Almir L. de. **Educação e Auto-conhecimento**. CETRANS. Centro de Educação Transdisciplinar. Belo Horizonte: 1995.

BONITO, Jorge. **Os Nossos Primeiros Passos de Adaptação Social**. Revista Brotéria Genética, p. 33-41. Lisboa: XVII (XCII), 1996.

BURGENER, Louis. **L'éducation Corporelle selon Rousseau et Pestlozzi**. Paris: Librairie J. Vrin, 1973.

CASSIRER, Ernst. **A Questão Jean-Jacques Rousseau**. Trad. Erlon José Paschal; Jézio Guitierre. São Paulo/SP: Editora UNESP, 1999.

CORBIN, Alan; VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques (orgs.) **A História do Corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010. Vol. 1/2/3.

COSTA, Israel Alexandria. **Rousseau e a Origem do Mal**. 2005, 145 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia – Salvador/Ba.

DERATHÉ, Robert. **L' homme selon Rousseau**. In: *Pensée de Rousseau*. Paris: Éditions du Seuil. 1984.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: O Bom Selvagem**. São Paulo/SP: FTD, 1996 (Coleção Prazer em Conhecer).

FREITAS, Jacira de. **Rousseau: Movimento, Imitação e Arte**. Revista Filosofia. Ano VII, no. 74. PNDE Periódicos, 2012.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir - Corporeidade e Educação**. Campinas: Papyrus, 2010.

HERMANN, Nadja. **Virtude e Amor em Rousseau**. História da Educação Vol. 17, no 41, Santa Maria/RS, Sept./Dec., 2013.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução: Marie-Agnes Chauvel. São Pauli/SP: Brasiliense, 2000.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do Homem**. In Antropologia Estrutural Dois. Tradução de Tânia Jatobá. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1993, pg. 41-51).

LOURO, Guacira Lopes; Jane Felipe; Silvana Goellner (Organizadoras). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.

MATTHEWS-GRIECO, Sara F..**Corpo e Sexualidade na Europa do Antigo Regime**. In. Corbin, Courtine e Vigarello. Petrópolis/RJ: Vozes,2010.

MONTAIGNE, M. **Ensaaios**. São Paulo/SP: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores).

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Quem Somos Nós? O enigma do corpo**. B. Horizonte/MG: Editora Gutenberg, 2004.

NEVES, Walter A.. **Origem do Universo e do Homem**. No princípio era o macaco! Estudos Avançados. Vol. 20. no 58. São Paulo/SP, Sept./Dec., 2006.

PAIVA, Wilson Alves de. **Emílio: Texto e Contexto**. Revista Portuguesa de Filosofia. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

PAIVA, Wilson Alves de. **A formação do Homem no Emílio de Rousseau**. Revista Educação e Pesquisa. V. 33 São Paulo/SP: Editora da UFG, 2007.

PAIVA, Wilson Alves de. **O Jardim de Rousseau e a Virtude do Jardineiro**. Cadernos de Ética e Filosofia Política, p. 147-178. São Paulo/SP. Editora UFG, 2009.

REIS, C.. **Unidade e Liberdade: O indivíduo segundo Jean-Jacques Rousseau.** Brasília: UnB, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Emílio ou Da Educação.** São Paulo/SP: Martins Fontes, 2004a.

----- **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens.** Trad. Lourdes Santos Machado; Paul Arbousse-Bastide; Lourival Gomes Machado. São Paulo/SP: Abril Cultural, 1978a (Os Pensadores).

----- **Discurso sobre as Ciências e as Artes.** Trad. Lourdes Santos Machado; Paul Arbousse-Bastide; Lourivl Gomes Machado. São Paulo/SP: Abril cultural, 1978b (Os Pensadores).

----- **Ensaio sobre a Origem das Línguas.** Trad. Lourdes Santos Machado; Paul Arbousse-Bastide; Lourivl Gomes Machado. São Paulo/SP: Abril cultural, 1978c (Os Pensadores).

----- **Do Contrato Social.** Trad. Lourdes Santos Machado; Paul Arbousse-Bastide; Lourivl Gomes Machado. São Paulo/SP: Abril cultural, 1978d (Os Pensadores).

----- **Carta a Chirstophe de Beaumont.** Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo/SP: IFCH/UNICAMP, 2004b.

ROTTERDÃ, Erasmo. **A Civilidade Pueril.** Lisboa: Estampa, 1978.

SANTOS, Robinson dos. **Considerações sobre a Perfectibilidade Humana a partir de Rousseau e Kant.** Estudos Kantianos, v.1, n 2, p.43-58, Marília/SP: 2013.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo;** seguido de Sete Ensaio sobre Rousseau. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo/SP: Cia. Das Letras, 1991.